



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Instituto de Letras

Daiane Cordeiro Brites Fernandes

A expressividade poética da linguagem em Cora Coralina

Rio de Janeiro

2023

Daiane Cordeiro Brites Fernandes

A expressividade poética da linguagem em Cora Coralina

Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de Concentração: Estudos de Língua.

Orientadora: Prof.^a Dra. Maria Teresa Gonçalves Pereira

Rio de Janeiro

2023

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/B

C788 Fernandes, Daiane Cordeiro Brites.
 A expressividade poética da linguagem em Cora Coralina / Daiane
 Cordeiro Brites Fernandes. – 2023.
 138 f.: il.

 Orientadora: Maria Teresa Gonçalves Pereira.
 Tese (doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto
 de Letras.

 1. Coralina, Cora, 1889-1985 - Crítica e interpretação - Teses. 2. Poesia
 brasileira – História e crítica - Teses. 3. Língua portuguesa – Estudo e ensino
 – Teses. I. Pereira, Maria Teresa Gonçalves, 1948-. II. Universidade do
 Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Letras. III. Título.

CDU 869.0(81)-95

Bibliotecária: Mirna Lindenbaum. CRB7 4916

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta tese,
desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Daiane Cordeiro Brites Fernandes

A expressividade poética da linguagem em Cora Coralina

Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de Concentração: Estudos de Língua.

Aprovada em 25 de julho de 2023.

Banca examinadora:

Prof.^a Dra. Maria Teresa Gonçalves Pereira (Orientadora)

Instituto de Letras – UERJ

Prof.^a Dra. Denise Salim Santos

Instituto de Letras – UERJ

Prof.^a Dra. Tania Maria Nunes de Lima Camara

Instituto de Letras – UERJ

Prof.^a Dr. Aytel Marcelo Teixeira da Fonseca

Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca

Prof.^a Dr. Fábio André Cardoso Coelho

Universidade Federal Fluminense

Rio de Janeiro

2023

DEDICATÓRIA

Aos meus filhos, Arthur e Afonso, minhas
inspirações diárias para continuar estudando.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por sua misericórdia.

À minha orientadora Maria Teresa por sua dedicação, incentivo e por me encorajar a nunca desistir. Se não fosse você, eu teria ficado pelo caminho. Obrigada por tanto!

Aos professores da banca por terem aceitado o convite e por colaborarem com o meu aprimoramento acadêmico. Em especial, às professoras Denise e Tânia pelos apontamentos em minha qualificação.

Ao meu marido Fernando Valentim por seu amor, compreensão e apoio para que eu pudesse concluir minha pesquisa.

Aos meus pais, Dirceu e Ilda, por me fazerem compreender a importância dos estudos.

À minha sogra, Rosangela, por cuidar dos meus bens mais preciosos para que eu pudesse concluir esta Tese.

À minha família por sempre me apoiar e acreditar em mim. Em especial, minha irmã Deise e minha sobrinha Júlia.

À minha amiga Fernanda Lessa pelos conselhos acadêmicos.

A todos os professores que passaram por minha vida e contribuíram para que eu chegasse até aqui.

Aos meus alunos e ex-alunos por me fazerem acreditar que a educação muda histórias.

À UERJ, minha casa desde a graduação, por tantos ensinamentos.

A todos, muito obrigada!

RESUMO

FERNANDES, Daiane Cordeiro Brites. *A expressividade poética da linguagem em Cora Coralina*. 2023. 138 f. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

A presente pesquisa está voltada para a abordagem estilística de poemas de Cora Coralina e para o uso deles em sala de aula. Primeiramente, são apreciados onze poemas da autora e a expressividade de cada um é comentada. Posteriormente, se expõe uma sequência didática adaptada realizada em sala de aula e cinco textos elaborados pelos alunos são analisados. Justifica-se este estudo uma vez que ainda são relativamente poucos os trabalhos e projetos que divulgam a obra de Cora Coralina. Assim, o objetivo geral desta Tese é aprofundar as pesquisas a respeito dos textos da autora e divulgá-los; e os objetivos específicos, enfatizar os aspectos estilísticos presentes na obra, identificar os fatores linguístico-expressivos que expõem uma linguagem original, apresentar uma língua literária acessível à população comum e utilizar a obra da autora em sala de aula. Esta pesquisa utilizou a metodologia da pesquisa qualitativa (Moreira e Caleffe, 2008) com o objetivo de discorrer sobre elementos relevantes do texto da autora; e a metodologia da pesquisa-ação (Thiollent, 2009) já que os alunos foram sujeitos ativos do estudo quando os textos de Cora Coralina foram trabalhados em sala de aula. Diversos autores foram importantes para a fundamentação teórica do estudo, dentre eles: Mattoso Câmara Jr. (1978 e 2004), Nilce Sant'Anna Martins (2012), Evanildo Bechara (2019), Marcel Cressot (1947) e Goiandira Ortiz de Camargo (2006). Diante do exposto, enfatiza-se que a pesquisa busca divulgar a obra de Cora Coralina que, além dos aspectos estilísticos abordados, trata de temas muito importantes para a atualidade, por exemplo: infância respeitosa, independência feminina e valorização do seu lugar, nas suas memórias.

Palavras-chave: Cora Coralina. Linguagem. Expressividade. Ensino.

ABSTRACT

FERNANDES, Daiane Cordeiro Brites. *The poetic expressiveness in Cora Coralina's language*. 2023. 138 f. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

The present research is focused on the stylistic approach of Cora Coralina's poems, and their use in classroom. At first, eleven poems of the author are selected and the expressiveness of each of them is commented. Then, a adapted didactic sequence used in classroom is presented and five texts produced by students are analyzed. The study is justified by the lack of essays and projects that disclose Cora Coralina's work. Therefore, the general goal of the present Thesis is to deepen the research towards the author's work and disclose it; the specific goals are: to emphasize the stylistic aspects present in the author's writings, to identify the linguistic-expressive factors that expose an original language, to present a literary language that is accessible to common people and to use the author's work in classroom. This research has used the qualitative research methodology (Moreira and Caleffe, 2008) with the aim to discuss the relevant elements of the author's text, and the methodology of research-action (Thiollent, 2009) since the students were active individuals while Cora Coralina's texts were presented in classroom. Many authors were important for the theoretical foundation of this study, such as Mattoso Câmara Jr. (1978 and 2004), Nilce Sant'Anna Martins (2012), Evanildo Bechara (2019), Marcel Cressot (1947) and Goiandira Ortiz de Camargo (2006). In the light of the foregoing, it is relevant to emphasize that the research seeks to disseminate the work of Cora Coralina, which in addition to the stylistic aspects approached, deals with very importante themes of the present, like respectful childhood, female independence and the appreciation of her place, in her memories.

Keywords: Cora Coralina. Language. Expressiveness. Teaching.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
1 CORA CORALINA NO CONTEXTO DA LITERATURA E CULTURA BRASILEIRA.....	12
2 ESTILO E ESTILÍSTICA NA POESIA E NO POEMA.....	21
2.1 Conceitos Relevantes de Estilo e Estilística.....	21
2.2 Conceituação de Poesia.....	27
2.3 Conceituação do Gênero Poema.....	28
3 ASPECTOS METODOLÓGICOS.....	33
4 ESTILÍSTICA E ESTUDO DA EXPRESSIVIDADE NA OBRA DE CORA CORALINA.....	38
4.1 Recursos Linguístico-expressivos do Som.....	40
4.2 Recursos Linguístico-expressivos da Palavra.....	43
4.3 Recursos Linguístico-expressivos da Frase.....	49
5 ANÁLISE DOS POEMAS SELECIONADOS.....	54
6 LETRAMENTO LITERÁRIO: UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA.....	94
6.1 Leitura e Produção de Texto como Processo de Ensino de Língua Portuguesa.....	97
6.2 Apresentação da Proposta de Intervenção.....	101
6.3 Produções dos Alunos.....	102
6.4 Resultados da Proposta de Intervenção.....	110
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	113
REFERÊNCIAS.....	117
APÊNDICE A – Cora Coralina em sala de aula.....	120
APÊNDICE B – Apresentação de alguns poemas de Cora Coralina para a turma.....	122
APÊNDICE C – Reflexões sobre o poema Cora Coralina, Quem É Você? e escrita do texto final pelos alunos.....	132
ANEXO A – Texto original da aluna A.....	134
ANEXO B – Texto original do aluno B.....	135
ANEXO C – Texto original do aluno C.....	136
ANEXO D – Texto original do aluno D.....	137
ANEXO E – Texto original do aluno E.....	138

INTRODUÇÃO

A obra da poetisa e contista Cora Coralina (1889-1985), pseudônimo de Anna Lins dos Guimarães Peixoto Bretas, é de grande relevância para a Literatura Brasileira, principalmente no que diz respeito à caracterização da Cidade de Goiás (GO), antiga Vila Boa, e de seus habitantes. A essência da produção da autora constitui-se de relatos de sua memória autobiográfica. Por isso, é factível afirmar que, neste caso, seus textos e seu modo de vida são inseparáveis e essenciais para que deles se tenha ampla compreensão. Outra característica marcante nas obras é seu olhar crítico e à frente do seu tempo com mostras recorrentes de firmeza nas decisões e autenticidade, algo incomum em mulheres contemporâneas a ela.

Apesar de começar a escrever ainda adolescente, a publicação de seus textos aconteceu tardiamente, e muito do que escreveu só foi divulgado após sua morte. A obra de Cora Coralina pode ser dividida em: Poesia – *Poemas dos Becos de Goiás e estórias mais*; *Meu Livro de Cordel*; *Vintém de Cobre*. Prosa – *Estórias da Casa Velha da Ponte*; *Tesouro da Casa Velha*; *Vila Boa de Goyaz*. Literatura infantil – *Os Meninos Verdes*; *A Moeda de Ouro que o Pato Engoliu*; *O Prato Azul-Pombinho*. No entanto, nesta pesquisa, o foco estará direcionado para os poemas selecionados para análise.

A motivação e o interesse em estudar a obra de Cora Coralina adveio do entusiasmo pelos recursos expressivos utilizados para a materialização dos diversos gêneros. Isso significa que, para tal análise se efetivar, é preciso um olhar aguçado com o intuito de perceber os fenômenos da linguagem na composição de determinado gênero e de entendê-los. Além disso, é oportuno também observar o valor da expressividade e o seu papel na leitura e na compreensão, o que possibilita diversas análises e reflexões sobre realidades, às vezes, desconhecidas pelo leitor.

Desse modo, o objetivo geral desta pesquisa é aprofundar os estudos no tocante à obra de Cora Coralina e difundi-la a fim de que sua produção seja lida, valorizada e aproveitada para fins diversos tanto no ambiente acadêmico quanto nas salas de aula do ensino fundamental.

Como objetivos específicos, pode-se destacar a análise da obra poética de Cora Coralina sob o ponto de vista da Língua Portuguesa, enfatizando os aspectos relacionados à

estilística. Propõe-se também identificar os fatores linguístico-expressivos que mostram a existência de uma linguagem própria, original e, ao mesmo tempo, tão próxima ao povo, podendo fazer alusão à estrutura de uma língua literária acessível e que descreve momentos de sua história. Tal estrutura será analisada por meio de critérios estéticos que visam à observação da obra através das experiências da poetisa ao longo da vida.

As análises aqui expostas acontecem, pois é necessário conhecer melhor a obra de Cora Coralina, estudá-la e divulgá-la, já que é uma das autoras brasileiras da maior relevância e que trouxe Goiás para o centro de diversas discussões. É fundamental que as novas gerações, nas escolas, conheçam seu trabalho, que não é tão divulgado quanto deveria.

Com a finalidade de obter clareza e organização dos nossos pontos de vista e das teorias que fundamentam esta Tese, ela foi dividida em seis capítulos, além da introdução e das considerações finais. O primeiro capítulo trata especificamente da autora Cora Coralina, de suas vivências em Goiás e de sua experiência como doceira. Além disso, é apresentada uma discussão a respeito de sua escrita ser autobiográfica, conforme teoria de Philippe Lejeune (2008).

O segundo capítulo expõe as concepções de estilo e estilística de alguns dos autores mais renomados sobre o assunto. Mattoso Câmara Jr. (2004) e Nilce Sant'Anna Martins (2012), por exemplo, são estudados e os recursos estilísticos apresentados por eles são pormenorizados. Vê-se também a conceituação de poesia e a importância da escrita poética nos textos de Cora Coralina. No que diz respeito ao gênero textual poema, ele é mostrado e detalhado. Além disso, são trazidas as visões da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) a respeito do ensino de Língua Portuguesa e da utilização do gênero poema em sala de aula.

O terceiro capítulo ocupa-se da metodologia utilizada para a realização desta pesquisa. Optou-se por trabalhar com uma metodologia da pesquisa qualitativa (Moreira e Caleffe, 2008), que tem por objetivo o estudo das marcas expressivas fortes e originais, além da análise dos recursos estilísticos mais produtivos que ajudam a compor o acervo composicional de Cora Coralina. Torna-se significativo, então, pesquisar o estilo a partir da recorrência dos fatos linguísticos por ela utilizados. Também foi adotado o conceito de pesquisa-ação (Thiollent, 2009), uma vez que os alunos foram sujeitos ativos na realização da sequência didática adaptada (Dolz, Noverraz e Schneuwly, 2004) proposta em sala de aula.

O quarto capítulo trata da expressividade na obra de Cora Coralina. Nele são abordadas as particularidades da estilística e esmiuçados os recursos linguístico-expressivos do som, da palavra e da frase. São utilizados exemplos retirados da obra da autora para que se perceba como ela fazia uso de tais recursos. Assim, é possível explorar a linguagem dos textos, observando, com a ajuda da estilística, a Língua Portuguesa na prática da poetisa, frisando os recursos linguístico-expressivos.

O quinto capítulo debruça-se sobre os poemas de Cora Coralina selecionados para esta pesquisa e os analisa com base na expressividade e nos recursos utilizados por ela. A Tese se organiza por meio de uma seleção de textos da autora, especialmente aqueles cujo conteúdo mostra o contexto histórico, familiar e geográfico que resumem o seu universo poético. São poemas que retratam diversas fases da sua vida, que não devem ser entendidos de uma única maneira, mas dentro de seus contextos. É necessário identificar no *corpus* os recursos que permitirão estabelecer uma linguagem e um estilo peculiares.

O sexto capítulo revela o conceito de letramento literário e sua importância para o aperfeiçoamento da leitura dos alunos. Além disso, explicita a proposta de intervenção, mostrando cada uma de suas etapas e apresenta a análise de alguns textos dos alunos para que se possa compreender o resultado da escrita deles. Posteriormente, é feita a análise da proposta e de sua importância para a melhora da escrita dos educandos.

Por fim, no último capítulo, é realizada a análise de toda a pesquisa e de seus resultados positivos. Sabe-se que o dia a dia da escola pública – foco deste estudo – com o ensino de adolescentes é tarefa bastante desafiadora, pois os educandos externam uma série de dificuldades que fazem com que o ensino para eles precise ser específico. Isso diz respeito ao fator econômico, ao fator social, às inter-relações e às experiências de vida. Nem tudo lhes atrai a atenção, lhes envolve ou lhes estimula a continuar os estudos. E, frequentemente, nós, professores, não conseguimos ou podemos colaborar com tais demandas. Em alguns casos, a carência de conhecimentos desta idade faz com que o trabalho se torne ainda mais difícil. Nesta perspectiva, a leitura da obra de Cora Coralina é de grande importância para aumentar o repertório dos alunos e ampliar as capacidades de entendimento de suas realidades.

Ratifica-se que o estudo foi possibilitado, principalmente, pela grande variedade de recursos expressivos encontrados nos textos. Além disso, pelo fato de a obra ser rica em detalhes instigantes e não muito lembrada em pesquisas acadêmicas, esse é mais um motivo para que retomemos o legado literário de Cora Coralina.

Como professora de Língua Portuguesa do ensino fundamental, é de meu interesse ainda buscar procedimentos de abordagem mais atraentes para o ensino da língua materna. Extrapolando os limites da gramática como elementos isolados, espera-se que, com o auxílio de um *corpus* como o de Cora Coralina, o discente infira uma realidade linguística reconsiderando suas concepções de mundo e incluindo novas práticas para socializá-las após reflexões pessoais.

1 CORA CORALINA NO CONTEXTO DA LITERATURA E CULTURA BRASILEIRA

Como já mencionado, Cora Coralina, pseudônimo de Anna Lins dos Guimarães Peixoto Bretas, nasceu em vinte de agosto de 1889 e faleceu em dez de abril de 1985. Sua vida como poetisa foi exposta para o público quando tinha setenta e seis anos e publicou seu primeiro livro. Chama a atenção o fato de uma mulher com escolaridade até a terceira série do ensino primário escrever versos tão primorosos e ricos em conteúdo e experiências.

Mulher forte e à frente do seu tempo, Cora Coralina se destacou na escrita de poemas e prosas com sua linguagem simples, próxima ao povo e, ao mesmo tempo, com tanto significado.

Cantou em seus poemas as dores e as angústias de ser mulher, pobre e do interior do Brasil. Mostrou também sua força na superação dos problemas e levou, em seus textos, a representação do povo brasileiro que não desiste e vence suas dificuldades. Camargo afirma a este respeito que

Pode-se dizer que o épico em Cora Coralina aparece motivado por experiências vividas em sua comunidade. Em sociedades como a de Goiás no início do século XX, dividida pelas fronteiras entre o urbano e o rural, a individualidade ainda não se despregara totalmente do modo de vida em grupo, próprio das sociedades arcaicas. Tanto que o sujeito poético em Cora Coralina se inscreve nos acontecimentos da comunidade que ela relembra, na medida em que, mesmo não vividos por ela, são apropriados pelo ouvir de outros e entremeados à sua experiência de vida, responsável pela inflexão lírica do poema. Ou seja, o sujeito poético se impregna do que narra, não se colocando de modo imutável e distante do universo representado. As narrativas da memória, quando intensamente marcadas pela subjetividade, comprovam isso: os movimentos da recordação, própria do lírico, pontuam a memória, espaço da narração épica. (2006, p. 59)

Em tempos nos quais a mulher possuía bem menos voz do que atualmente, Cora Coralina se fez relevante e capaz de chamar a atenção de um dos autores mais importantes do Brasil, Carlos Drummond de Andrade. A poetisa tratou da temática das mulheres, das crianças e das suas dores e angústias de uma forma que aproxima o seu público, o brasileiro comum, dela.

O trabalho como doceira, além de trazer seu sustento, mostra a luta para ter uma vida digna em meio às dificuldades cotidianas. Elaborar e comercializar doces, que a autora julgava melhores que seus escritos, tornou-se o modo de sustento de sua família por quase quinze anos – desde o final dos anos de 1950, quando se tornou viúva ainda jovem e retornou

a Goiás, que havia deixado por mais de quarenta anos. É a superação da mulher brasileira exposta em textos fortes, porém de linguagem simples, que atravessam a barreira de um povo que ainda não tem tanto o gosto pela leitura.

A autora nasceu na Cidade de Goiás e sobre ela escreveu. Sua obra retrata Goiás, suas peculiaridades e seu tempo, é o símbolo de sua vida e de sua história e, por isso mesmo, seu repertório pode ser considerado autobiográfico, já que falava em tom que o povo local conseguia alcançar. Não era Cora uma letrada distante dos demais, por esse motivo, adotou um tom coloquial para os textos, nunca simplórios, porém. Como afirma Denófrio,

A poesia de Cora Coralina assumiu a cor local, adotou o tom coloquial que se buscou e um nacionalismo jamais simplório. E foi além, construindo, às vezes, metáforas próprias de um virtuose, como se pode ver em *Vintém de cobre*, no poema “Meu vintém perdido”: “ao fundo o relâmpago longínquo de uma certeza”. E, na mesma obra, no belíssimo “A gleba me transfigura”, estes versos metalinguísticos, que terminam sinestésicos, de uma imagética invejável: “Meus versos têm relances de enxada, gume de foice e / peso de machado. / Cheiro de currais e gosto de terra”. Pode-se acreditar que esta mulher cursou apenas alguns anos do Ensino Fundamental? (2008, p. 29)

Em sua vida familiar, passou por dificuldades desde criança, como ela própria revela em seus poemas. Afirmar ter sido a filha do meio que ocupava o pior lugar, não linda e mimada como as mais velhas e nem a caçula, foi filha sem pai, pois ele morreu quando ainda era muito pequena, e precisou crescer e amadurecer mesmo com as dificuldades impostas pela vida. No poema *Minha Infância*, retrata um pouco das angústias sofridas nos tempos de criança, seus medos, suas tristezas e, segundo ela, sua feiura. Os reflexos dos traumas a rondavam ainda na vida adulta, ela fala do seu desejo de se esconder, uma vez que, em seu processo de amadurecimento, ainda na infância, foi intimidada, diminuída e incompreendida.

Assim, a poetisa vai narrando ao longo de seus diversos poemas as lutas que precisou travar desde pequena pela sobrevivência não só de sua vida, para não se deixar abater pelo tratamento familiar que recebia, como também para que pudesse escrever. Passados os anos, a menina cresceu, porém as lutas seguiram em seu destino. Há relatos de que poderia ter publicado seus livros antes, no entanto não conseguiu permissão do marido para tal. Em seu tempo, a mulher deveria ser discreta e não conhecida, publicar a deixaria exposta, recuou mais uma vez. Sem desistir, continuava escrevendo, apesar de seu ofício para sobreviver: a criação e venda de doces. Ao longo de sua obra, é possível ver os detalhes da imagem feminina de sua época, Teixeira discorre a respeito:

A poesia de Cora, rica em imagens femininas, representa as muitas vivências e ambiguidades da mulher brasileira. Escrevendo sobre seu passado em Goiás, sobre a vida de Aninha, nossa poeta revela o cotidiano, as tarefas, os papéis, as regras e costumes de diferentes mulheres. Elas são as escravas da fazenda, as filhas das escravas, as meninas de sua família, a mulher da vida, a mulher moderna. Nesses relatos poéticos vemos a riqueza das possibilidades que se abrem: o olhar e a escrita de uma mulher sobre outras; e, através da lírica de Cora Coralina, a análise do que era ser mulher em fins do século XIX e transcorrer do século XX, no Brasil. (2006, p. 37)

Carlos Drummond de Andrade teve contato com a obra de Cora Coralina e a apresentou para o Brasil, deu voz à doceira, mostrando para o público seus escritos consoantes com as obras dos modernistas, mesmo sem ela contatá-los. Apesar da distância física desses autores, estava em um lugar poético próximo a eles. Assim, além de apresentar uma obra primorosa em diversos sentidos, chamou a atenção de Drummond. No que diz respeito à Semana de Arte Moderna, Cora Coralina poderia ter participado, foi convidada, pois já era sabido que era uma autora com textos relevantes, todavia, novamente, não recebeu permissão do marido para tal exposição, só retardando o conhecimento do público.

Rompendo com a arte tradicional, Cora Coralina, mesmo que não de forma intencional, utilizou conceitos propagados pelos modernistas. Em seus poemas, raramente faz uso de rimas, normalmente é prolixa e não se preocupa com a métrica. Os textos discorrem em tom coloquial e lírico-narrativos, é o tempo passando, é uma conversa, é a vida fluindo em cada tom e em cada assunto abordado.

Atualmente as desigualdades entre mulheres e homens, relacionando o gênero ao trabalho, ao comando e à atitude de discriminação fundamentada no sexo se transformaram em interesse de pesquisas de diversas áreas e em realidade social importante em nosso país. No princípio do século XX, todavia, as mulheres não tinham o mesmo destaque da atualidade. Muitas não trabalhavam fora, não tinham renda própria e, também por isso, necessitavam de seus cônjuges e precisavam de suas autorizações para tudo.

Apesar de o século XX trazer conquistas importantes para o contexto feminino como, por exemplo, a pílula anticoncepcional, a introdução das mulheres no mercado de trabalho e nos processos produtivos e o direito ao voto, ainda assim, foi apenas o início de uma busca por direitos iguais que perdura até hoje. Com Cora Coralina não foi diferente, era mãe, dona de casa e doceira. Não teve muitas oportunidades de estudo e só conseguiu publicar no final de sua vida, após cumprir o seu papel de mulher comum e executar seus compromissos rotineiros. Se ainda hoje buscamos por igualdade, no início do século passado, as dificuldades eram significativamente maiores.

Sobre os estudos de Cora Coralina, Teixeira afirma:

Ela registra o fato de ter tido em sua infância apenas uma professora, a mestra Silvina, com quem fez a escola primária: “a única escola de minha vida”. Segundo ela, cresceu plena de deficiências escolares que tentou superar pela leitura. Eram mulheres como sua mãe e sua avó, sobretudo, que justificavam este “pouco ensino”, dizendo que “menina sabichona não servia pra casar”. A narrativa de seu passado constitui rico registro da educação social e familiar de seu tempo, que preparava as moças para cumprirem seu papel social definido, o de serem boas esposas e mães. (2006, p. 56)

É interessante observar a análise de Cora Coralina a respeito do tratamento concedido às crianças, já que em sua obra é possível perceber um olhar atento à infância no que diz respeito à instrução. Em diversos contos e poemas, a autora destaca que as crianças são muito sensíveis ao ambiente que as cerca, não são ingênuas, apáticas e inaptas, como acreditavam e procediam a maioria dos adultos, para que assim fundamentassem ações violentas contra os menores. No que diz respeito à sua evolução escolar, existem os apontamentos de suas recordações de aprendizagem dos primeiros escritos, no muito reconhecido poema *A escola da Mestra Silvina*. É importante entender que a autora mostrou a escola como um lugar angustiante, no poema referido e em outros, ao evidenciar e expor o modo como aconteceu sua instrução escolar, a ordenação do tempo no local de ensino, os intervalos (merenda, provas, resultados, recessos) e a habitualmente presente palmatória. Tal tema é frequente e marcante em sua obra.

A análise dos conceitos fornecidos em Cora Coralina guia também para o reconhecimento de significativos entendimentos da história e da sociedade de Goiás. A longa vida da autora colaborou para que sua produção demonstrasse diferentes influências e simbolizasse elementos que, somados, permitem restabelecer as conexões entre sexos, classes e gerações, os conflitos pelo poder, as reproduções dos modos de vida, princípios e crenças, em suma, as interferências entre os seres humanos e a sociedade na qual se inseriram, sua cidade.

De que maneira o contexto poderia motivar o texto poético da autora e em que dimensão o texto exterioriza esse contexto? Os esforços para publicar, as escolhas estilísticas, a utilização de determinados temas e personagens, e assim por diante, são estratégias dentre as possibilidades e indicam sinais para que obtenhamos tal resposta.

Importa, então, analisar de que modo Cora Coralina expôs a sociedade de sua época. Quais os assuntos e os métodos utilizados? Quais os interlocutores mais relevantes? Como

constrói seu cenário ao longo do tempo? A respeito do tempo e da memória transmitida pela poetisa, Camargo afirma:

A memória não é só de Ana Lins, testemunha de um tempo comprovado nas referências históricas, em nomes de pessoas de sua contemporaneidade, datas, lugares e acontecimentos assinalados nos anais da história, como podemos encontrar em vários poemas. A memória, nesse sentido, é de uma coletividade, porque não só traz de volta ao coração as plangências do eu lírico, mas também confronta-se com o mundo, quando toma para si a palavra épica que se inscreve, à mercê do pulsar da poesia, na pedra fundadora da cidade. (2002, p. 78)

É importante conhecermos o espaço no qual aconteceram as relações narradas pelo imaginário da autora: a poética de Cora Coralina é a poética da cidade de Goiás. Não há como não perceber o laço profundo entre a autora e sua terra natal. Ela exterioriza sua escolha no notável poema *Minha Cidade: Goiás, minha cidade... / Eu sou aquela amorosa / de tuas ruas estreitas*, desse modo o introduz, apresentando-se como participante dos acontecimentos que narra. A respeito deste poema, Camargo diz:

Para finalizar este estudo da interface entre memória e poesia em cora coralina, venhos, a propósito, a lembrança do poema “Minha cidade”, que, encenando um movimento inverso ao dos descobridores das entradas e bandeiras, refunda a Cidade de Goiás poeticamente, através da palavra originária, que busca no desdobramento do eu lírico em casarios, igrejas, natureza, mulher e na figura de Aninha, a força criadora que sustenta verdadeiramente um povo. Assim, uma mesma cidade se funda duas vezes: a primeira é página da história que conta os atos heroicos, o desbravamento da região inóspita, a conquista e a submissão, seja da paisagem, seja dos primeiros habitantes da terra, os índios goyazes. Conquistada a terra a ferro e fogo, erguem-se os monumentos que guardam, de um lado, a glória e, de outro, a barbárie. A segunda se funda com base no que o povo conta e no que recriam os artistas. Cora Coralina, nesse poema, se apropria de sua terra, fundando-a novamente, agora com a sensibilidade de uma mulher-artista. (2002, p. 81)

A cidade de Goiás converteu-se em cenário para a criação dessa memória carregada de sentidos, percebidos e reconstituídos em uma atividade de emoções, sentimentos e análise crítica.

Outra questão relevante na obra da autora é a influência da passagem do tempo em suas produções. É possível perceber em seus escritos diversos momentos relevantes da vida, já que muitos de seus textos são autobiográficos. O período da infância é cheio de imagens e recordações do eu lírico, é um período da vida único e que não se repete. A representação criada através das recordações de uma infância cheia de condutas impostas é exposta nos versos da autora. O impedimento de brincar na rua e de falar mais alto ou gesticular são algumas determinações que a perturbavam. Pode-se observar isso por meio do eu lírico em alguns de seus poemas. O medo de se expressar é justificado por esta criação firme e inflexível, principalmente para meninas. É possível afirmar que tais imagens e recordações

possibilitam recapitular na memória do eu lírico um tempo infeliz e tenebroso. Bosi (1999, p.53) defende que “a lembrança é a sobrevivência do passado”. Logo, encontra-se em alguns de seus poemas conceitos que fazem o eu lírico recordar essa infância retraída e sufocada.

O teórico francês da escrita autobiográfica, Philippe Lejeune, classificou de pacto autobiográfico a declaração da personalidade autor-narrador-personagem, os três entendidos como um único ser. Lejeune (2008, p.10) explica o pacto autobiográfico como o “engajamento de um autor em contar diretamente sua vida (ou uma parte, ou um aspecto de sua vida) num espírito de verdade”. Assim, a pessoa que transmite o discurso precisa possibilitar que seja identificada dentro desse mesmo discurso, e é no nome próprio que indivíduo e discurso se associam, antes de se unirem na primeira pessoa. No caso da obra de Cora Coralina, é possível ver seu nome de batismo constantemente presente. São apresentadas sempre as histórias de Aninha, assim chamada desde a infância.

A autobiografia é tida primeiramente como um discurso literário, para posteriormente ser analisada em seus diversos modos de manifestação, tais como: nos estudos sociológicos, na linguagem cinematográfica, nas artes plásticas, na escrita de diários e cartas, na escrita de blogs e na poesia. Existe, então, uma grande variedade de escritos autobiográficos com suas diversas possibilidades de leituras.

No poema *Cora Coralina, Quem É Você?*, verifica-se já no título a associação entre a escritora e o discurso poético que será produzido. Trata-se de um poema longo que evidencia a construção de um eu lírico fruto de diversas posições históricas e sociais, que viveu ao longo do tempo, mostrando suas particularidades e seus desafios, chamando a atenção de como aquele sujeito poético estava dentro de um discurso feminino inovador.

A lembrança desempenha responsabilidades sociais e explicita perspectivas dos lugares e das pessoas que ali habitam e dividem suas memórias. As recordações estão ligadas a um povo, no caso de Cora Coralina, ao povo de Goiás. Como o alcance às lembranças se dá de modo particular, as impressões sempre serão singulares. Halbwachs a respeito do assunto revela que

[...]no primeiro plano da memória de um grupo se destacam as lembranças dos eventos e das experiências que dizem respeito à maioria dos seus membros e que resultam de sua própria vida ou de suas relações com os grupos mais próximos, os que estiveram mais frequentemente em contato com ele. (2003, p. 51)

Assim como Cora Coralina caracteriza o estado atual da casa velha da ponte, também torna possível que o leitor crie uma imagem daquele local. Desse modo, nos impacta com o estado desagradável do próprio imóvel. Ao longo dos textos, a autora retrata a casa como produto de anos de desmazelo, pela ausência de interesse em manter a história, sendo a casa o testemunho de um tempo não muito longe, no entanto já ignorado. Então, se percebe que as cidades se modificam, os becos ganham novas formas e novos habitantes, muitas casas e edifícios se modernizam e outros se deterioram ao longo do tempo. Tornam-se somente uma imagem da velhice e nem sempre são reconhecidos pelos antigos habitantes do local.

Os autores Fentress e Wickham discorrem sobre a propagação da lembrança e da história da memória coletiva, relatam a maneira como as duas estão interligadas, argumentando que, apenas quando nossas recordações são parte de nós, conseguimos dividi-las com outras pessoas. Na obra de Cora Coralina, é possível perceber como a escritora está ligada às suas memórias por meio dos seus textos autobiográficos. Os autores seguem afirmando:

Somos nós que recordamos e é a nós que, em última análise, se referem o conhecimento, as emoções e as imagens. O que se esconde nos modelos da memória como uma superfície na qual se inscrevem o conhecimento ou a experiência é a nossa própria presença como pano de fundo. Seja qual for a natureza da memória enquanto objecto puramente neurológico ou puramente epistemológico, não podemos conhecer nem sentir as nossas recordações a não ser que as <<pensamos>> primeiro; e quando <<pensamos>> as nossas recordações, evocando-as e articulando-as, elas deixam de ser objectos e passam a fazer parte de nós (1992, p. 242).

Em muitos momentos, quando Cora Coralina fala sobre a casa velha da ponte, ela parece duvidar da sensibilidade dos que por ali transitam sem prestar atenção ao local. Assim, se disponibiliza a expor suas lembranças e a compartilhar as histórias passadas naquela casa, visto que lhe eram familiares, o que fica demonstrado na verossimilhança de suas exposições, tanto do tempo passado, de sua infância e juventude, quanto do presente. As mudanças e a própria antiguidade da casa a tornaram ultrapassada para muitos que ali conviviam, já que a memória desses não tinha acesso ao período de seu auge, conheciam apenas as ruínas restantes; no entanto, os que se lembravam dos anos de grandeza, como o caso de Cora Coralina, a revisitavam por meio do pensamento, onde o ambiente é consolidado. Segundo Halbwachs,

Portanto, não é exato dizer que, para lembrar, é preciso que nos transportemos em pensamento fora do espaço, pois ao contrário é justamente a imagem do espaço que, em função de sua estabilidade, nos dá a ilusão de não mudar pelo tempo afora e encontrar o passado no presente – mas é exatamente assim que podemos definir a

memória e somente o espaço é estável o bastante para durar sem envelhecer e sem perder nenhuma de suas partes. (2003, p.189)

As ponderações expostas nos fazem refletir sobre memória, tempo decorrido e texto autobiográfico. É possível observar na obra da autora a existência do saudosismo, da luta pela vida mesmo em tempos difíceis e também do desejo por ver as mulheres em situação de igualdade na sociedade. As relações experimentadas e compartilhadas fazem da autora protagonista de acontecimentos que marcaram diversas pessoas da Cidade de Goiás. O decurso do tempo e o papel de seus escritos percorrem, enfim, a lembrança do povo o qual expôs de modo saudosista ao longo dos seus diversos textos.

A discriminação contra as mulheres atravessa as diversas épocas e locais e isso é de conhecimento da sociedade em geral. Por diversos fatores, muitas mulheres ainda são condicionadas a serem apenas donas de casa, companheiras e mães, não tendo, por isso, liberdade, estímulo ou auxílio para procurarem espaço fora da dependência masculina. Assim, as que enfrentam tal situação podem ficar expostas ao rótulo de promíscuas e serem discriminadas. Por mostrar essa coragem, e por enfrentar tal situação, Cora Coralina tornou-se uma representante da força feminina até hoje.

Desse modo, a mulher necessita, em qualquer contexto histórico, continuar participativa no combate contra o preconceito para que seus direitos de igualdade sejam conseguidos. Cora Coralina, mesmo nos momentos em que era submissa, tornou a escrita sua ferramenta para expor os abusos praticados pela sociedade de sua época. Além disso, não foi combativa apenas no que diz respeito às mulheres, mas revelou também os abusos e maus tratos sofridos pelas crianças, inclusive no ambiente escolar.

São componentes importantes na escrita de Cora Coralina a cultura popular, a vida comum e regulada de sua infância e sua associação objetiva com a Cidade de Goiás. Além disso, a espontaneidade e a descomplicação eram dirigidas para uma comunicação marcada pela linguagem de fácil compreensão e pela liberdade.

Cora Coralina experimentou, idealizou, formulou, inventou e reinventou os locais de Goiás em sua obra, principalmente seus becos. Relatou o que foi esquecido por aqueles com a obrigação de tomar atitudes em prol da condição de fragilidade dos muitos que ali se encontravam necessitando de cuidados. Retratou tanto humanos quanto animais deixados à sorte, sofrendores abandonados por uma sociedade excludente, indivíduos que habitavam a cidade, porém longe de serem vistos como cidadãos.

Diante do exposto, fica explícita a ligação da poetisa com o sujeito social de sua vivência particular. Ela esteve relacionada à cultura na qualidade de componente decisivo das relações sociais, o que inspirou claramente a criação de suas personagens por toda a obra, quer nos poemas ou contos, repletos de significados que impulsionam e inspiram diversas mulheres ao longo do tempo. Teixeira afirma a esse respeito que

Cora nos revela alguns ângulos identitários de um feminino que é difuso e continua em transformação. Estes ângulos se desprendem de sua poesia, de seu eu-lírico que, segundo parece, representa a si mesma e ao imaginário feminino de sua época. “As maravilhas da Fazenda Paraíso” não é apenas a descrição do cotidiano numa fazenda, revelando o sujeito mulher. Expressa também a relação do eu-lírico com o outro, a sociedade patriarcal do início do século XX. Este *eu* se identifica quando se abre para a alteridade. É na relação com o outro, que o sujeito mulher se estabelece. (2006, p. 47)

Cora Coralina foi quem melhor mostrou em sua obra os pormenores da vida diária da Cidade de Goiás. A autora fez denúncias em seus escritos, evidenciando os problemas sociais, possibilitando que quem a leia identifique e se revolte com o seu contexto social, histórico, geográfico, econômico e cultural, procurando meios para tornar-se sujeito de sua própria vida.

As diversas menções que dizem respeito às modificações no tempo e no espaço definem a Cidade de Goiás como memorial vivo da escritora e a identificação de muitas mulheres que se libertam e se tornam independentes por meio das obras. Então, dentro de um estudo da percepção dos valores, pode-se afirmar que há uma relação entre literatura, espaço, memória e identidade dos que se envolvem com a obra.

Cora Coralina ratificou que a literatura é uma ferramenta de modificação social, mostrando sua capacidade de influência. Logo, é possível afirmar que, na sociedade em que vivemos, a literatura é um instrumento poderoso de conhecimento, educação e transformação. A poetisa, por sua vez, é responsável por discussões que fazem a sociedade refletir até os dias atuais a respeito dos direitos dos mais vulneráveis, por meio de seus textos e de seu exemplo de força intelectual, afetiva e empática.

2 ESTILO E ESTILÍSTICA NA POESIA E NO POEMA

Inúmeras são as concepções de estilo e estilística vistas nos diversos estudos sobre língua, literatura e linguística. A estilística é a área da linguagem que pesquisa sobre o estilo de uma língua, isto é, sua habilidade de expor os recursos expressivos e afetivos, tanto na escrita quanto na fala. Dispõe de vários elementos para entender além do sentido literal de um termo ou de uma frase, dentre eles, utiliza com propriedade, por exemplo, as funções, as figuras e os vícios de linguagem.

O conhecimento a respeito do estilo e da estilística cria uma correlação entre a emoção e o raciocínio. Dessa forma, a gramática ocupa-se da linguagem padronizada e sistematizada; e a estilística, por sua vez, trata da finalidade estética e expressiva para reforçar a comunicação e acrescentar outra atribuição e não apenas transmitir informações.

Os recursos estilísticos possuem componentes sintáticos, fonológicos e semânticos. Eles são indispensáveis para a estruturação das palavras, para a elaboração dos enunciados e também para a interpretação dos textos. A partir da finalidade do interlocutor, isto é, persuadir, sensibilizar, confundir, questionar etc., existe um recurso estilístico para ser utilizado. São permitidos também desvios no padrão normativo da língua com o objetivo de acentuar um termo, uma mensagem ou todo um contexto.

2.1 Conceitos Relevantes de Estilo e Estilística

Diferentes são as abordagens de estilo encontradas nos vários estudos sobre língua, literatura e linguística, por isso apresentar-se-ão alguns importantes autores que tratam do tema. A relevância deles se dá ou pela completude de suas abordagens ou pelo valor desses autores no estudo da Língua Portuguesa.

Antes de tratar especificamente da questão do estilo na Língua Portuguesa, Mattoso Câmara Jr. (2004) remete seu estudo a Ferdinand de Saussure – pesquisador que propiciou o estudo da linguística como ciência autônoma. Câmara Jr. faz um resumo sobre os estudos de Saussure e apresenta conceitos muito difundidos do autor como, por exemplo, a diferença entre *langue* (língua, o sistema interno da linguagem de cada pessoa) e *parole* (discurso, uso

da linguagem na vida social). Nas palavras de Câmara Jr., explicando Saussure, “a ‘língua’ é um sistema organizado, enquanto o ‘discurso’ é um conglomerado de fatos assistemáticos”. (2004, p. 9) Sabendo a diferença entre língua e discurso – e tendo conhecimento de que ambos são coletivos e dizem respeito à linguagem do homem em sociedade –, surge então a viabilidade de uma língua individual, com traços de personalidade e características próprias do indivíduo que a profere. Desse modo, surge o conceito de estilo, teoricamente, individual.

Quando trata do conceito de estilo, Câmara Jr. esclarece que, linguisticamente, o estilo define uma personalidade e, por essa perspectiva, é uma língua individual. Por transmitir emoção e vontade, o estilo extrapola o conceito de língua de Saussure e pode ser entendido como exteriorização de um mundo interior. Além disso, o estilo seria para Câmara Jr. o compartilhamento do estado d’alma de um indivíduo com os demais usuários de uma língua.

Para Nilce Sant’Anna Martins (2012, p. 18), há uma grande variedade de conceitos de estilo difundidos atualmente. A autora inclusive cita algumas definições de autores relevantes como Buffon “O estilo é o homem”; Rémy de Gourmont “O estilo é o pensamento” e Sayce “O estilo é a obra”, dentre outros.

Martins acrescenta ainda que as várias definições de estilo apresentadas por ela não são excludentes, mas complementares e muitas com pontos em comum. Por ser um fenômeno humano de imensa complexidade, o estilo pode ser entendido como junção de vários fatores classificados de modo diferente por diversos autores com base nos critérios em que eles se fundamentam. Assim, a autora chama a atenção para o tema afirmando que

Pode-se observar que os critérios dos diversos grupos não são excludentes. Assim, por exemplo, as características individuais podem incluir escolha, desvio da norma, elaboração, conotação, o que mostra a dificuldade de tais classificações.

Acrescente-se que, dos teóricos da estilística, alguns só consideram estilo na língua literária, outros o consideram nos diversos usos da língua; alguns relacionam o estilo ao autor, outros à obra, outros ainda ao leitor, que reage ao texto literário; alguns se concentram na forma da obra ou do enunciado, outros na totalidade forma-pensamento. (2012, p. 18)

Evanildo Bechara define estilo como uma reunião de processos que fazem da língua peculiar uma maneira de manifestação da linguagem afetiva. Assim, afirma que estilo não é oposição entre *individual* e *coletivo*, mas a dessemelhança entre *emocional* e *intelectivo*. Bechara (2019, p. 650) afirma que “entende-se por estilo o conjunto de processos que fazem da língua representativa um meio de exteriorização psíquica e apelo”.

Ainda com relação à definição de estilo, Othon Moacyr Garcia (2010, p.123) afirma que estilo é tudo aquilo que particulariza uma obra criada pelo homem, resultado de um esforço da mente, de uma realização do espírito, representado em ideias, imagens ou formas concretas. Então, exemplifica da seguinte maneira: “A rigor, a natureza não tem estilo; mas tem-no o quadro em que o pintor a retrata, ou a página em que o escritor a descreve”.

Considerando que, durante esta pesquisa, o estilo aparecerá como consequência, entende-se que merece uma maior atenção evidenciar e determinar os detalhes da Estilística como estudo da expressividade, além de seus significativos auxílios às reflexões das características linguísticas. Martins inicia sua definição de estilística afirmando que

Embora a palavra estilística já fosse usada no século XIX, é no século XX que ela passa a designar uma nova disciplina ligada à linguística. Tomando o lugar deixado pela retórica (...), a estilística surge nas primeiras décadas do século XX, graças sobretudo a dois mestres que lideram duas correntes de grande importância: Charles Bally (1865-1947), doutrinador da estilística da língua, e Leo Spitzer (1887-1960), figura exponencial da estilística literária. (2012, p. 20)

A Estilística, como conhecemos atualmente, é uma ciência relativamente recente. Foi iniciada por Charles Bally em 1902 e, a partir disso, obteve a colaboração de outros relevantes autores, como Leo Spitzer e Cressot. O estudo estilístico procura determinar seu ambiente no aspecto das ciências da linguagem, já que oferece uma série de possibilidades para a análise de um texto que transitam pelas categorias gramaticais, linguísticas e literárias. Essas categorias servem de base para um estudo mais aprofundado dos recursos explícitos e implícitos dos textos escritos, no caso, de Cora Coralina.

Assim, além da estrutura idiomática, percebida prontamente nos textos, a expressividade é condição significativa fundamental para o estudo da estilística. Outra questão relevante adotada por Bally é não trabalhar com textos literários por acreditar não serem espontâneos, já que elaborados e têm caráter consciente em sua estruturação.

Por meio da estilística, consegue-se refletir a respeito das preferências linguísticas, das peculiaridades ideológicas, sociológicas, geográficas e também históricas que circundam o autor e/ou o eu-lírico, isto é, seu olhar sobre mundo, afinal muito do que se consegue revelar do porquê de cada elemento escolhido é permitido pelo próprio autor que utiliza tais recursos para materializar sua orientação comunicativa ou para gerar interesse estético em sua obra. Desse modo, a Estilística abrange as funções comunicativa e expressiva da linguagem, no entanto, não as coloca em uma hierarquia.

Entende-se então que a estilística é a parcela dos conhecimentos gramaticais que estuda a expressão presente na língua, diferenciando incorreções de características estilísticas. Além disso, é o tópico dos estudos linguísticos que estuda o estilo. Na estilística, a língua é capaz de ser usada com finalidades estéticas, concedendo aos vocábulos sentidos emocionais e persuasivos. Com o intuito de contribuir com a estruturação das palavras, na língua escrita ou na oral, a estilística se importa com o conhecimento dos elementos expressivos, compreendendo o conceito e as diferentes utilizações das funções da linguagem.

O modo de expressão afetivo é caracterizado por esse recurso. Nele é possível perceber os métodos de utilização da linguagem para transpor a comum função de apenas informar. A utilização da estilística cria uma contraposição entre o aspecto afetivo e o intelectual, indicando uma ligação que complementa o estudo estilístico com o estudo gramatical, que trata da língua e da linguagem de um modo mais normativo e sistematizado.

Assim, Câmara Jr. afirma que “a estilística vem complementar a gramática.” (2004, p. 14). É possível entender essa colocação se tivermos como base a ideia de que a estilística é a ciência que estuda os recursos linguístico-expressivos, isto é, estuda as características de um termo ou expressão – um adjetivo ou um advérbio, por exemplo – dentro de um contexto de uso. A partir desse prisma, podemos perceber que a estilística não está desvinculada da gramática, pelo contrário, estuda os recursos linguísticos – sintáticos, morfológicos, fonológicos e semânticos – dentro do contexto de uso. Nesse ponto, há de se atentar à relevância da personalidade linguística de cada autor, visto que os traços estilísticos não são coletivos e demonstram uma manifestação psíquica que se materializa na linguagem de cada um. Além disso, Câmara Jr. nos explica que o estilo individual muitas vezes caminha junto com o estilo de uma época, de uma classe, de uma cidade etc. Isso nos faz perceber que um estilo que começa individual pode influenciar outros autores que, ao se utilizarem dele, o farão um reflexo de um lugar ou de um tempo.

Para finalizar, Câmara Jr. trata do método estilístico. Nesse ponto, afirma que existem algumas possibilidades para se estudar o estilo dos autores, e não apenas uma. Destaca também que o efeito do uso de determinada palavra é mais importante para a harmonia e para os sentidos que se pretende transmitir com o texto do que o entendimento a respeito do uso de uma terminação para um vocábulo, por exemplo. Dessa maneira, mais uma vez, direciona o nosso entendimento para os valores expressivos de uma língua e para a importância das variadas circunstâncias da atividade linguística.

Martins apresenta as diversas correntes estilísticas e a importância de cada uma para o conhecimento do estilo. A obra é relevante para este estudo, já que separa e explica, de forma didática, as partes da estilística que contemplam a estilística do som, a estilística da palavra, a estilística da frase e a estilística da enunciação. A autora explica ainda que

[...] a estilística despontou nas primeiras décadas do século XX como uma disciplina de intenção mais ou menos científica, sem o objetivo prático de ministrar conselhos ou normas a quem fala ou escreve. Contudo, ela não pode ser completamente desligada de estudos sobre a expressão linguística feitos em séculos anteriores, a saber, a retórica, que se ocupou da linguagem para fins persuasivos e artísticos. (2012, p. 35)

Desse modo, segundo Martins, as características científicas da estilística ou, como afirma, seu anseio por atingir a condição de ciência, vem de seu desejo de elucidar usos da linguagem que extrapolam a função denotativa.

O estudo apresentando trata então da expressividade da Língua Portuguesa e dos recursos que a língua oferece aos que a utilizam para manifestarem sentimentos e valores para que quem escuta ou lê possa ter neles despertado uma reação afetiva. Ainda destaca que a maior parte dos textos analisados por ela são literários, o que também acontece nesta Tese, na qual são estudados os poemas de Cora Coralina. Martins afirma sobre esse aspecto que

Embora com alguma frequência se examinem fatos de linguagem comum, é principalmente dos textos literários que são tomados exemplos que permitem deduzir as possibilidades estilísticas do português nos três níveis: fonético, léxico, sintático. Esses exemplos são forçosamente destacados do seu contexto, o que impede que se perceba a plena extensão do seu valor expressivo, relacionado a outros elementos da rede estilística. Entretanto, pela indicação das obras de que foram extraídos, poderá o leitor ir ao texto original nos casos que lhe despertem maior interesse. (2012, p. 41)

Bechara, por sua vez, observa que “A *estilística* é a parte dos estudos da linguagem que se preocupa com o *estilo*.” (2019, p. 650) e em seguida define estilo. Posteriormente, contrapõe *estilística e gramática*; *estilística e retórica*; e *análise literária e análise estilística*.

A respeito dos conceitos de *estilística e gramática*, o autor afirma que se fundamenta em Charles Bally e entende que estilo não é a oposição entre o individual e o coletivo, mas a contraposição entre emocional e intelectual. A estilística se distingue da gramática, pois a primeira estuda a língua afetiva e a segunda trabalha com a língua intelectual. Segue explicando que

Uma não é a negação da outra, nem uma tem por missão destruir o que a outra, com orientação científica, tem podido construir. Ambas se completam no estudo dos

processos do material de que o gênero humano se utiliza na exteriorização das ideias e sentimentos ou do conteúdo do pensamento designado. (2019, p. 650)

Sobre *estilística e gramática*, Bechara afirma que, apesar de em muitos casos a estilística ser apresentada como negação da antiga retórica, não é sua pretensão colocar-se contrária à crítica tradicional e reconhece sua importância. Inclusive a estilística utiliza valores históricos, tradicionalmente usados pela gramática, como ponto de partida para seus estudos específicos.

Por exemplo, sempre se estudaram as fontes de um autor ou de uma obra, ou – o que vale o mesmo – a origem das ideias dominantes em um período literário. Porém realizou-se isso por interesse histórico para fixar procedências. Este é o ponto de chegada da crítica tradicional. Para a estilística é o ponto de partida, e a si pergunta: que fez meu autor ou minha época com estas fontes? (2019, p. 650)

Assim, pretende-se, no estudo da obra de Cora Coralina, entender o que autora representou com seus textos para a sua época, para o seu lugar e para o povo daquela cidade. O valor artístico da obra merece atenção no sentido de entender seus aspectos expressivos e afetivos.

Bechara trata ainda da *análise literária* e da *análise estilística*; para o autor, possuem preocupações diversas e usam ferramentas diferentes. Ele relata inclusive que a tarefa do professor de Língua Portuguesa é a análise estilística, a análise literária compete ao professor de literatura. Por isso mesmo, na intervenção em sala de aula, o foco esteve no estudo do estilo de Cora Coralina, na expressividade de seus textos e na sua efetividade estética.

É relevante ressaltar ainda a diferença que Bechara faz entre traço estilístico e desvio gramatical. O traço estilístico pode ser um desvio eventual da norma gramatical, no entanto deve ser intencional e objetivar a comunicação estética e expressiva. Diferentemente, um desvio não possui intenção estética, apenas acontece.

Garcia, por sua vez, reitera que a importância da estilística é a expressividade, afirmando ser uma forma pessoal de expressão. O autor conclui: “Portanto, quando falamos em ‘*feição estilística da frase*’, estamos considerando a forma de expressão peculiar a certo autor em certa obra de certa época”. (2010, p. 123)

A abordagem estilística da obra de Cora Coralina seguiu as descrições dos autores citados. Desse modo, observou-se o estilo da autora com base em suas escolhas linguísticas capazes de representar seu propósito ao descrever momentos, ambientes e pessoas.

2.2 Conceituação de Poesia

O conceito de poesia se refere à expressão da graça e da percepção do que é belo por meio da palavra, capaz de ser apresentado em verso ou em prosa. A utilização mais comum, no entanto, se dá com os poemas e com as demais expressões em verso. Nas palavras de Bechara, “chama-se poesia à forma de expressão ordenada segundo certas regras e dividida em unidades rítmicas.” (2019, p. 664) Cora Coralina, no entanto, não segue tais regras e escreve poemas de modo mais livre.

Bosi (2006) trata do método de escrita poética afirmando que há uma preocupação de certos autores, dos quais se acredita fazer parte Cora Coralina, não apenas com a escrita, mas também com a transmissão e com a recepção de tais textos. O autor afirma que

No processo vivo e concreto da elaboração do poema, não há conteúdos fora do jogo semântico que a palavra empreende com a outra palavra; por outro lado, as formas que se oferecem aos sentidos do leitor não terão nenhum sentido antes de serem decodificadas pela rede perceptual deste, condicionada por contextos culturais, morais, estéticos e políticos que devem ser afetados por essas formas. E um dos méritos das poéticas mais recentes está precisamente em dar ênfase ao processo global de criação-transmissão-recepção do texto, o que, de início, abala velhos compromissos com a expressão intimista. (2006, p. 501)

Para o francês Charles Dantzig, “Os homens vivem de poesia, mas não sabem disso.” (2008, p.793). Afirmar que o homem vive em uma realidade, no seu entendimento, poética, alguns mais do que outros, mas seria uma realidade de todos. O autor compreende como viável encontrar poesia em qualquer ambiente, apesar de em alguns casos poder estar deturpada; assim, cita como exemplo livros, filmes e anúncios publicitários nos quais percebe um indício de poesia por meio da frequente intertextualidade, das rimas, das fórmulas e da expressividade.

Há algumas regras que estabelecem que um texto seja classificado como poesia. Desse modo, versos, estrofes e ritmo, por exemplo, são associados ao conceito de poesia. Tais características pertencem à métrica da poesia, nela os autores utilizam os recursos literários e estilísticos para ritmar seus escritos. Sob a ótica de Cora Coralina, é possível afirmar que consegue explorar tais conceitos e utilizá-los para construir textos poéticos significativos.

Dentre as principais particularidades da poesia, é possível citar a utilização de recursos de qualidade simbólica e de imagens literárias como a metáfora e a metonímia, que exigem

um comportamento ativo do leitor para poder decifrar de modo eficaz a mensagem transmitida.

Convém expor ainda que a poesia se inclui no gênero literário denominado lírico. Além disso, pode tratar dos mais diversos assuntos, dependendo muito do autor que a escreve. Por isso, é possível encontrar desde temáticas como amor, fracassos, política, ambientes, desejos, dentre outras temáticas menos recorrentes, desprovidas de razoabilidade e bom senso.

Especificamente a respeito de Cora Coralina, pode-se afirmar que suas poesias tratam da temática do dia a dia, dos costumes, das crenças, das mulheres e dos princípios das pessoas simples e não apenas de fatos históricos propriamente ditos. Assim, Antônio Luciano de Andrade Tosta declara:

Outra diferença entre a poesia de Cora e o discurso histórico é que, como já afirmava Aristóteles, o texto poético visa o universal enquanto o histórico enfoca o particular. Neste sentido, sua poesia é universal, pois parte da especificidade embutida no contexto regional que a nutre para desenvolver categorias e conceitos que permitem que a mente humana se desloque além de sentidos e percepções concretas para a sua compreensão de características essenciais e permanentes da realidade. Seu interesse não é exatamente os fatos em si, mas a sua estrutura de significados, visto que a poesia mimetiza tradição e cultura, ou seja, exerce um simulacro da vida para transcendê-la. (2006, p. 28)

Camargo (2002) discorre sobre a poesia de Cora Coralina e afirma que “Os poemas de Cora Coralina não são um inventário dos seus bens afetivos, desventuras, dissabores e felicidades que possa ser vivido. Eles se biografam do povo do lugar e tomam a palavra como missão de contar, rever os autos do passado, perpetuá-los na escrita poética.” (2002, p. 78).

Desse modo, a poesia de Cora Coralina, de acordo com esta pesquisa, é considerada histórica já que também se utiliza do passado para contar fatos acontecidos por meio de sua ótica, de sua vivência, não se preocupando em mencionar os líderes e os fatos históricos importantes de seu tempo, mas relatando sua época, descrevendo e caracterizando.

2.3 Conceituação do Gênero Poema

Poema é um meio de expressão que utiliza palavras estruturadas em versos e estrofes, é um gênero textual bastante arraigado à cultura brasileira e universal. Para alguns autores, é fundamental não confundir poesia com poema. Pode-se definir o poema como uma

composição em que a língua é utilizada em suas mais diversas possibilidades, tanto no que diz respeito à sonoridade quanto ao visual, tudo depende da proposta comunicativa do poeta. Por isso, no poema, para além do que se vê em outros gêneros textuais, a linguagem extrapola sua função puramente comunicativa, mostrando-se um instrumento artístico primoroso.

Antônio Ramos Rosa trata da poesia e do poema, mostrando as particularidades de cada um e enfatizando a importância do leitor para a completa compreensão dos dizeres poéticos. Afirma que:

A poesia, seja num verdadeiro verso, seja num poema, tem uma densidade própria, uma existência. Existência, num sentido estético, pressupõe coerência interna, individualidade, unicidade, o que é por si mesmo. A densidade é esta estrutura complexa e una, o dado inicial da percepção do poema. Através da organização de signos e sons, a impulsão criadora repercute-se, algo da criatividade inicial se propaga e transmite ao leitor. Um poema é, assim, um princípio de vida. Daí que a cada leitura se participe, de algum modo, da criação poética. (1962, p. 33)

É importante entender que, com relação às distinções, o poema está intimamente ligado à forma, à estrutura textual, ao passo que a poesia se liga ao conteúdo do texto propriamente dito. Assim, a questão dos versos, estrofes, metrificação e rimas dizem respeito ao poema, por mais que não seja uma obrigatoriedade e que nem todos apresentem essas características juntas.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) já tratavam do trabalho com os gêneros textuais em sala de aula desde 1998. No que diz respeito à Língua Portuguesa, os PCN apresentam diretrizes para o desenvolvimento da escrita e da leitura dos educandos do ensino fundamental utilizando como base os gêneros textuais. Desse modo,

A grande diversidade de gêneros, praticamente ilimitada, impede que a escola trate todos eles como objeto de ensino; assim, uma seleção é necessária. Neste documento, foram priorizados aqueles cujo domínio é fundamental à efetiva participação social, encontrando-se agrupados, em função de sua circulação social, em gêneros literários, de imprensa, publicitários, de divulgação científica, comumente presentes no universo escolar. (BRASIL, 1998, p. 53).

Segundo o documento, a falta de domínio da leitura e da escrita pelos alunos é o que causa o fracasso escolar e a evasão em números inaceitáveis, por isso a importância de trabalhos que visem solucionar tais deficiências ao longo da vida escolar. Sobre a utilização do texto literário especificamente, o documento expõe:

O texto literário constitui uma forma peculiar de representação e estilo em que predominam a força criativa da imaginação e a intenção estética. Não é mera fantasia que nada tem a ver com o que se entende por realidade, nem é puro exercício lúdico sobre as formas e sentidos da linguagem e da língua.

Como representação — um modo particular de dar forma às experiências humanas —, o texto literário não está limitado a critérios de observação fatural (ao que ocorre e ao que se testemunha), nem às categorias e relações que constituem os padrões dos modos de ver a realidade e, menos ainda, às famílias de noções/conceitos com que se pretende descrever e explicar diferentes planos da realidade (o discurso científico). Ele os ultrapassa e transgredir para constituir outra mediação de sentidos entre o sujeito e o mundo, entre a imagem e o objeto, mediação que autoriza a ficção e a reinterpretação do mundo atual e dos mundos possíveis. (BRASIL, 1998, p. 26).

Atualmente, em sala de aula, o gênero textual poema costuma ser bastante trabalhado em leituras e interpretações de textos. A exploração da escrita dele, no entanto, não é muito grande, visto que, escrever um poema, muitas vezes, ainda é entendido como um dom, o que, diante deste estudo, não acreditamos ser. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), no entanto, privilegia o trabalho com gêneros textuais e sugere que o aluno elabore poemas. Tal recomendação, feita por um documento oficial de abrangência nacional, pode contribuir para que se trabalhe mais com este gênero em sala de aula, como feito nesta pesquisa.

Sobre a BNCC, é importante entender que é um documento normativo do Ministério da Educação do Brasil que estabelece os conhecimentos, competências e habilidades essenciais que todos os estudantes devem desenvolver ao longo da Educação Básica. Objetiva garantir uma educação de qualidade, equitativa e integral para todos os alunos.

A importância da BNCC reside em fornecer um referencial comum para os currículos das escolas, orientando a elaboração e implementação das propostas pedagógicas. Assim, oferece uma visão clara das aprendizagens fundamentais que devem ser trabalhadas em cada etapa da Educação Básica, desde a Educação Infantil até o Ensino Médio.

Para a disciplina de Língua Portuguesa, a BNCC estabelece os conhecimentos, as competências e as habilidades que os estudantes devem desenvolver ao longo da Educação Básica no que diz respeito à linguagem. Essa área do conhecimento tem como objetivo principal desenvolver a capacidade de comunicação dos alunos, possibilitando que eles sejam capazes de compreender, produzir e analisar diferentes tipos e gêneros textuais.

A BNCC de Língua Portuguesa é estruturada em três eixos inter-relacionados: *oralidade*, *leitura* e *escrita*. A *oralidade* abrange a capacidade dos alunos se expressarem oralmente, compreenderem discursos orais e participarem de interações em diferentes contextos comunicativos. Inclui habilidades como escutar, falar, argumentar, negociar significados e construir discursos coerentes e coesos. A *leitura* envolve a capacidade dos

alunos compreenderem diferentes tipos de textos, como literários, jornalísticos, científicos e digitais. Inclui habilidades como identificar informações explícitas e implícitas, fazer inferências, analisar a estrutura dos textos, interpretar sentidos e estabelecer relações entre diferentes obras. A *escrita* refere-se à capacidade dos alunos produzirem textos escritos, considerando os aspectos linguísticos, textuais e discursivos. Inclui habilidades como planejar, revisar, editar e publicar textos, além de conhecer e aplicar as normas gramaticais, ortográficas e de pontuação.

Além disso, a BNCC ressalta a importância do trabalho com a diversidade linguística e cultural, valorizando as variedades do português – padrão e informal – e as manifestações literárias de diferentes culturas. A implementação da BNCC de Língua Portuguesa requer uma abordagem integrada, que articule os diferentes eixos e promova a interdisciplinaridade com outras áreas do conhecimento. É importante que os professores utilizem metodologias ativas, incentivo à leitura, produção de textos e práticas de análise linguística que estimulem a participação efetiva dos estudantes – que foi o realizado por este estudo, na prática, em sala de aula.

Assim, a BNCC de Língua Portuguesa busca desenvolver as habilidades de comunicação, leitura e escrita dos alunos, possibilitando que eles se tornem cidadãos críticos, capazes de se expressar e compreender diferentes formas de linguagem em diferentes contextos.

Observando especificamente duas habilidades da BNCC, é possível perceber como ela espera que o trabalho com poema e a reescrita de textos sejam aplicados em sala de aula. A habilidade (EF67LP31) afirma que o aluno precisa ser capaz de

Criar poemas compostos por versos livres e de forma fixa (como quadras e sonetos), utilizando recursos visuais, semânticos e sonoros, tais como cadências, ritmos e rimas, e poemas visuais e vídeo-poemas, explorando as relações entre imagem e texto verbal, a distribuição da mancha gráfica (poema visual) e outros recursos visuais e sonoros. (BRASIL, 2018, p. 171)

Além disso, a habilidade (EF89LP36) incentiva a paródia, entendida como inspiração em um poema de um autor conhecido, para que o aluno escreva o seu próprio. Essa foi a sugestão da sequência didática adaptada deste estudo ao recomendar que os alunos se inspirassem no poema *Cora Coralina, Quem É Você?* para fazerem um poema de mesmo tema falando de suas vidas. Tal habilidade considera que

Parodiar poemas conhecidos da literatura e criar textos em versos (como poemas concretos, ciberpoemas, haicais, lirias, microrroteiros, lambe-lambes e outros tipos de poemas), explorando o uso de recursos sonoros e semânticos (como figuras de linguagem e jogos de palavras) e visuais (como relações entre imagem e texto verbal e distribuição da mancha gráfica), de forma a propiciar diferentes efeitos de sentido. (BRASIL, 2018, p. 187)

Pode-se depreender então que enquanto os PCN são diretrizes mais antigas e flexíveis que oferecem orientações para a elaboração de currículos escolares, a BNCC é um documento mais recente e normativo que define de forma mais específica o que deve ser ensinado em cada etapa da educação básica, visando à padronização das aprendizagens em todo o Brasil. Ambos são importantes instrumentos para o desenvolvimento da educação no país, mas a BNCC tem um papel mais central na definição dos currículos escolares atualmente.

Com relação aos poemas de Cora Coralina, é possível afirmar que não seguem uma forma engessada. São versos livres e muitas vezes não apresentam rimas; são poemas narrativos que contam histórias e envolvem o leitor com imensa capacidade de descrição de momentos, principalmente passados, com maestria e detalhes. Por isso, são capazes de envolver os alunos adolescentes em temáticas também comuns a eles.

Cora Coralina vai transformando situações corriqueiras do cotidiano em poemas cujos significados extrapolam seu lugar e sua época e fazem dela uma das poetisas mais importantes da Literatura Brasileira. Ruy Belo afirma que o poema não precisa recorrer ao extrapoético para obter completude, pode tratar de assuntos teoricamente banais, no entanto, terão sua relevância exposta pelo modo de contar do autor.

Quando o poeta, no seio de um poema, profere a palavra árvore, o que faz não é utilizar um conceito a que houvesse sacrificado todas as opulentas árvores de pássaros que diariamente encontra no seu caminho. Em vez de se sujeitar à abstracção que o conhecimento pelos meios lógicos impõe, é como se utilizasse uma verdadeira árvore, com os seus pássaros, as suas folhas, a sua sombra, a sua tristeza ou alegria. Apenas se limita a dar a essa árvore uma nova vizinhança: ou Deus, ou a infância, ou – que sei eu? – talvez o pressentimento da morte. Como é que ele conseguirá criar assim uma árvore tão viva? Pegando na palavra em si, rompendo talvez as suas relações habituais com outras palavras, dando-lhe outras novas, que, através do choque, da surpresa, do inaudito, a cerquem e iluminem de determinada maneira e a rodeiem de silêncio. (1969, p. 112-113)

Os poemas de Cora Coralina conseguem apresentar a realidade de uma época, de um local e das pessoas que ali vivem por meio da maneira como a autora expõe tais fatos. A própria quebra da estética formal mais utilizada pelos poetas nos faz perceber a grandeza da autora e, por isso mesmo, devem ser obras trabalhadas em sala de aula.

3 ASPECTOS METODOLÓGICOS

Para o estudo das produções de Cora Coralina, fez-se uma seleção de onze textos em sua obra poética definindo, desse modo, o *corpus* da pesquisa. Diante de obra tão vasta, a escolha dos textos para análise se deu com base no seguinte critério: poemas que retratam sua vida e o local em que viveu, isto é, aqueles que mostram a poética do cotidiano da autora. A preferência pelo poema aconteceu, pois foi o gênero que, desde o início da pesquisa, se pretendia trabalhar em sala de aula. Assim, foram realizadas a observação, a coleta de dados e a revisão bibliográfica.

A leitura e a exploração dos recursos linguístico-expressivos utilizados nas obras bem como os apontamentos por escrito desses detalhes relevantes para o entendimento dos textos constituem a segunda etapa metodológica. Necessitou-se de atenção para com os detalhes e de cuidado com as minúcias dos textos escolhidos. Além disso, salienta-se a importância de se ater à materialidade dos escritos.

Este estudo decorreu de uma metodologia da pesquisa qualitativa (Moreira e Caleffe, 2008), na qual o objetivo foi discorrer sobre aspectos linguístico-expressivos relevantes a respeito do texto, não importando para tal juízos de valor, designando se o uso de algum recurso é melhor ou pior. O interesse pelo recurso se dá dentro do texto específico a ser analisado.

Sabe-se que o instrumento de trabalho do autor é a palavra, ele a manipula, molda e dá vida aos pensamentos. Desse modo, a literatura se traduz por meio da linguagem e, por isso, analisar as manifestações fonológicas, morfológicas, sintáticas e semânticas que propiciam os efeitos de sentido indica uma resposta para a função da linguagem simbólica em obras literárias como a de Cora Coralina.

Além de produzir uma pesquisa qualitativa, o presente estudo também seguirá a proposta de Thiollent no que concerne à pesquisa-ação, assim definida:

[...] a pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com uma resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo. (2009, p. 20).

Para pôr em prática a metodologia da pesquisa-ação, foram trabalhados onze poemas de Cora Coralina com alunos do nono ano do ensino fundamental para que pudessem conhecer a autora, seus textos e sua trajetória e, assim, se mostrassem capazes de construir seu próprio conhecimento, ao longo da pesquisa, com a ajuda da professora, mas sendo o discente o principal ator (ou agente) para a obtenção dos resultados satisfatórios no que diz respeito ao conhecimento adquirido. É importante salientar, que além do texto poético, os alunos também trabalharam a importância dos recursos expressivos para o ambiente comunicativo, não apenas no que diz respeito à literatura, mas para a comunicação social cotidiana.

A escola na qual a pesquisa foi realizada faz parte da rede municipal de educação da cidade do Rio de Janeiro e fica localizada na Zona Oeste. É uma escola de turno integral e que atende apenas alunos do sexto ao nono ano do Ensino Fundamental e, apesar de localizada em bairro nobre da cidade, quase todos os alunos são oriundos de comunidades carentes. Muitos possuem grandes dificuldades de leitura e escrita, seja por questões trazidas desde a alfabetização seja por questões ligadas ao fato de termos vivido recentemente uma pandemia (COVID-19) que acentuou problemas já graves em sala de aula, como falta de concentração, interesse por objetos digitais em detrimento das aulas tradicionais, questões familiares etc. Tudo fica mais evidente quando há a liberação para o retorno das aulas presenciais a partir do ano de 2021, período em que realizamos o estudo em sala de aula.

Com a turma, a pesquisa, encaminhada por meio de uma adaptação de sequência didática, não teve caráter apenas de observação, coleta de dados e revisão bibliográfica. Nela foram utilizados todos esses recursos e também a pesquisa-ação que visa à transformação de situações dentro da própria turma, ou seja, o problema é detectado, estudado, observado, mas também é proposta uma ação para que se resolva. Além disso, na pesquisa-ação, os participantes colaboram para a realização e para os resultados da pesquisa, e não somente o pesquisador. O aluno faz parte e percebe o desenvolvimento do seu processo de aprendizagem.

Desse modo, cabe ao professor selecionar os textos capazes de envolver, seduzir e aguçar a curiosidade dos alunos para que, a partir deles, as atividades aconteçam de maneira produtiva. Maria Teresa Gonçalves Pereira (2016) afirma que a produção textual do aluno seguirá, na maioria dos casos, uma ordem: estudo do texto, compreensão e interpretação, análise linguística etc. Apesar dessa estrutura não ser rígida, como explica a autora, colabora bastante para a organização e o sucesso das atividades. Esclarece ainda que

Não se trata de ensinar a escrever uma crônica, um conto, um relatório, um bilhete. Não se trata de ensinar a forma de um determinado tipo de texto e/ou de avaliar um texto produzido por um aluno pela sua capacidade de obedecer ao cânone do gênero, de reproduzir uma forma. Trata-se de solicitar ao aluno que escreva para contar como acha que deveríamos ter vivido aquilo se também tivéssemos visto. (2016, p.67)

Para que se obtenham bons resultados nas propostas em sala de aula, o professor deve ter por método incentivar a expressividade do aluno tanto na leitura quanto na escrita. Ele tem o papel de mediar as atividades, acompanhando o desenvolvimento dos educandos, porém sem interferir em suas decisões. Ainda de acordo com Pereira,

A preocupação com a produção textual eficiente deve incluir-se no trabalho docente diuturno, entretanto, não se justifica a enorme tensão que tal atividade gera, nas expectativas dos desdobramentos. Há inúmeras maneiras para que o aluno *escreva*. Ninguém melhor e mais preparado que o professor para fazê-lo. Não nos parece natural seguir uma teoria, um livro, um autor (da moda) ou se ocupar de procedimentos mirabolantes para que todos se tornem *escritores*. O bom senso, o entusiasmo, a criatividade e a consciência da necessidade de comunicação escrita ou oral no dia a dia levam os professores a proporem estratégias que instiguem e que motivem o aluno a expor suas ideias sem receios ou inibições. (2016, p. 72)

No caso específico desta pesquisa, para organizar as atividades e fazê-las com sentido e seguimento, foi elaborada uma sequência didática adaptada com base na proposta de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004). A partir dela, os alunos tiveram a oportunidade de aprender a reconhecer recursos expressivos e entender a importância deles para a mensagem transmitida pelo texto por meio de atividades planejadas e interligadas; os discentes avançaram por etapas, junto com a professora, sem que lhes fosse exigido o conteúdo final apenas. Dolz, Noverraz e Schneuwly definem sequência didática da seguinte maneira: “Uma ‘sequência didática’ é um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito” (2004, p. 82). Assim, foi trabalhado o gênero textual poema e, por meio dele, exploradas atividades de leitura e compreensão textual, além de pedida uma proposta de produção de texto ao final. Os poemas de Cora Coralina foram utilizados como ponto de partida para a aprendizagem da escrita e também para a compreensão da importância da utilização da expressividade nos textos.

O material apresentado aos alunos foi trabalhado em três aulas. Em um primeiro momento (Apêndice A), foram expostos os tópicos *Cora Coralina em sala de aula*, no qual houve uma abordagem a respeito de quem foi a autora, de onde é e qual sua relevância para a Literatura Brasileira; *Primeiros Escritos*, que trata do início da carreira da autora; e *Vida Pessoal*, que trata das memórias vivenciais de Cora Coralina. Na abordagem de cada um dos tópicos, além da leitura feita, houve uma discussão a respeito dos temas apresentados e de

como poderíamos relacionar tais temas com as aulas de Língua Portuguesa e com nossas vidas cotidianas. Além disso, os alunos escreveram a primeira produção de forma livre em seus cadernos.

Na segunda aula, foi trabalhada a seção *Apresentação de alguns poemas de Cora Coralina para a turma* (Apêndice B), foram apresentados e discutidos com a turma os poemas *Minha Cidade*, *Nasci Antes do Tempo*, *Mestra Silvina*, *O Prato Azul-Pombinho* e *Poema do Milho*. Tais poemas não foram escolhidos de forma aleatória, cada um é rico em informações a respeito do estilo da autora e, por isso, detalhou-se em sala de aula. Outro critério é o fato de que também foram analisados na Tese.

Na terceira aula (Apêndice C), os alunos foram apresentados ao tópico *Reflexões sobre o poema Cora Coralina, Quem É Você? e escrita do texto final pelos alunos*. Após a leitura, houve uma discussão sobre o tema com a turma que, por já conhecer um pouco da história da poetisa, pôde relacionar o poema com situações de sua vida particular. Posteriormente, os alunos também tiveram um tempo para analisar quem eram eles mesmos e como aquele poema poderia ajudá-los a refletir a respeito de suas vidas.

Em seguida, propôs-se uma reflexão a respeito de tudo que haviam estudado e que colocassem em prática escrevendo um texto no qual fossem os protagonistas, isto é, cada aluno deveria dizer em seu poema quem era. Neste contexto, foram levados a refletir a respeito de si, algo inerente à literatura, como comenta Azeredo no trecho a seguir:

Literatura é, do ponto de vista estilístico, uma recriação verbal, guiada pela imaginação, do mundo que a memória e os sentidos põem ao alcance do homem. Tanto o processo como o efeito dessa recriação testemunham um dom exclusivo do ser humano: a capacidade de mergulhar em si mesmo, de indagar-se sobre o sentido (ou a falta de sentido) de sua existência, de dar-se respostas ou de tornar-se cético perante a ausência delas. (2007, p. 86)

Assim, ao dar aos alunos uma responsabilidade que muitas vezes acreditam pertencer apenas a grandes autores, isto é, escrever poemas, lhes adicionamos uma carga de confiança que falta a muitos discentes, principalmente da rede pública – já com tantas defasagens teóricas, principalmente após o período pandêmico. A experiência de escrita de poemas também pode ser uma oportunidade para descobrir a ludicidade das palavras e seu potencial comunicativo além dos textos mais objetivos. No poema, é bastante possível e viável brincar com as palavras, seus significados e suas rimas, por exemplo. Entende-se, dessa forma, que

A linguagem da poesia tem, assim, uma natureza mista e contraditória: seu objetivo não é a comunicação direta e imediata, pois, mais do que o assunto do poema, o que

importa é a desautomatização da linguagem, a negação de seu caráter corrente e comum, a fim de que lhe sejam conferidas contundência e eficácia como meio de reorientar a percepção e promover descobertas. (AZEREDO, 2007, p. 91)

Após o caminho percorrido pelo aluno, as aprendizagens das aulas de Língua Portuguesa, e desta adaptação de sequência didática especificamente, devem ser colocadas em prática em seu cotidiano contribuindo para que ele compreenda diversos sentidos que se apresentam ao longo da vida. “o aluno deve conhecer o mais amplamente possível os recursos expressivos, saber utilizá-los adequadamente para inseri-los nos diálogos travados em sala de aula e na sociedade de que faz parte, em língua oral ou escrita.” (Cidreira, Oliveira e Pereira, 2005, p. 137). Logo, o aprimoramento da capacidade de comunicação e expressão dos alunos possui grande relevância para o estudo que se apresenta.

4 ESTILÍSTICA E ESTUDO DA EXPRESSIVIDADE NA OBRA DE CORA

CORALINA

De acordo com o explicitado anteriormente, este estudo tem como base a compreensão de estilo de Mattoso Câmara Jr. (1978): “A definição da personalidade em termos linguísticos”, já que apresenta como proposta refletir sobre as características específicas da originalidade linguística de Cora Coralina por meio de seus poemas. Câmara Jr. não desconsidera a língua literária na Estilística e no ensino por entender que, em um poeta, as características estilísticas estão à disposição de uma mente mais aguçada para tais atividades. Assim, são instrumentos suscetíveis de estudos estilísticos os poemas de Cora Coralina.

O autor afirma que a concepção linguística da estilística associa o uso dos textos literários com a análise direta da língua cotidiana. Isso é possível de ser entendido se observarmos que a principal característica da estilística é a expressividade e esta é importante tanto para a literatura quanto para a linguagem do dia a dia, pois em ambos os casos a expressividade é capaz de sensibilizar as pessoas por meio da seleção e da combinação dos elementos da língua. Ao longo do texto de Câmara Jr., é possível perceber também a grande dimensão das análises estilísticas com o objetivo de estudar os mais variados recursos que a língua oferece. É importante entender ainda as diversas possibilidades de interpretação, expressividade e compreensão dos recursos estilísticos para que haja harmonia na composição textual.

Além disso, a vertente da Estilística que também respalda esta Tese é a Estilística Literária iniciada por Leo Spitzer. Martins discorre sobre este aspecto da Estilística e resume a visão de Spitzer:

A estilística de Spitzer parte da reflexão, de cunho psicologista, sobre os desvios da linguagem em relação ao uso comum; uma emoção, uma alteração do estado psíquico normal provoca um afastamento do uso linguístico normal; um desvio da linguagem usual é, pois, indício de um estado de espírito não habitual. O estilo do escritor – a sua maneira individual de expressar-se – reflete o seu mundo interior, a sua vivência. Spitzer concebeu um método de estudo de estilo que chamou “círculo filológico”. Consistia, bem resumidamente, no seguinte: inicialmente lia e relia, paciente e confiantemente, uma obra de grande artista – pois a escolha do autor já pressupõe uma valoração: graças à intuição, encontrava um traço estilístico significativo que servia de ponto de partida para a penetração no centro da obra, isto é, o espírito do autor, o princípio de coesão; a associação desse pormenor a outros permitia a apreensão do princípio criador, da forma interna, enfim levava à visão totalizadora da obra. E esse princípio criador devia ser confirmado pelos múltiplos aspectos da obra. Uma marca dos trabalhos de Spitzer foi o pensamento de que a

intenção do autor é algo específico, definido e, em princípio, encontrável. (2012, p. 24)

A língua inclui a função representativa da linguagem, todavia, por diversas vezes, em seus estudos, são ignorados os fenômenos específicos da expressão pessoal e da atividade coletiva. Desse modo, há a necessidade de uma ciência que, estando ao lado da gramática, estude essas particularidades. Tem-se então a demanda para uma disciplina que, junto à Gramática, analise esses aspectos igualmente importantes e excluídos. A Estilística surge para dar conta das questões e dos elementos que possibilitam que a linguagem extrapole o domínio intelectual e proporcione emoção. A respeito, Câmara Jr. afirma:

Se a essência do estilo está, como vimos, em ser uma manifestação psíquica ou um apelo por meio da linguagem, a base verdadeiramente sólida da estilística é o balanço dos processos expressivos, em geral de uma língua, independentemente dos indivíduos que dela se servem.

Consiste em assinalar, ao lado de um sistema de fundo intelectual, um sistema de expressividade que nele se insinua e com ele funciona inelutavelmente. Assim, compreendida, é o complemento da exposição gramatical, desdobrando-se, como esta, no exame dos sons, das significações e das ordenações formais [...] (2004, p. 24)

Estudar o estilo é, portanto, uma maneira de minimizar o vazio linguístico responsável pelo desconhecimento de aspectos expressivos da nossa língua. Assim, a Gramática, a Linguística e também a Estilística são complementares.

Logo, a estilística dispõe-se a caracterizar uma originalidade linguística, isto é, realçar as particularidades que direcionam para a singularidade; além de coordenar e analisar os recursos expressivos que conseguem traduzir subjetividade. Para Martins,

O caráter científico da estilística – ou a sua pretensão de atingir o estatuto da ciência – advém do seu objetivo de explicar os usos da linguagem que ultrapassam a função puramente denotativa, com maior exatidão e sem o propósito normativo que caracterizou a retórica. [...]

O estudo que ora apresentamos trata da expressividade da língua portuguesa, isto é, os meios que ela oferece aos que falam ou escrevem para manifestarem estados emotivos e julgamentos de valor, de modo a despertarem em quem ouve ou lê uma reação também de ordem afetiva. (2012, p.41)

Câmara Jr. reconhece que a especificação de escritos não é integralmente inédita, já que vivemos em um meio social e nos envolvemos em uma consciência coletiva que assegura o diálogo entre os integrantes de cada comunidade. O autor (2004, p.16) explica que “O estilo individual se esbate, assim, no estilo de uma época, de uma classe, de uma cidade, de um país. E é desta sorte que se pode falar até no estilo de uma língua [...]”. É mais apropriado indicar que o estilo é uma expressão subjetiva por meio da língua. A sustentação da pesquisa

estilística acontece através da investigação dos métodos expressivos gerais e específicos da linguagem, independentemente do falante.

Desenvolver a expressividade da linguagem significa examinar as maneiras que ela se apresenta aos falantes para expressarem seus estados emocionais, a fim de evocar no leitor/ouvinte percepções e/ou reações daquele conteúdo. Os acontecimentos linguísticos são analisados de modo que admitem eventos estilísticos em três circunstâncias: fonética, lexical e sintática.

A pesquisa da expressividade da língua é uma atividade relevante para a valorização dos diferentes tipos de textos, literários ou não. Assim, as observações das concepções expressivas e de seus impactos é a atividade mais importante do estudioso da estilística, além de início para uma crítica do estilo eficiente. Para Martins (2012, p. 21) “A língua é [...] um repertório de possibilidades, um fundo comum posto à disposição dos usuários que o utilizam conforme suas necessidades de expressão, praticando sua escolha, isto é, o estilo na medida que lhe permitem as leis da língua.”

Dessa forma, objetivou-se destacar Cora Coralina, analisando os recursos linguístico-expressivos que emprega em seus poemas, considerando sua personalidade e sua originalidade linguística, além de sua importância na caracterização de uma região brasileira em determinada época. A escrita de Cora Coralina é pautada em recursos estilísticos que fazem de seus textos um exemplo relevante do uso desses recursos. Para entendê-los melhor, trataremos a seguir das particularidades dos recursos linguístico-expressivos do som, da palavra e da frase, utilizados de modo abundante pela autora.

4.1 Recursos Linguístico-expressivos do Som

Os sons não apenas mostram o contraste entre as palavras, evocam diferentes sentidos e sugerem diferentes imagens, ideias e impressões. A forma como um orador profere seu discurso pode revelar estados mentais e até traços de personalidade, aumentando assim o interesse estilístico em fatores, situações e efeitos sonoros. A estilística sonora ou fonoestilística cuida da realização dos meios linguísticos de expressão e da expressividade

sonora enfatizada nas palavras e/ou na fala. Além da fonologia que conhecemos, existe a fonologia expressiva. Para Martins

Além de permitir a oposição de duas palavras – função distintiva – a matéria fônica desempenha uma função expressiva que se deve a particularidades da articulação dos fonemas, às suas qualidades de timbre, altura, duração, intensidade. Os sons da língua – como outros sons dos seres – podem provocar-nos uma sensação de agrado ou desagrado e ainda sugerir ideias, impressões. O modo como o locutor profere as palavras da língua pode também denunciar estados de espírito ou traços da sua personalidade. Evidentemente, essas impressões e sugestões oferecidas pela matéria fônica são recebidas de maneira diversa conforme as pessoas. São os artistas que trabalham com a palavra, poetas e atores, os que melhor apreendem o potencial de expressividade dos sons e que deles extraem um uso mais refinado. (2012, p. 45)

As possibilidades de expressão e suas implicações são reconhecidas apenas a partir do significado, não é uma lista pronta de associações de fonemas e os resultados esperados de sua aplicação. Então, nas palavras de Câmara Jr. (2004, p. 38) “À estilística fônica portuguesa cabe apreciar o caráter espontâneo expressivo das nossas vogais e consoantes, e neste particular são aproveitáveis os testemunhos colhidos em outras línguas a respeito dos sons da fala análogos aos nossos.”

Martins explica que, devido à arbitrariedade dos signos linguísticos, se não houver concordância entre significante e significado, a expressividade não surge. Se houver comunicação, percebe-se que a mensagem se aplica a ela mesma, e não apenas ao conteúdo referenciado. Essa é uma das características da linguagem poética.

De fato, a expressividade dos sons da fala não se enquadra em classificações individuais e, portanto, é fechada. Considerando Cressot (1947, p.33), “mais equilibrada parece a consideração de que cabe ao sentido da palavra atualizar uma relação latente entre os fonemas, formas e os seus conteúdos”. Por esse motivo, ambas as abordagens foram avaliadas no estudo, tanto as mais individuais quanto as que remetem à linguagem de um povo e de uma época. Os textos são observados no que diz respeito aos efeitos de relação entre fonemas, grafias e relações mais gerais; ou manifestações específicas à Cora Coralina, reconhecidas como ocorrências expressivas da autora. Na verdade, quanto mais diferente ou incomum o som ou a forma de uma palavra, mais atenção ela recebe para que possam melhor entendê-la.

Por serem composições de caráter poético e, portanto, diretamente ligadas a questões sonoras, a poetisa utiliza de forma bastante ampla os recursos fonético-fonológicos. É possível constatar o ritmo e a entonação dos poemas por meio de recursos como onomatopeias, alterações fonéticas e ortografia.

O cuidado no uso e na manipulação das palavras nesse contexto tornou-se mais evidente, assim, o estudo considerou privilegiar a criatividade associada às palavras e sua estrutura sintática nos poemas como ponto mais importante para observar a expressividade. A análise de tais recursos se realizará de acordo com a expressividade mais relevante em cada poema da autora.

Primeiramente descrevem-se as reflexões gerais que acompanham toda a obra de Cora Coralina, e iniciam-se essas reflexões com referência às possibilidades expressivas dos sons repetidos.

Nos versos *Coquilhos de palmeira. / Bonecas de pano. / Caquinhos de louça. / Cavalinhos de forquilha.* (Poema *Minha Infância*) é possível perceber a fluidez do texto por meio da aliteração com a repetição do fonema /k/. Além disso, o uso em sequência das vogais o e a também contribui para a impressão de deslizamento do texto com naturalidade.

A recorrência de fonemas é, portanto, uma fonte valorosa de meios expressivos. A capacidade de sua versatilidade é importante, pois pode implicar técnicas estéticas relacionadas. O estilo de escrita deve levar em conta uma variedade de ocorrências fonéticas, especialmente onde são perceptíveis. Segundo Henriques,

Os valores estilísticos podem ter uma natureza sonora e se expressam tanto no âmbito das palavras como dos enunciados. Assim, além de sua concretização fonética também atuam o ritmo, a intensidade e a entonação. Num outro nível, mas também no campo sonoro, está a prosódia.

RITMO: é a distribuição de sons num enunciado, considerando de que modo eles se organizam ou se repetem a intervalos regulares, ou a espaços sensíveis quanto à duração e à acentuação.

INTENSIDADE: é o maior grau de força expiratória com que o som da fala é proferido, força que se manifesta acusticamente na maior ou menor amplitude de vibrações. (2011, p. 95)

A entonação é de particular interesse para estudo porque é uma característica da frase que dá aos enunciados um formato de interrogação, afirmação ou exclamação, ou interferindo em seu sentido. Recursos gráficos específicos são necessários para (re)criar a entonação que a autora pretende. A pontuação é escassa em comparação com as capacidades de comunicação oral devido a seu uso lógico e também a suas limitações sintáticas; no entanto, seu uso produtivo, suas associações e a falta de tais elementos, principalmente por enfatizar ou permitir múltiplas leituras e dar relevância à expressão, abrem a possibilidade de discursos diferentes.

Na obra de Cora Coralina, as declarações constituem a maior parte dos poemas. Muitas afirmações diretas não são marcadas por pontuação ou se encerram com ponto-final e estabelecem de forma convicta as ideias como algo evidente e claro, por exemplo, nos versos a seguir retirados do *Poema do Milho*: *Punhado plantado nos quintais. / Talhões fechados pelas roças. / Entremeando nas lavouras. / Baliza marcante nas divisas. / Milho verde. Milho seco. Bem granado, cor de ouro. / Alvo. Às vezes vareia / - espiga roxa, vermelha, salpintada. Vemos, no caso, quase uma estrofe inteira de frases afirmativas bem marcadas pelo sinal de pontuação que sustenta cada afirmação como algo verdadeiro.*

A interrogação e a exclamação aparecem, mas de maneira esporádica, por exemplo, tem-se uma interrogação no título do poema *Cora Coralina, Quem É Você?*, pois a pergunta ultrapassa o nível da curiosidade simplesmente e objetiva motivar uma análise do leitor, fazer com que ele esboce alguma reação, busque por respostas que, posteriormente, serão respondidas no corpo do poema. É possível perceber a exclamação no poema *Minha Infância* nos versos *E a casa me cortava: “menina inzoneira!” / A rua... a rua!...*, em ambos os versos o caráter emotivo e negativo fica evidente. O detalhamento dos fatos em conjunto com a pontuação faz com que o leitor tenha a dimensão das dores daquela criança.

A representação fonética é um aspecto importante na produção e compreensão da linguagem. A repetição, a variação, a entonação, a apresentação e outros fatores fonético-fonológicos causados pela colocação dos fonemas, pontuação e até mesmo o tamanho do verso criam uma relação competitiva e coesa com o contexto, colaborando para a realização do eixo temático.

Ao sobrepor a expressividade dos sons e os símbolos apresentados, a organização tonal do texto de Cora Coralina expressa as manifestações mentais e ajuda a organizar os traços estilísticos de uma personalidade linguística.

A qualidade expressiva dos sons e dos signos evidenciados possibilita que a composição harmoniosa dos textos de Cora Coralina demonstre a psique da autora, contribuindo para a formação do traço estilístico e de sua personalidade linguística.

4.2 Recursos Linguístico-expressivos da Palavra

Ao examinar os aspectos expressivos e os impactos dos vocábulos por meio de seus elementos semânticos e morfológicos, constatou-se que não devem ser separados de elementos sintáticos e do contexto. Assim, esta parte da Estilística é denominada de *Léxica* ou da *Palavra* e é possível perceber que a estrutura e a significação são o cerne da análise. Mesmo com esse foco definido, no entanto, é inegável que a apreciação vai além das avaliações básicas, fundamentalmente lexicais. Além disso, como Martins explica:

Os atos de fala resultam da combinação de palavras segundo as regras da língua. Só teoricamente se separam léxico (palavras) e gramática (regras), visto que mesmo as palavras que têm um significado real, extralinguístico, só funcionam no enunciado com a agregação de um componente gramatical. (2012, p. 97)

Há nos vocábulos, portanto, os morfemas lexicais (radicais, semantemas, lexemas), nos quais é possível acrescentar e retirar partes, e os morfemas gramaticais (gramemas), preestabelecidos e, desse modo, não permitindo mudanças.

O significado dessas *palavras gramaticais* é percebido apenas por meio de seu acompanhamento ou de sua oposição a outras palavras em um contexto linguístico, ou seja, não exclui a sintaxe e a organização do texto. Não se deve esquecer, no entanto, que sempre existe a possibilidade de desvio consciente da regra para que se alcance a expressividade desejada. Isso prova a existência de um sistema expressivo fértil paralelo a um sistema gramatical puro. Para Martins,

As palavras gramaticais são pouco numerosas, mas de altíssima frequência nos enunciados, desempenhando funções de grande importância, que tentaremos enumerar sem a pretensão de exaustividade e de muito rigor. Sua função pode estar relacionada com o ato de enunciação, com a organização do discurso ou texto, ou com a estruturação da frase. (2012, p. 99)

Também com as *palavras lexicais* acontece isso, pois quando perdem sua natureza significativa, se tornam gramaticais. Esses vocábulos também são denominados *palavras nocionais, lexicográficas, reais e plenas*, uma vez que produzem expressões que representam nomes, qualidades, ações ou modos mesmo quando fora de sentenças. Aparecem em grande quantidade devido aos processos e às necessidades de exclusão, adição e transformação. Esse grupo inclui *advérbios, substantivos, adjetivos* e *verbos* de ação e de processos mentais. Não estão nessa categoria os verbos auxiliares e os de ligação, considerados *palavras gramaticais*. Todos os recursos são bastante utilizados na obra de Cora Coralina.

Quando se trata de conceitos e representações, analisam-se significados que funcionam em um núcleo convencional ou sentido fundamental, determinado pela constância

do uso de um vocábulo percebido na experiência social. Há de se destacar também que a presença de certos vocábulos em textos poéticos, como os de Cora Coralina, são abordados por muitos como algo difícil e inalcançável. Henriques discorre sobre os aspectos das palavras na linguagem poética da seguinte forma:

Os aspectos expressivos/impressivos das palavras têm ligações com os valores semânticos, morfossintáticos e contextuais em que elas atuam. Os estudos de estilística lexical contribuem para desfazer a ideia errônea de que apenas aos escritores é dada a permissão de fazer experimentações linguísticas. Há quem pense, quando se fala de poesia, que a arte não é para ser compreendida, mas sentida. Esse mito se expande quando vemos nossos alunos se esquivando das tarefas de produção textual sob a alegação de que não querem ser escritores. A estilística pode servir para mostrar que arte, técnica, estudo, bom gosto e ousadia não são bens inacessíveis e que qualquer pessoa tem o direito de escolher conscientemente as palavras que pretende usar em seus textos. (2011, p. 104-105)

O denominado *significado móvel* se amplia a partir do significado primário, essencial. A linguagem nos permite dar novos significados às mesmas palavras, sendo um recurso bastante explorado nos textos poéticos. Nesses conceitos, os usos mais específicos tendem a se reduzir após o uso expressivo, todavia quando um novo significado atende a uma necessidade comunicativa, ele invade o vocabulário até se tornar indispensável. Deve-se então distinguir *significado* e *sentido*. Tais termos são frequentemente usados como sinônimos, no entanto, aparentam abranger processos diferentes e importantes.

Entende-se como *significado* os princípios e as representações intrínsecos às palavras. Quando a concepção de um vocábulo é entendida em uma frase ou em um contexto, ela deixa sua condição fixa e se particulariza, então torna-se *sentido*. Martins afirma que

O significado existe na palavra pertencente ao léxico da língua, é a noção da palavra e contém latências para casos particulares; no mecanismo concreto da comunicação, a noção se individualiza, torna-se mais precisa pela indicação do caso particular, se enriquece, se completa, torna-se o *sentido* que a palavra adquire para uma certa pessoa que a emprega em uma situação específica, sentido que se amplia mais ainda pelos diversos elementos afetivos. O sentido é, pois, a realidade que aparece na prática da linguagem, como fato complexo e variável; o significado é uma parte necessária e muito importante dele, mas não é a única. O sentido depende dos diversos aspectos da personalidade de cada um e pode variar em diferentes momentos. Diz-se que o sentido é *denotativo* se a palavra designa determinado ser, ação, qualidade, circunstância, com valor particular, subjetivo, já se torna *conotativo*. (2012, p. 105-106)

O método de criação de significados é de particular relevância para este estudo, porque o uso de vocábulos tem seu próprio tom particular de valor normal ou de natureza emocional. Os componentes envolvidos na formação do significado de uma palavra são, portanto, de interesse estilístico porque conduzem a usos específicos e se tornam meios de expressão.

Existem palavras nas quais os lexemas representam emoções e, em outros casos, estados mentais, razão pela qual esses termos são chamados de *palavras de significado afetivo*. Os lexemas recebem vogais temáticas, desinências ou afixos que os atualizam, possibilitando recursos com forte conteúdo estilístico amparado nas mais diversas classes gramaticais. Martins afirma que as palavras de significado afetivo

São aquelas cujo lexema exprime emoção, sentimento, um estado psíquico. O lexema pode receber vogal temática, desinência ou afixo que o atualize como substantivo, adjetivo, verbo ou advérbio, podendo assim, haver cognatos emotivos das várias classes de palavras lexicais. Sirvam de exemplos as séries: *amor, amar, amoroso, amorosamente; ódio, odiar, odioso, odiento, odiosamente; triste, tristeza, tristemente, entristecer; medo medroso, medrosamente, amedrontar* etc. (2012, p. 106)

Assim, também é possível dizer que, por meio dos adjetivos, o interlocutor qualifica emocionalmente a pessoa de quem ele fala e por meio dos substantivos abstratos são evidenciados os sentimentos, as qualidades, os estados, fazendo com que os adjetivos sejam mais realçados e estejam menos presos às pessoas. No poema *Minha Infância*, Cora Coralina usa a adjetivação para caracterizar emocionalmente as personagens. Quando fala de suas irmãs, por exemplo: *lindas e mimadas*, adjetivos que no contexto do poema nos permitem afirmar que atribuem carga positiva às irmãs, protegidas, amadas. Já a seu respeito, a autora usa os adjetivos *triste, nervosa e feia*, e assim se vê a carga negativa transmitida à menina Aninha, tratada com deboche e desprezo pela família. Em ambos os casos, percebe-se que o uso dos adjetivos objetivou chamar a atenção para as pessoas, qualificar diretamente as personagens. Se na caracterização de Aninha, por exemplo, Cora Coralina tivesse escolhido utilizar os substantivos tristeza, nervosismo e feiura, a carga semântica recairia sob os sentimentos de tristeza e nervosismo e sob a característica de feiura, com menos ênfase e menos impacto no leitor a respeito de suas dores da infância. Em Cora Coralina, há um caso clássico de escolha dentro das palavras lexicais. Aí, a escolha dos adjetivos permite maior caracterização da menina. Martins assim define as palavras lexicais:

As palavras lexicais, também chamadas lexicográficas, nocionais, reais, plenas, mesmo isoladas, fora da frase, despertam em nossa mente uma representação, seja de seres, seja de qualidades de seres ou modos de ações. Diz-se que elas têm significação extralinguística ou externa, visto que remetem a algo que está fora da língua e que faz parte do mundo físico, psíquico ou social. (...) São palavras lexicais os substantivos (que são a classe mais aberta às novas criações e empréstimos), os adjetivos e os advérbios deles derivados ou a eles correspondentes, os verbos que exprimem ação e processo mental. (2012, p. 104)

Palavras que expressam julgamentos e sentimentos pessoais são repletas de afetividade. Frequentemente, são representadas por adjetivos que denotam propriedades

positivas/negativas, valorizadoras/depreciativas, semanticamente distribuídas pelo campo bom/mau, e da mesma maneira os substantivos abstratos, verbos e advérbios e equivalentes. Nos poemas de Cora Coralina essas palavras aparecem com bastante frequência, principalmente quando tratam da sua infância. Pode-se observar alguns desses exemplos nos versos *Eu era um casulo **feio**, informe, inexpressivo*, poema *Mestra Silvina*; *Eu sou aquela menina **feia** da ponte da Lapa*, poema *Minha Cidade*; ***Feia**, medrosa e triste*, poema *Minha Infância*. Em todos os versos, é possível perceber como a autora se enxergava de forma negativa, principalmente quando era criança, justamente por isso a palavra *bonita* não é utilizada em nenhum dos poemas analisados. Adjetivos positivos e valorizadores são encontrados apenas quando a autora trata de outros objetos, o milho por exemplo, nos versos “O mio tá **bonito**...”, Poema do Milho e *Sou apenas a fartura **generosa** e despreocupada dos paióis*, poema *Oração do Milho*, vê-se que os adjetivos são escolhidos para valorizar este alimento tão importante para a cultura brasileira, principalmente no interior.

A obra de Cora Coralina possui palavras de significado afetivo que expressam caráter avaliativo, positivo ou depreciativo. Assim, as palavras presentes nos dois versos a seguir trazem essa carga emocional para o texto, principalmente pelo fato de a pontuação marcá-las de modo tão objetivo: *Abandono. Silêncio. Desordem. / Ausência, sobretudo. (Velho Sobrado)*. Câmara Jr. destaca que

É curioso ressaltar a propósito o conflito expressivo imanente numa palavra, em virtude de ela nos ter advindo sucessivamente pela transmissão usual e pela aquisição literária. É uma sofisticação estilística, às vezes das mais felizes, empregá-la de tal maneira que se imponha o seu valor literário. Como o valor usual não se anula propriamente, mas persiste em surdina, resulta clara a intenção de sair da bitola do uso geral por exigência de uma psique supra-sensível, acima dos níveis normais da emoção, em que se situa a tonalidade afetiva da acepção comum. (2004, p. 53)

Outro fator expressivo importante diz respeito às figuras de linguagem, especialmente, as metáforas, quando o significado do texto se afasta do sentido primeiro, óbvio, e admite entendimentos diferentes. As figuras de linguagem, em geral, possuem relevância não apenas nos estudos literários, mas também na vida cotidiana dos indivíduos, o que é muitas vezes retratado pela autora, já que ela narra peculiaridades de Goiás. Para Câmara Jr., ao se falar de figuras de linguagem,

Trata-se em regra, muito mais do que isso, da substituição de uma palavra com forte tonalidade afetiva a outra mais ou menos neutra neste particular. A relação entre os significados e as semelhanças implícitas, que justificam respectivamente as metonímias e as metáforas, atuam secundariamente na enérgia linguística que as cria. (2004, p. 58)

Também Martins trata da linguagem figurada e de seu valor afetivo nos textos:

O mais importante fator de afetividade é certamente o emprego da linguagem figurada, seja da metáfora e da metonímia, em que as palavras assumem um sentido mais afastado do significado fundamental, seja das figuras de construção e pensamento (...) em que as palavras envolvidas assumem um relevo ou conotação especial. Observe-se que é praticamente impossível delimitar o valor expressivo das figuras apenas à palavra; mesmo que, em certas metáforas, a expressividade se concentre em determinada palavra, ela só é apreendida pela relação sintático-semântica dessa palavra com outras. (2012, p. 119)

Alguns exemplos de metáforas encontradas nos poemas de Cora Coralina: *Eu sou a dureza desses morros. (Minha Cidade); - Essa menina é o retrato vivo / do velho pai doente. (Minha Infância); Numa ânsia de vida eu abria / o voo nas asas impossíveis / do sonho. (Cora Coralina, Quem É Você?)*

Os falantes, no dia a dia, criam novas palavras e significados para atender às necessidades comunicativas de suas comunidades. Cora Coralina habilmente usou as palavras para trazer ao leitor um significado preciso e que transmitisse sua essência. É importante notar ainda que cada palavra projeta sentido único por meio de seleções e combinações capazes de particularizar uma ideia.

Não há sinônimos perfeitos. Ter duas ou mais palavras que compartilham um significado específico não é tão proveitoso quanto se imagina. Naturalmente, uma delas seria selecionada para utilização e a outra perdida ou seu uso restrito a determinado contexto. Na verdade, melhor do que discutir a possibilidade dessa existência, é observar o comportamento das palavras que permeiam e se inserem, construindo sentidos nos textos. Dentre as muitas com o mesmo valor de referência, tem-se a oportunidade de selecionar e combinar os termos que melhor se adequam às necessidades de comunicação e expressividade naquele determinado momento. Sobre os sinônimos, Câmara Jr. afirma que “(...) é a tonalidade afetiva que principalmente separa os sinônimos. A escolha do termo exato não é mais, muitas vezes, do que o senso estilístico de integrar cada palavra num estado da alma ou na vibração de um apelo”. (2004, p. 55)

Não se pode esquecer que as palavras têm especificidades além da correspondência no significado. Mudanças na tonalidade e na expressividade transformam a natureza das palavras e suas circunstâncias de uso. É mais instrutivo talvez estudar as diferenças do que as semelhanças semânticas dos sinônimos, uma vez que cada vocábulo trará um viés semântico muito específico e peculiar. Segundo Martins,

A determinação da diferença de um sinônimo para outro é extremamente difícil e delicada, e os dicionários de que dispomos, mesmo os intitulados de sinônimos, são muito deficientes. De um modo geral, sentimos os matizes diferenciais entre grande número de sinônimos, mas não conseguimos precisar a distinção. Os estilistas, com o seu sentimento e conhecimento da língua, conseguem desentranhar da abundância lexical os termos que melhor convém a cada caso. Admiramos o ajuste vocabular de um texto, mas não temos ideia da luta que o autor travou com as palavras para chegar ao bom resultado. (2012, p. 138)

Nota-se, então, que uma palavra foi selecionada dentre várias outras possibilidades, e isso não acontece, necessariamente, de forma aleatória. Escritores e estilistas, com senso linguístico e habilidades com relação aos usos do idioma, escolhem as palavras que melhor se ajustam à estrutura linguística, observando a pluralidade do léxico.

A seleção mais apropriada das palavras (paradigma) está claramente ligada ao próprio conjunto (sintagma). Dada a consistência do resultado final, os leitores nem sempre serão capazes de identificar claramente as atividades de seleção de determinado autor (a menos que acessem ao original ou sejam sensíveis ao idioma). Expressões sinônimas mais fáceis de entender muitas vezes são selecionadas e deixam marcas nos rascunhos dos escritores. Quando sinônimos são utilizados em série, são enfatizados e indicam que apenas um não seria suficiente para expressar um pensamento, uma ideia. Na obra de Cora Coralina, é possível perceber que as variações significam, na verdade, atenção ao refinamento e à coesão do texto.

4.3 Recursos Linguístico-expressivos da Frase

Há várias maneiras de organizar as palavras em frases, e as frases em texto. A parte da gramática que lida com possibilidades relacionais é a sintaxe, fornecendo um conjunto importante de normas para a colocação de termos dentro de um enunciado. O descumprimento ou mesmo o desrespeito a essas normas é um material interessante para observação estilística. Por serem mais do que simples desvios gramaticais, podem mostrar características originais e expressivas.

Assume-se que a frase expressa significado, ou seja, compreende um conteúdo, por isso, possui uma função. Quando predomina a função representativa, ao mostrar algo como fato ou não, tem-se uma *frase declarativa*. Esta é marcada por ponto final: *Ensinou a amar a vida. / Não desistir da luta. (Oferta de Aninha – Aos Moços)*. Caso a função emotiva seja percebida de modo mais evidente, demonstrando sentimentos diversos como felicidade,

êxtase ou tristeza, há a *frase exclamativa*, indicada graficamente por um ponto de exclamação: *Melhor fora não ter nascido! (Minha Infância)*. Se a função apelativa dominar através de conselho, pedido ou ordem, tem-se uma *frase imperativa*, com também tom emotivo: - *Cuidado com esse prato! (O Prato Azul-Pombinho)*. A interrogação, que varia em diferentes entonações consoante a palavra interrogativa, revela desde uma simples curiosidade até a inquietante indiscrição, acolhendo assim um conteúdo emocional e apelativo ao mesmo tempo, que atuam quando o interlocutor está à espera de uma resposta: *Quem se lembra? / Quem se esquece? (Velho Sobrado)*.

Apenas pensar na função da frase, no entanto, não é a melhor maneira de entender sua expressividade. Há valores estilísticos diversos quando se observa a constituição e a integridade de uma frase. As denominadas *frases completas simples* possuem apenas um verbo principal com significado gramatical ou nocional. Martins explica que

O verbo de significação gramatical é o verbo de ligação ou copulativo, basicamente o verbo *ser*, que integra o predicado nominal, cuja palavra significativa é um nome – substantivo ou adjetivo –, o qual indica um atributo do sujeito. [...]

Os verbos de significado nocional, extralinguístico, podem ficar restritos ao sujeito ou estabelecer uma relação entre o sujeito e outro ser, conforme sejam intransitivos ou transitivos. (2012, p. 168 e 169)

Em muitos casos, tais frases formam considerações sobre a natureza existencial das pessoas: *Eu era triste, nervosa e feia. (Minha Infância)* e apontam aspectos emocionais ao expressarem julgamentos de valor ou sentimentos particulares: “– *Essa menina é o retrato vivo / do velho pai doente*”. (*Minha Infância*) Segundo Martins,

Os diferentes padrões da frase simples, caracterizados pela natureza do verbo, seriam, teoricamente, suficientes para a representarmos e comentarmos toda a realidade física, psíquica ou social que observamos, bem como imaginamos. Mas o nosso discurso, além de extremamente monótono, seria antieconômico, com repetições forçadas, e não explicitaria muitas das relações lógicas entre os fatores expressos pelas frases em sequência. A combinação de orações dentro de uma mesma frase, permitindo construções variadas, multiplica as opções disponíveis na elaboração textual. (2012, p. 172)

Em frases com predicados verbais, os verbos, dependendo de sua transitividade ou intransitividade, podem ser restritos ao sujeito ou estabelecer uma relação entre o sujeito e outro ser. As sentenças compostas por verbo intransitivo possuem sujeito com ação particular e limitada a ele mesmo: *Fulano nasceu antes do tempo. (Nasci Antes do Tempo)* Assim, fica claro que o predicado nominal e o predicado verbal com verbo intransitivo são direcionados ao sujeito.

As sentenças com verbo transitivo exprimem a dinâmica de nossa existência ao relacionar o sujeito a outros seres e objetos. Transmitem, dessa forma, o que acontece quando um ser atua sobre outro: *Aos meus anseios respondiam / as escarpas agrestes. (Cora Coralina, Quem É Você?).*

Na prática, os vários arranjos de elementos e orações nas frases possibilitam diversas formações que escapam da mesmice em frases simples. A profundidade se apresenta à medida que diferentes níveis de coesão e de dependências se exteriorizam.

Na coordenação, as orações são organizadas em continuidade, porém as construções são independentes, e a coesão entre elas se dá com elementos de ligação (coordenação sindética) ou sem eles (coordenação assindética). A última, mais usual na oralidade, acontece espontaneamente pela justaposição rápida dos fatos: *Liberta-se. Enraíza, (...) / Encorpa. Encana. (Poema do Milho).* Quando há um uso exagerado de síndetos (conectivos), compreende-se que o autor quer dar realce às orações, enfatizar algo. Isso é o que acontece com o uso do conectivo de valor aditivo “e” em todo o poema *O Prato Azul-Pombinho*, como se observa no trecho a seguir, retirado do poema: *E terminava, invariavelmente; e que deixou em mim; e se refugiado num quiosque muito lindo.*

Na subordinação, existe relação de dependência ou regência, a oração subordinada é um termo da oração subordinante e equivale a um substantivo, ou a um adjetivo, ou a um advérbio. Martins afirma a respeito que

Todos os falantes empregam os diversos casos de subordinação; entretanto, a construção de um período mais longo, em que predomine a subordinação, em que ideias apareçam adequadamente relacionadas, requer maior domínio da língua, maior trabalho de raciocínio. E também a leitura de um longo período, com riqueza de orações subordinadas, exige do leitor uma capacidade de compreensão mais desenvolvida. (2012, p. 175)

Ao contrastar frases longas e frases curtas alternadamente, o ritmo monótono é quebrado e diferentes estruturas são destacadas e avaliadas. Percebe-se este recurso, por exemplo, no trecho *E o milho realiza o milagre genético de nascer. Germina. Vence os inimigos. Aponta aos milhares. (Poema do Milho).*

Quando as frases são muito curtas, é possível surgirem as frases incompletas, isto é, que não possuem sujeito e predicado. Tais sentenças, no entanto, podem ser mais expressivas do que construções completas como no trecho a seguir de *Cora Coralina, Quem É Você?: Os castigos corporais. / Nas casas. / Nas escolas. Nos quartéis e nas roças.* São estruturas que

produzem fluidez e foco contínuo nos aspectos mais relevantes da informação. Não é de fato uma elipse, mas uma escolha por um formato mais condensado.

Em contraste com a economia das elipses, há a redundância do pleonismo. Ainda que possam ser dispensadas, as repetições de termos e de ideias não respondem apenas à ignorância ou à negligência por parte do remetente. São expressivas quando se enfatizam as ideias veiculadas, dando força, até vibração, à construção. Em *E eu fechada dentro / da imensa serrania* (Cora Coralina, *Quem É Você?*), a palavra *dentro* intensifica a ideia da palavra *fechada*, trazendo maior apelo emocional à construção.

A organização dos componentes dentro da frase também é muito importante para a demonstração de um estilo, já que determina o ritmo, respeita as ideias e proporciona efeitos dos mais variados. Assim,

Na disposição dos vocábulos na frase, há padrões impostos pela língua, mas há também, sobretudo no português, uma margem de liberdade que é largamente aproveitada para a expressividade; assim sendo a colocação sintático-gramatical e a colocação estilística se coordenam e complementam. (MARTINS, 2012, p. 204)

Alterar a ordem dos termos da frase produz valores expressivos diferentes. A inversão quebra as previsões monótonas da ordenação usual, acentua termos que se quer dar relevância, cria estranheza e velocidade impressionantes: *Aos meus anseios respondiam / as escarpas agrestes* (Cora Coralina, *Quem É Você?*).

Analisando ainda as questões sintáticas, a concordância também possui grande importância. Certamente, é um, se não o maior aspecto, pelo qual a norma culta e a linguagem comum mais se distanciam e formam uma espécie de marca social capaz de diferenciar as pessoas por grupos. As flexões equivocadas, principalmente entre o sujeito e o verbo – ou entre substantivo e adjetivo ou pronomes adjetivos – tornam o texto estigmatizado, no entanto, não são apenas desvios de ignorantes. Além da concordância lógica e formal, há uma concordância estilística, que extrapola os limites da prescrição e tem como objetivo considerar as minúcias para dar ênfase, gerar humor, produzir eufonia ou simplesmente reproduzir a linguagem do dia a dia.

Ainda pensando na importância da estrutura da frase para os efeitos estilísticos, Henriques afirma que

De tudo isso, a única coisa que tem a ver com a estilística é o tamanho da frase e sua “arrumação”. Os tópicos e os focos dados no interior das frases resultam em efeitos na ordem das palavras, na combinação dos sintagmas, na disposição dos termos e

nas escolhas morfossintáticas. Tempos simples ou compostos? Formas sintéticas ou analíticas? Voz ativa ou voz passiva? Próclises ou ênclises? Parataxe ou hipotaxe? Infinitivos pessoais ou impessoais?

Precisamos lembrar que a sintaxe é a análise das relações e que a estilística dos mecanismos da frase pode favorecer o impulso da expressividade. Está aí uma dupla perfeita. Afinal, quem não quer experimentar relações expressivas na hora de construir suas mensagens e se comunicar? (2011, p. 105)

De acordo com o observado, através de uma sintaxe simples, sem exageros, Cora Coralina produziu e difundiu suas palavras. Por meio de uma postura linguística categórica e objetiva, a autora expôs problemas e culpados, além de soluções para questões do cotidiano. Os tempos, muitas vezes, eram difíceis e sombrios, porém nas palavras arranjadas pela autora, pareciam fluir claramente.

5 ANÁLISE DOS POEMAS SELECIONADOS

Cora Coralina valeu-se muito do que se pode chamar de literatura *pé no chão*¹, isto é, objetivava retratar uma literatura próxima da realidade vivida, mostrando os contextos sociais, os diversos problemas e também as belezas da região onde vivia, nunca se descuidando da estética.

Pretendeu-se analisar a poesia de Cora Coralina com o objetivo de (re)conhecer e avaliar o seu estilo. Com o propósito de compreender a produtividade dos recursos estilísticos nas composições da autora, foram analisados os onze poemas a seguir *Minha Cidade, Nasce Antes do Tempo, Ofertas de Aninha (Aos Moços), A Procura, Mestra Silvina, Minha Infância, Cora Coralina, Quem É Você?, O Prato Azul-Pombinho, Velho Sobrado, Oração do Milho e Poema do Milho*. Transcrevem-se os poemas, com posteriores comentários de leituras possíveis, nunca fechando questão quanto às motivações da autora e às conseqüentes escolhas.

¹ Expressão criada por Maria Teresa Gonçalves Pereira.

Minha Cidade

Goiás, minha cidade...
 Eu sou aquela amorosa
 de tuas ruas estreitas,
 curtas,
 indecisas,
 entrando,
 saindo
 uma das outras.
 Eu sou aquela menina feia da ponte da
 Lapa.
 Eu sou Aninha.

Eu sou aquela mulher
 que ficou velha,
 esquecida,
 nos teus larguinhos e nos teus becos tristes,
 contando estórias,
 fazendo adivinhação.
 Cantando teu passado.
 Cantando teu futuro.

Eu vivo nas tuas igrejas
 e sobrados
 e telhados
 e paredes.

Eu sou aquele teu velho muro
 verde de avencas
 onde se debruça
 um antigo jasmineiro,
 cheiroso
 na ruinha pobre e suja.

Eu sou estas casas
 encostadas
 cochichando umas com as outras.

Eu sou a ramada
 dessas árvores,
 sem nome e sem valia,
 sem flores e sem frutos,
 de que gostam
 a gente cansada e os pássaros vadios.

Eu sou o caule
 dessas trepadeiras sem classe,
 nascidas na frincha das pedras:
 Bravias.
 Renitentes.
 Indomáveis.
 Cortadas.
 Maltratadas.
 Pisadas.
 E renascendo.

Eu sou a dureza desses morros,
 revestidos,
 enflorados,
 lascados a machado,
 lanhados, lacerados.
 Queimados pelo fogo.
 Pastados.
 Calcinados
 e renascidos.
 Minha vida,
 meus sentidos,
 minha estética,
 todas as virações
 de minha sensibilidade de mulher,
 têm, aqui, suas raízes.

Eu sou a menina feia
 da ponte da Lapa.
 Eu sou Aninha.

Uma característica relevante a respeito do poema *Minha Cidade* é a utilização do recurso do *enjambement*, ou cavalgamento sintático, em que um verso está ligado ao outro de forma contínua, sem a existência de pausa e de uma consequente separação com sinais de pontuação entre um verso e outro. No que diz respeito à estilística fônica, é plausível destacar as reticências, no primeiro verso, provocando um prolongamento do dito, como se o eu-lírico ainda buscasse na memória mais informações; a rima – uso de sons iguais ou similares na

terminação de duas ou mais palavras – presente nas palavras *revestidos* e *enflorados* na penúltima estrofe; e a aliteração – repetição de fonemas iguais ou similares no início de vários vocábulos – em *lascados*, *lanhados* e *lacerados* também na penúltima estrofe. Em ambos os casos, as escolhas dos adjetivos e as rimas auxiliam essa percepção de continuidade.

Sobre a estilística da palavra, a antítese – figura de linguagem que expressa ideias contrárias – expressa por meio das palavras *passado* e *futuro*, na segunda estrofe, permite a reflexão sobre a passagem dos anos na cidade e a permanência da personagem observando aquele local através do tempo; e jogo de palavras nos versos *lascados a machado / lanhados, lacerados*, na penúltima estrofe. Neste ponto, observa-se uma tentativa de construção dos fatos na imaginação do leitor.

A respeito da estilística da frase, é notório o paralelismo presente como, por exemplo, na repetição da construção *Eu sou...* que inicia as estrofes dois, quatro, cinco, seis, sete e oito, além de aparecer em outros versos no meio do poema. O paralelismo, no caso, reforça a primeira pessoa, mostra a poetisa se posicionando; o paralelismo também é exposto nos dois últimos versos da segunda estrofe *Cantando teu passado / Cantando teu futuro*, o que permite depreender que a ligação dela com a cidade não é recente, estende-se ao longo do tempo, como se comprova pela análise dos três últimos versos da terceira estrofe *e sobrados / e telhados / e paredes*, ou seja, há suas marcas em diversos lugares, justamente pelo fato de se sentir integrante daquele espaço, no qual viveu durante tantos anos. Nos versos *sem nome e sem valia / sem flores e sem frutos*, na quinta estrofe, depreende-se que com a repetição da preposição *sem* a ideia de ausência de valor das árvores é reforçada, são apreciadas apenas por gente cansada e pássaros vadios, comparadas à narradora do poema, Aninha, que na própria avaliação, também não tem grande valor. No primeiro verso da penúltima estrofe, há uma metáfora na qual o eu-lírico compara Aninha à dureza dos morros da Cidade de Goiás, mostrando força e perseverança, superando as dificuldades e reinventando-se. Há ainda a presença de metáfora no início das estrofes quatro, cinco, seis e sete, em todas comparando o eu-lírico com espaços da cidade dos quais Aninha, associada à Cora Coralina, transitava, ajudando assim a construir a imagem da Cidade de Goiás; da personificação no último verso da quinta estrofe em *pássaros vadios*, no qual existe uma clara atribuição de um adjetivo utilizado principalmente para humano a um animal e do polissíndeto por meio da conjunção *e* nos três últimos versos da terceira estrofe, explicitando a continuidade de lugares nos quais o eu-lírico permanece.

Além dos recursos já apresentados, faz-se, na oitava estrofe, uma sequência de sete versos marcantes com apenas uma palavra. Analisando esses versos unidos aos três anteriores, é admissível declarar que, na oitava estrofe, criou-se uma estratégia para mostrar o renascimento depois das situações difíceis. Para isso, vale-se de trepadeiras, plantas que não exigem muitos cuidados e que nascem em qualquer lugar.

Por meio do poema *Minha Cidade*, percebe-se que a cidade de Goiás tornou-se cenário das memórias significativas de Cora Coralina. Há no eu-lírico afetividade e também entendimento crítico a respeito daquele lugar, o seu lugar, e o que transborda no texto são as emoções que revive, lembrando do passado desde a infância. O poema retrata de forma sensível a relação íntima do eu-lírico com a cidade de Goiás, se identificando como *a menina feia da ponte da Lapa*, trazendo à tona memórias e histórias que se entrelaçam com os lugares e as pessoas desse ambiente.

Por meio dos versos, percebe-se a conexão entre o eu-lírico e as ruas estreitas, os becos tristes, as igrejas, os sobrados e as paredes da cidade. Aninha é parte integrante desses elementos, vivendo e permeando cada canto, contando histórias, fazendo adivinhações e cantando tanto o passado quanto o futuro da cidade.

Há sutileza nas descrições das casas encostadas, *cochichando umas com as outras*, assim como nas árvores, trepadeiras e morros que resistem, renascem e se reinventam. Esses elementos naturais parecem refletir a própria força e resiliência da menina que narra, assim como a de sua cidade.

A identidade construída no poema é marcada pela história e pelas raízes profundas do eu-lírico com Goiás. Ele se reconhece como a menina feia da ponte da Lapa, Aninha, uma figura que carrega consigo as vivências e a estética desse lugar. É um retrato autêntico e emocionante de pertencimento e amor pela cidade.

O poema pode ser explorado em sala de aula para incentivar os alunos a refletirem sobre a importância das suas próprias raízes, identidades e relações com suas cidades. Além disso, a linguagem poética utilizada pode servir de inspiração para que os estudantes experimentem e explorem a escrita poética, expressando suas próprias experiências e sentimentos em relação aos lugares em que habitam.

Nasci Antes do Tempo

Tudo que criei e defendi
nunca deu certo.
Nem foi aceito.
E eu perguntava a mim mesma
Por quê?

Quando menina,
ouvia dizer sem entender
quando coisa boa ou ruim
acontecía a alguém:
fulano nasceu antes do tempo.
Guardei.

Tudo que criei, imaginei e defendi
nunca foi feito.
E eu dizia como ouvia
a moda de consolo:
nasci antes do tempo.

Alguém me retrucou.
Você nasceria sempre
antes do seu tempo.

Não entendi e disse Amém.

Em *Nasci Antes do Tempo* também há a técnica do *enjambement* e narração em primeira pessoa. Visivelmente o eu-lírico conta a sua história e chama a atenção para o fato de um tempo socialmente instável, mas sempre à frente dos seus contemporâneos. No que diz respeito à estilística fônica, há o recurso de assonância na primeira estrofe, representada pelas palavras *certo* e *aceito* em que os sons produzidos na pronúncia de ambas são semelhantes; percebem-se rimas com a aplicação de primeira pessoa do singular de diversos verbos no pretérito perfeito – *criei*, *defendi*, *imaginei*, observando rimas também com o emprego de verbos no pretérito imperfeito do indicativo com *dizia* e *ouvia*, ambas ratificando a pessoalidade e a interação entre autora e eu-lírico.

Sobre a estilística da palavra, há uma antítese, na segunda estrofe, construída a partir do uso das palavras *boa* e *ruim*. No caso, fica clara a utilização de um critério de juízo de valor do eu-lírico para definir o bom ou o ruim a partir de uma compreensão muito particular. Além disso, observa-se que tal juízo se dá por meio da memória, de um fato passado, significando que a percepção de quem conta pode não ser a mesma no momento do fato e no momento em que o narra.

Com referência à estilística da frase, constata-se, no terceiro verso da segunda estrofe, *Quando coisa boa ou ruim*, a omissão da palavra *coisa* antes do adjetivo *ruim*, configurando a presença da figura de linguagem zeugma.

Verifica-se também a utilização dos dois-pontos nas três últimas estrofes, introduzindo o discurso direto, mais uma vez criando ligação entre obra e vida.

Além dos recursos já expostos, evidencia-se na última estrofe a ideia de modernidade por intermédio da afirmação de que o eu-lírico sempre nasceria antes do seu tempo, com ideias inovadoras. Provavelmente, é concebível associar vida e obra em um jogo de ficção e realidade. Sobressai a última palavra do texto, *Amém*, escrita com maiúscula, talvez a fala do próprio eu-lírico e marcando autenticidade, mesmo com o discurso indireto.

O poema traz reflexões sobre a frustração, a busca de sentido e a sensação de não se encaixar no mundo ao redor. Pode ser um ponto de partida interessante para discussões em sala de aula sobre as expectativas sociais, o valor das ideias inovadoras e a importância de se expressar mesmo quando não se é compreendido imediatamente.

Ofertas de Aninha (Aos Moços)

Eu sou aquela mulher
a quem o tempo
muito ensinou.
Ensinou a amar a vida.
Não desistir da luta.
Recomeçar na derrota.
Renunciar a palavras e pensamentos negativos.
Acreditar nos valores humanos.
Ser otimista.

Creio numa força imanente
que vai ligando a família humana
numa corrente luminosa
da fraternidade universal.
Creio na solidariedade humana.
Creio na superação dos erros
e angústias do presente.

Acredito nos moços.
Exalto sua confiança,
generosidade e idealismo.
Creio nos milagres da ciência

e na descoberta de uma profilaxia
futura dos erros e violências
do presente.

Aprendi que mais vale lutar
do que recolher dinheiro fácil.
Antes acreditar do que duvidar.

Em *Ofertas de Aninha (Aos Moços)*, também ocorre *enjambement*, recurso bastante utilizado nos poemas de Cora Coralina. No título, a opção pelos parênteses para especificar o interlocutor daquele texto, parece explicar e restringir o alvo do texto escrito. Percebe-se o uso de aliteração na primeira estrofe nos versos iniciados por *recomeçar* e *renunciar*. Além disso, há também rimas entre o primeiro e o último versos da segunda e da última estrofe, respectivamente entre as palavras *imane/presente* e *lutar/duvidar*. Em ambos os casos, ocorre uma tentativa de harmonizar a estrofe ligando a primeira à última, como se a sonoridade fosse cíclica, retomada e continuada.

Observa-se a antítese no último verso do poema, presente no uso dos verbos *acreditar* e *duvidar*. O eu-lírico, mais uma vez associado à própria poetisa, reafirma uma posição otimista e aguerrida quando declara que sua escolha é por acreditar, o que retoma um campo semântico de positividade e confiança, declarado anteriormente no poema por meio das palavras *luta*, *recomeçar*, *acreditar*, *otimista*, *força*, *superação*, *idealismo*, dentre outras.

Identifica-se zeugma no verso *Renunciar a palavras e pensamentos negativos*, isto é, a preposição *a*, já utilizada, é suprimida diante da palavra *pensamentos*, desfazendo o paralelismo. A mesma situação ocorre na terceira estrofe na qual se omite o pronome possessivo no terceiro verso por aparecer no segundo. Tais supressões proporcionam maior objetividade e clareza ao poema.

É plausível supor a intertextualidade construída entre a segunda estrofe do poema e a oração católica *Creio (Credo)*, na utilização de palavra *Creio* em sequência, como em uma repetição ao rezar.

Há também gradação no fim da primeira estrofe, em que são vistos o abandono dos pensamentos negativos pelo eu-lírico, a vontade de manter o otimismo e a busca por mudanças, associados a situações da vida da autora em tentativa constante de aperfeiçoamento. Existe ainda, na terceira estrofe, a expressão *milagres da ciência* que configura um uso impróprio, caso se pense na lógica do significado da língua, mas que, no

texto, ajuda a construir uma atmosfera de esperança no próprio ser humano, que tenta, quase milagrosamente, desfazer seus próprios erros.

Também, no poema, é possível ver o esforço da mulher que luta para vencer ao longo do tempo, apesar de todas as suas dificuldades, de seus problemas e das derrotas. De modo mais geral, é a representação do povo brasileiro, que não desiste e segue enfrentando as batalhas diárias em busca de situações melhores. Mais especificamente, é a representação da mulher que acumulou experiências ao longo do tempo, aprendendo lições valiosas; o tempo ensinou a amar a vida, a não desistir da luta e a recomeçar mesmo após as derrotas. O otimismo se tornou uma parte essencial dessa mulher.

O poema *Ofertas de Aninha (Aos Moços)* expressa a sabedoria adquirida, transmitindo valores como o amor à vida, a perseverança, o otimismo e a crença na solidariedade humana. Ele ressalta a importância dos jovens, exaltando sua confiança, generosidade e idealismo como forças capazes de transformar o mundo. Além disso, enfatiza a importância de lutar pelos ideais e acreditar em um futuro melhor, rejeitando o caminho fácil e valorizando a busca por significado e propósito. Essas mensagens são relevantes para a reflexão e a inspiração dos estudantes, incentivando-os a cultivar valores positivos e a contribuir para uma sociedade mais justa e fraterna, por isso é pertinente seu uso em sala de aula.

A Procura

Andei pelos caminhos da Vida.
Caminhei pelas ruas do Destino –
procurando meu signo.
Bati na porta da Fortuna,
mandou dizer que não estava.
Bati na porta da Fama,
falou que não podia atender.
Procurei a casa da Felicidade,
a vizinha da frente me informou
que ela tinha se mudado
sem deixar novo endereço.
Procurei a morada da Fortaleza
Ela me fez entrar: deu-me veste nova,
perfumou meus cabelos,
fez-me beber de vinho.
Acertei o meu caminho.

Em *A Procura*, é possível refletir a respeito da Língua Portuguesa e também da vida. Destaca-se o emprego da palavra *signo*, no terceiro verso. No caso, pode-se indagar a respeito de sua escolha e de seu respectivo significado no contexto do poema e da vivência de Cora Coralina. Assim, percebe-se que a busca do eu-lírico no verso *procurando meu signo* seja talvez encontrar as suas marcas, os significados de sua existência, os seus sinais pelos caminhos por onde passa, valorizando a memória de cada um.

É admissível também conduzir a leitura para a escolha dos verbos que iniciam os dois primeiros versos, com a ideia de mobilidade, de inquietação e de mudança. Os conceitos expressos pelos verbos *andar* e *caminhar* serão reforçados por meio do verbo *procurar*, que mostra a inquietude pela busca do eu-lírico. Aqui o estudo semântico auxilia a compreensão do poema.

O poema se divide em duas etapas. Na primeira, deduz-se a adversidade na vida do eu-lírico durante um tempo. Tal informação se comprova por meio da utilização do advérbio de negação em *não estava*, *não podia atender* e de palavras e expressões negativas como *se mudou*, *sem deixar novo endereço*, em clara expressão de que a vida não lhe era grata e toda tentativa era rapidamente conduzida ao fracasso. Na segunda etapa, vê-se a mudança na seleção das palavras. Nesse ponto, incluem-se em campo semântico positivo, ligado aos prazeres humanos estes termos: *fez entrar*, *veste nova*, *perfumou* e *beber vinho*, até que se chega ao desfecho do poema, *Acertei o meu caminho*; percebe-se, assim, a instauração do equilíbrio na cena construída ao longo do texto.

Há ainda a ocorrência da personificação estabelecida a partir dos seres inanimados *Vida*, *Destino*, *Fortuna*, *Fama*, *Felicidade* e *Fortaleza*. Tal figura de linguagem é evidenciada pelo uso da letra maiúscula no início de cada uma dessas palavras e nos atos praticados: *A Fortuna mandou dizer que não estava*, *A Fama não podia atender* e assim por diante. A letra maiúscula também atribui relevância aos sentimentos. Esses termos se ligam também à mitologia greco-romana, a *Fama*, por exemplo, é uma divindade feminina incumbida de divulgar as notícias e a *Fortuna* é a deusa romana do acaso, da sorte, do destino e da esperança.

Desse modo, é possível entender as escolhas linguísticas na produção textual e compreendê-las para a criação da atmosfera de busca incansável por um objetivo, por algo melhor, sem desistir. O eu-lírico relata sua jornada pela vida, buscando seu destino e seu propósito. Ele percorre caminhos, bate nas portas da *Fortuna*, da *Fama* e da *Felicidade*, mas

encontra apenas respostas negativas. A *Fortuna* não estava disponível, a *Fama* não podia atender e a *Felicidade* havia se mudado sem deixar rastro.

A busca, no entanto, continua e o eu-lírico encontra a casa da *Fortaleza*. Lá, ele é acolhido e transformado. Recebe roupas novas, tem seus cabelos perfumados e é convidado a beber vinho. Essa experiência o orienta e ele finalmente acerta seu caminho.

Este poema retrata a jornada de busca e superação pessoal, na qual o protagonista não encontra o que buscava inicialmente, mas experimenta força e transformação na *Fortaleza*. A mensagem transmitida é: mesmo diante das adversidades e das portas fechadas, é possível encontrar dentro de si a fortaleza necessária para seguir em frente e encontrar o caminho certo. Através dessa busca interior, o eu-lírico alcança uma nova perspectiva e direção em sua vida. O poema *A procura*, por tudo analisado, também é bastante rico para o trabalho com os alunos.

Mestra Silvina

Vesti a memória com meu mandrião balão.
Centrei nas mãos meu vintém de cobre.
Oferta de uma infância pobre, inconsciente, ingênua,
revivida nestas páginas.

Minha escola primária, fostes meu ponto de partida,
dei voltas ao mundo.
Criei meus mundos...
Minha escola primária. Minha memória reverencia minha velha Mestra.
Nas minhas festivas noites de autógrafos, minhas colunas de jornais
e livros, está sempre presente minha escola primária.
Eu era menina do banco das mais atrasadas

Minha escola primária...
Eu era um casulo feio, informe, inexpressivo.
E ela me refez, me desencantou.
Abriu pela paciência e didática da velha mestra,
cinquantanos mais do que eu, o meu entendimento ocluso.

A escola da Mestra Silvina...
Tão pobre ela. Tão pobre a escola...
Sua pobreza encerrava uma luz que ninguém via.
Tantos anos já corridos...
Tantas voltas deu-me a vida...

No brilho de minhas noites de autógrafos,
Luzes, mocidade e flores à minha volta, bruscamente a mutação se faz.

Cala o microfone, a voz da saudação.
 Peça a peça se decompõe a cena,
 retirados os painéis, o quadro se refaz,
 tão pungente, diferente.

Toda pobreza da minha velha escola
 se impõe e a mestra é iluminada de uma nova dimensão.

Estão presentes nos seus bancos
 seus livros desusados, suas lousas que ninguém mais vê,
 meus colegas lembrados.
 Queira ou não, vejo-me tão pequena, no banco das atrasadas.

E volto a ser Aninha,
 Aquela em que ninguém
 acreditava.

No poema *Mestra Silvina*, mais uma vez, observa-se a temática da memória em forma de saudosismo. O eu-lírico, que se percebe Cora Coralina, relembra a infância na escola e, mesmo passando por noites de autógrafos e fama, volta a ser criança em pensamentos. Entende-se a questão da escola no passado e atualmente, construindo uma linha de raciocínio através do tempo.

Outro tema relevante do poema é a autoestima. Percebe-se que o eu-lírico expõe uma visão depreciativa de si, considera-se *um casulo feio, informe, inexpressivo*, por exemplo. Neste ponto, o poema se aproxima da concepção de muitos adolescentes a respeito deles, construindo uma imagem negativa que, às vezes, atrapalha seu desenvolvimento, algo próprio da idade em que Aninha vivia. É importante observar também as mudanças ocorridas na vida da personagem Aninha no trecho *luzes, mocidade e flores à minha volta*, que mostra transformação após superar a infância adversa.

No que diz respeito à linguagem, há paralelismo nos dois primeiros versos que parecem enumerar uma sequência de fatos executados pelo eu-lírico. A adjetivação no terceiro verso, *pobre, inconsciente, ingênua*, intensifica as dificuldades. No quarto verso da segunda estrofe, o uso da maiúscula em *Mestra* engrandece a posição da professora, aquela que detinha a sabedoria, que merecia reverência. No primeiro verso da terceira estrofe, o uso das reticências mostra introspecção e o verso seguinte a corrobora por meio dos adjetivos *casulo, feio, informe e inexpressivo*. No último verso da terceira estrofe, a palavra *cinquentanos* é formada por aglutinação e mostra de modo expressivo a diferença de idade

entre a professora e Aninha, apenas uma menina. Na quinta estrofe, o segundo verso traz uma sequência de substantivos com sentido positivo, *luzes*, *mocidade* e *flores*, que ajudam a construir a ideia de otimismo da nova fase vivida pelo eu-lírico.

Nota-se, assim, a precariedade da escola em que o eu-lírico frequentou. Em suas memórias, a infância pobre, a escola tão escassa quanto sua mestra, reflexo de um País que, até os dias atuais, não valoriza adequadamente o professor. Descreve sua infância pobre, inconsciente e ingênua, revivida através das memórias presentes nas páginas do poema.

A escola primária é retratada como o ponto de partida do eu-lírico, ali deu voltas ao mundo e criou seu próprio universo. Relembra sua posição de aluna atrasada e descreve a transformação que ocorreu em sua vida apesar da didática da antiga mestra.

Independentemente dos anos passados e das mudanças ocorridas, quando está envolvida em eventos importantes e cercada de luzes, flores e jovialidade, a transformação acontece e a cena de sua infância se reconstrói como uma marca difícil de se apagar. Volta a ser Aninha, aquela em quem ninguém acreditava.

O poema resgata a importância da figura do professor na vida de um aluno e como a dedicação e o ensinamento podem transformar a trajetória de uma pessoa. Mestra Silvina é lembrada com gratidão e reconhecimento pela autora, apesar dos métodos ultrapassados para os dias de hoje e da dureza com a qual tratava seus alunos. Por sua temática, certamente é um bom poema para se trabalhar em sala de aula e abordar as situações da escola no passado e atualmente, as mudanças na vida dos alunos e aonde eles podem chegar.

Minha Infância

(*Freudiana*)

Éramos quatro as filhas de minha mãe.
Entre elas ocupei sempre o pior lugar.
Duas me precederam – eram lindas,
mimadas.
Devia ser a última, no entanto,
veio outra que ficou sendo a caçula.

Quando nasci, meu velho Pai agonizava,
logo após morria.
Cresci filha sem pai,
secundária na turma das irmãs.

Eu era triste, nervosa e feia.
Amarela, de rosto empalamado.
De pernas moles, caindo à toa.
Os que assim me viam – diziam:
“- Essa menina é o retrato vivo
do velho pai doente.”

Tinha medo das estórias
que ouvia, então, contar:
assombração, lobisomem, mula-sem-
cabeça.
Almas penadas do outro mundo e do
capeta.
Tinha as pernas moles
e os joelhos sempre machucados,
feridos, esfolados.
De tanto que caía.
Caía à toa.

Caía nos degraus.
Caía no lagedo do terreiro.
Chorava, importunava.
De dentro a casa comandava:
“- Levanta, moleirona.”

Minhas pernas moles desajudavam.
Gritava, gemia.
De dentro a casa respondia:
“- Levanta, pandorga”.

Caía à toa...
nos degraus da escada,
no lajeado do terreiro.

Chorava. Chamava. Reclamava.
De dentro a casa se impacientava:
“- Levanta, perna-mole...”

E a moleirona, pandorga, perna-mole
se levantava com seu próprio esforço.
Meus brinquedos...
Coquilhos de palmeira.
Bonecas de pano.
Caquinhos de louça.
Cavalinhos de forquilha.
Viagens infundáveis...
Meu mundo imaginário
mesclado à realidade.

E a casa me cortava: “menina inzoneira!”
Companhia indesejável – sempre pronta
a sair com minhas irmãs,
era de ver as arrelias
e as tramas que faziam
para saírem juntas
e me deixarem sozinha,
sempre em casa.

A rua... a rua!...
(Atração lúdica, anseio vivo da criança,
mundo sugestivo de maravilhosas
descobertas)
– proibida às meninas do meu tempo.
Rígidos preconceitos familiares,
normas abusivas de educação
– emparedavam.

A rua. A ponte. Gente que passava,
o rio mesmo, correndo debaixo da janela,
eu via por um vidro quebrado, da vidraça
empanada.

Na quietude sepulcral da casa,
era proibida, incomodava, a fala alta,
a risada franca, o grito espontâneo,
a turbulência ativa das crianças.

Contenção... motivação...
 Comportamento estreito,
 limitando, estreitando exuberâncias,
 pisando sensibilidades.
 A gesta dentro de mim...
 Um mundo heroico, sublimado,
 superposto, insuspeitado,

misturado à realidade.

E a casa alheada, sem pressentir a
gestação,
acrimoniosa repisava:
“- Menina inzoneira!”
O sinapismo do ablativo
queimava.

Intimidada, diminuída. Incompreendida.
Atitudes impostas, falsas, contrafeitas.
Repreensões ferinas, humilhantes.
E o medo de falar...
E a certeza de estar sempre errando...
Aprender a ficar calada.
Menina abobada, ouvindo sem responder.

Daí, no fim da minha vida,
esta cinza que me cobre...
Este desejo obscuro, amargo, anárquico
de me esconder,
mudar o ser, não ser,
sumir, desaparecer,
e reaparecer
numa anônima criatura
sem compromisso de classe, de família.

Eu era triste, nervosa e feia.
Chorona.
Amarela de rosto empalamado,
de pernas moles, caindo à toa.

Um velho tio que assim me via
dizia:

“- Esta filha de minha sobrinha é idiota.
Melhor fora não ter nascido!”

Melhor fora não ter nascido...
Feia, medrosa e triste.
Criada à moda antiga,
– ralhos e castigos.
Espezinhada, domada.
Que trabalho imenso dei à casa
para me torcer, retorcer,
medir e desmedir.
E me fazer tão outra,
diferente,
do que eu deveria ser.
Triste, nervosa e feia.
Amarela de rosto empapuçado.
De pernas moles, caindo à toa.
Retrato vivo de um velho doente.
Indesejável entre as irmãs.

Sem carinho de Mãe.
Sem proteção de Pai...
– melhor fora não ter nascido.

E nunca realizei nada na vida.
Sempre a inferioridade me tolheu.
E foi assim, sem luta, que me acomodei
na mediocridade de meu destino.

Neste poema, Cora Coralina retrata as dores de sua infância solitária e tão julgada pela família. É notória a ligação entre a obra e a vida, isto é, o poema é autobiográfico e revela as dores de Aninha. Há um vestígio de ressentimento em relação aos adultos, já que restringiam suas vontades e não permitiam que as realizasse, assim como acontecia com todas as crianças da época. O texto retrata uma infância marcada pela sensação de inadequação, tristeza e falta de afeto. O eu-lírico se sente deslocado entre suas irmãs, sendo a terceira em um grupo de quatro filhas. Desde o nascimento, sua posição na família é relegada ao último lugar, enquanto outras irmãs são privilegiadas e mimadas. O vocabulário do poema é diferente dos demais analisados nesta Tese, é visceral.

É possível identificar também o sentimento de rejeição trazido pela menina e a falta que sentia do pai. Nos versos *Cresci filha sem pai / secundária na turma das irmãs.*, percebe-

se que, na lógica do eu-lírico, crescer sem pai pode lhe ter trazido um maior sofrimento em relação às demais crianças, já que era rejeitada pela mãe. A ausência do pai contribui para o sentimento de desamparo e solidão. Ela cresce sem a figura paterna, o que a faz se sentir secundária em relação às suas irmãs. Na terceira estrofe, a metáfora apresentada em - *Essa menina é o retrato vivo / do velho pai doente*. é mais uma amostra da ligação com o pai, ser comparada a ele, mesmo que em seu momento de enfermo, a aproxima do pai, com quem gostaria de ter convivido ao longo do seu crescimento. Há um ar melancólico, e a atmosfera triste retratada permite que o leitor se coloque no lugar daquela menina infeliz.

Pela leitura do poema, é possível perceber que a casa em que vive é opressiva, repleta de regras rígidas e preconceitos que restringem a liberdade das meninas. Por isso, anseia por explorar o mundo além dos limites impostos pela família, mas é proibida de sair sozinha. Observa a rua, a ponte e o rio através de um vidro, incapaz de vivenciar plenamente as maravilhas que existem lá fora. Há uma crítica à repressão e à incompreensão sofridas pelas meninas, constantemente controladas e coibidas. Assim, aprende a ficar calada e a temer as repreensões. Por causa desta atmosfera de contenção e pressão, desenvolve um mundo interior rico e fantasioso, onde encontra refúgio da realidade sufocante.

Logo abaixo do título do poema, há entre parênteses a palavra *Freudiana*, parecendo um comentário do eu-lírico, entrelaçando suas vivências infantis ao criador da psicanálise Sigmund Freud. Assim, ao longo do texto, ao despertar suas lembranças da primeira infância, Cora Coralina tenta fazer as pazes com este período tão difícil que viveu e a marcou. Ao pronunciar tais palavras, elas podem retornar ao esquecimento, pois foram expostas e já não provocam mais aflições. Relatando seu passado e suas vivências reprimidas da vida adulta, pode ir superando ou gerando, por meio das palavras, aquilo que almeja deixar para trás.

No que diz respeito à linguagem, o poema tem forma livre e sem rimas, como é comum nos textos da autora. Na segunda estrofe, a antítese entre as palavras *nasci* e *morria* mostra a possibilidade de que ela teria uma vida diferente se o pai fosse vivo; a palavra *Pai*, por sua vez, está escrita com letra maiúscula, o que lhe confere ainda maior importância. Há muito uso de adjetivação para descrever, por exemplo, como era a menina, na terceira estrofe, *Eu era triste, nervosa e feia. / Amarela, de rosto empalamado* e como ficavam seus joelhos, na quarta estrofe, *machucados, feridos, esfolados*. A partir da quarta estrofe, há o uso repetido da palavra *caía*. Mais do que a presença da aliteração, a repetição da palavra em si mostra a necessidade de enfatizar a sua inferioridade. Na sétima estrofe, os verbos *Chorava. Chamava*.

Reclamava. fazem um encadeamento de ideias por meio das rimas e do uso da mesma pessoa e tempo verbal. Ajudam a construir a imagem infeliz do momento vivido pela menina. Na estrofe dezesseis, o paralelismo presente nos versos *E o medo de falar... / E a certeza de estar sempre errando...* acompanhados das reticências mostram atitudes repetidas e com as quais aprendia a lidar, ou apenas aprendendo a se calar para que sobrevivesse ao caos. Na décima sétima estrofe, os versos *mudar o ser, não ser / sumir, desaparecer, / e reaparecer* constroem, por meio de um jogo de palavras rimadas, o desejo de ser outra, de mudar e não mais precisar conviver com aquela família que tanto a humilhava.

Por meio de uma série de palavras selecionadas, a autora constrói no poema uma atmosfera de melancolia capaz de ser sentida pelo leitor e transmite as emoções desejadas com escrita primorosa. O que se percebe por meio das palavras é o sentimento de abandono e de tristeza daquela menina que não se sentiu acolhida por sua família ao longo da vida.

Em sala de aula, o texto pode ter boa receptividade pois trata de assuntos pertinentes aos alunos como as relações familiares, as relações entre irmãos e a repressão que alguns sofrem até os dias de hoje. O eu-lírico é constantemente diminuído, humilhado e intimidado pela família no texto, por isso internaliza essas mensagens negativas, resultando em uma profunda sensação de inferioridade e em um desejo de se esconder e de se transformar em uma pessoa completamente diferente, sem os laços familiares que prendem e ferem, o que também é uma realidade presente nas salas de aula.

Com relação à sua aparência física, apresenta-se de forma negativa, associando-se à figura do pai doente. É frequentemente ridicularizada por sua aparência e se sente indesejável entre suas irmãs. A falta de carinho materno e de proteção paterna contribuem para sua sensação de desamparo. Tais questões também são muito frequentes na vida dos adolescentes e, por identificação, podem render boas discussões no ambiente escolar.

Cora Coralina, Quem É Você?

Sou mulher como outra qualquer.
Venho do século passado
e trago comigo todas as idades.

Nasci numa rebaixa de serra
entre serras e morros.
"Longe de todos os lugares".

Numa cidade de onde levaram
o ouro e deixaram as pedras.

Junto a estas decorreram
a minha infância e adolescência.

Aos meus anseios respondiam
as escarpas agrestes.
E eu fechada dentro

da imensa serra
que se azulava na distância
longínqua.

Numa ânsia de vida eu abria
o voo nas asas impossíveis
do sonho.

Venho do século passado.
Pertencço a uma geração
ponte, entre a libertação
dos escravos e o trabalhador livre.
Entre a monarquia
caída e a república
que se instalava.

Todo o ranço do passado era
presente.
A brutalidade, a incompreensão,
a ignorância, o carrancismo.

Os castigos corporais.
Nas casas. Nas escolas.
Nos quartéis e nas roças.
A criança não tinha vez,
Os adultos eram sádicos
Aplicavam castigos humilhantes.

Tive uma velha mestra que já
havia ensinado uma geração
antes da minha.

Os métodos de ensino eram
antiquados e aprendi as letras
em livros superados de que
ninguém mais fala.

Nunca os algarismos me
entraram no entendimento.
De certo pela pobreza que marcaria
para sempre minha vida.
Precisei pouco dos números.

Sendo eu mais doméstica do
que intelectual,
não escrevo jamais de forma
consciente e raciocinada, e sim
impelida por um impulso incontrolável.
Sendo assim, tenho a
Consciência de ser autêntica.

Nasci para escrever, mas o meio,
o tempo, as criaturas e fatores
outros contramarcaram minha vida.

Sou mais doceira e cozinheira
do que escritora, sendo a culinária
a mais nobre de todas as Artes:
objetiva, concreta, jamais abstrata
a que está ligada à vida e
à saúde humana.

Nunca recebi estímulos familiares para ser
literata.
Sempre houve na família, senão uma
hostilidade, pelo menos uma reserva
determinada
a essa minha tendência inata.
Talvez, por tudo isso e muito mais,
sinta dentro de mim, no fundo dos meus
reservatórios secretos, um vago desejo de
analfabetismo.

Sobrevivi, me recompondo aos
bocados, à dura compreensão dos
rígidos preconceitos do passado.

Preconceitos de classe.
Preconceitos de cor e de família.
Preconceitos econômicos.
Férreos preconceitos sociais.

A escola da vida me suplementou
as deficiências da escola primária
que outras o Destino não me deu.

Foi assim que cheguei a este livro
Sem referências a mencionar.

Nenhum primeiro prêmio.
Nenhum segundo lugar.

Nem Menção Honrosa.
Nenhuma Láurea.

Apenas a autenticidade da minha
Poesia arrancada aos pedaços
do fundo da minha sensibilidade,
e este anseio:
procuro superar todos os dias

minha própria personalidade
renovada,
despedaçando dentro de mim
tudo que é velho e morto.

Luta, a palavra vibrante
que levanta os fracos

e determina os fortes.

Quem sentirá a Vida
destas páginas...
Gerações que hão de vir
De gerações que vão nascer.

O poema *Cora Coralina, Quem É Você?* explora muito a questão autobiográfica e nele se pode perceber a construção da vida da autora ao longo dos anos. Há diversas passagens da sua vida presentes no texto, inclusive algumas são temas de outros poemas. Através de sua poesia, ela nos apresenta sua identidade e experiências de vida.

Logo na primeira estrofe, é possível ver a humanização da autora se expondo como todas as outras, ela é mulher como qualquer outra e, por vir de outro século, já idosa, traz todas as idades e todas as experiências pelas quais passou. Descreve sua origem humilde, nascendo em uma região montanhosa e distante, onde o ouro foi levado, restando apenas as pedras. É nesse ambiente que sua infância e adolescência se desenrolam.

Na segunda estrofe, o eu-lírico faz uma referência histórica ao Ciclo do Ouro, momento em que o Brasil teve como base a mineração, principalmente nos estados de Minas Gerais, Mato Grosso e Goiás. Assim, o poema afirma que *levaram o ouro e deixaram as pedras*, pois com a exploração sofrida, Goiás só ficava com as pedras, termo que aparece diversas vezes na obra, fazendo referência a obstáculos, a problemas. Na terceira estrofe, o eu-lírico segue afirmando que sua infância e adolescência se deram junto a essas pedras – possivelmente entendidas como as pedras físicas e também as emocionais.

Na quinta estrofe, é possível ver, no entanto, a esperança da autora ao revelar que pela ânsia de vida, abria o voo nas asas impossíveis do sonho. Percebe-se que, apesar das dificuldades, principalmente do isolamento ao qual se submeteu ao longo da infância e da adolescência, não deixou de sonhar, de se colocar à disposição da vida para que novas possibilidades acontecessem.

Na sexta estrofe, há uma demonstração da passagem do tempo por meio de termos como *escravos e trabalhador livre; monarquia e república*. É possível perceber por quantas mudanças e desafios passou, tais experiências moldaram seu caráter, sua personalidade e sua força para conquistar seus desejos, apesar das dificuldades. Ainda na sétima estrofe, percebe-

se a passagem do tempo por meio dos termos *passado* e *presente*, a vivência da autora se deu no transcorrer daqueles momentos, é linear, e assim sua vida se desenvolveu.

A oitava estrofe é construída por meio de palavras fortes e objetivas que nos fazem sentir a dor daquela criança tão maltratada pelos castigos da época. São situações inimagináveis para a atualidade, porém Cora Coralina foi precursora em suas denúncias sob forma de poema, já que não era algo comum. Tais corretivos eram tratados como normais pela população em geral, não cabendo entender os sentimentos das crianças.

Na nona, décima e décima primeira estrofes, a autora trata de Mestra Silvina, apesar de não citar seu nome neste poema, é possível saber que Cora Coralina fala de sua professora, uma vez que existe outro poema com a temática dedicado totalmente a ela. Assim, mais uma vez vemos uma crítica aos métodos de ensino ultrapassados. Apesar disso, conseguiu *aprender as letras*, isto é, se alfabetizar; talvez o gosto pela leitura ajudando, talvez o talento descoberto mais tarde, o fato é que se tornou renomada no País. No que diz respeito à matemática, no entanto, não teve o mesmo sucesso, dizendo que nunca entendeu bem os *algarismos*; tal defasagem não lhe fez muita falta pois, diante de sua pobreza, não precisou muito dos números.

Na décima segunda e na décima terceira estrofes, a autora trata de sua escrita livre, de não ser convencional, escrevendo por um *impulso incontrolável*, e jamais de forma consciente e, por isso, sendo autêntica. Ela tem compreensão de que nasceu para escrever, porém sua vida difícil fez com que passasse por outras funções e não só se dedicar exclusivamente à escrita. Na maior parte do tempo, foi mais doméstica do que intelectual, precisando cuidar de sua família, sem possibilidades de ser apenas ligada às artes da escrita.

A décima quarta estrofe enaltece o ofício de doceira de Cora Coralina. Para ela, a *culinária* é a *mais nobre de toda as artes*, uma vez que é palpável e está ligada à vida e à saúde humana. É a valorização do objeto de seu sustento porque, antes de escritora, algo reconhecido apenas no fim de sua vida, tornou-se oficialmente doceira renomada.

Nas estrofes quinze, dezesseis e dezessete, o eu-lírico relata suas questões familiares e a falta de apoio para escrever. Nunca houve estímulo para que fizesse aquilo que sempre quis. Apesar de um desejo inato, ninguém se importava com uma realidade voltada para o que era seu objetivo. Assim, por esses motivos, a autora afirma um *desejo de analfabetismo*. Sobreviveu aos preconceitos visto que escrever era para ela algo natural, que pulsava, não se

abatendo pelas diversas críticas sofridas. Fez das dificuldades uma escada para alcançar seus sonhos.

Da décima oitava estrofe à vigésima quarta, fala de superação, de como conseguiu vencer como escritora, superando todas as deficiências de sua infância, de sua alfabetização. Apesar de não ter, até o momento da escrita deste poema, ganhado nenhum prêmio, nenhuma menção honrosa, por meio de sua autenticidade, expôs seus pensamentos pelos escritos. Outra palavra forte no final do poema é *luta*, mostrando a importância de não desistir, de seguir determinada conquistando novas oportunidades.

No que diz respeito à linguagem, o poema tem forma livre e poucas rimas. Na terceira estrofe há zeugma, a supressão da palavra *pedra*, já escrita no verso anterior, em *Junto a estas* (pedras) *decorreram*. Na quarta estrofe, o pleonismo *fechada dentro* reforça a ideia de uma menina resguardada, amedrontada, porém adiante se constata sua vontade em superar aqueles momentos. A quinta estrofe apresenta uma metáfora, *o voo nas asas impossíveis dos sonhos*, mostrando a esperança em buscar o desconhecido: Cora Coralina escreve apesar de todas as dificuldades. Na sexta e na sétima estrofes, há algumas antíteses que mostram a transformação da sociedade ao longo do tempo, *escravos e trabalhador livre; monarquia e república; passado e presente*. Ainda na sétima estrofe, o uso de vários substantivos em sequência pontua as situações sentidas pela menina Aninha no passado. Na oitava estrofe, há outra antítese que transmite a oposição das ideias e dos tratamentos diferentes entre *crianças e adultos*. Na décima segunda estrofe, aparece outra antítese, mostrando uma oposição entre a vida de *doméstica* e a vida *intelectual* de Cora Coralina. Na décima quarta, aparece a comparação da *culinária* com *arte*; para a autora a importância da culinária era maior do que a escrita, extremamente valiosa. Outra antítese está na décima quinta estrofe entre as palavras *nunca* e *sempre*, sobre nunca receber apoio familiar. Na décima sétima, a repetição da palavra *preconceitos* visa dar noção dos vários sofrimentos passados ao longo da vida e, na vigésima, também se constata a repetição da palavra *nenhum* e uma continuação da mesma ideia na vigésima primeira estrofe com o uso das palavras *nem* e *nenhuma*, fazendo referência à pouca aceitação pelo mundo, sem reconhecimento até boa parte de sua vida, ao surgir no cenário nacional.

Talvez este seja um dos poemas mais importantes de Cora Coralina, uma vez que mostra sua trajetória ao longo do tempo. Suas vivências, suas questões familiares, sua infância e sua vida de doceira, tudo contribuiu para compreender o percurso da autora ao longo da

vida. A representação memorial se destaca em todo o texto e discorre sobre situações da infância, da adolescência e da vida adulta. Os embates familiares e sua experiência como doceira também aparecem para fechar este cenário de vida tão complexo e rico de detalhes. O poema retrata a luta, a autenticidade e a superação pessoal de Cora Coralina diante das adversidades e dos preconceitos que marcam sua infância.

Este poema pode ser analisado em sala de aula como uma forma de introduzir os alunos à obra e à vida de Cora Coralina, discutindo questões como identidade, superação, preconceitos sociais e importância da expressão artística como forma de resistência e conexão com o mundo. Além disso, pode-se explorar o contexto histórico em que viveu e a relevância de sua contribuição para a Literatura Brasileira, já que, apesar das dificuldades e dos preconceitos sociais, a autora sobreviveu e se reconstruiu ao longo da vida.

O prato Azul-Pombinho

Minha bisavó – que Deus a tenha em glória-
sempre contava e recontava
em sentidas recordações
de outros tempos
a estória de saudade
daquele prato azul-pombinho.

Era uma estória minuciosa.
Comprida, detalhada.
Sentimental.
Puxada em suspiros saudosistas
e ais presentes.
E terminava invariavelmente,
depois do caso esmiuçado:
“– Nem gosto de lembrar disso...”
É que a estória se prendia
aos tempos idos em que vivia
minha bisavó
que fizera deles seu presente e seu futuro.

Voltando ao prato azul- pombinho
que conheci quando menina
e que deixou em mim
lembança imperecível.
Era um prato sozinho,
último remanescente, sobrevivente,
sobra mesmo, de uma coleção,
de um aparelho antigo

de 92 peças.
Isto contava com emoção, minha bisavó,
que Deus haja.

Era um prato original,
muito grande, fora de tamanho,
um tanto oval.
Prato de centro, de antigas mesas
senhoriais
de família numerosa.
De faustos casamentos e dias de batizado.

Pesado. Com duas asas por onde segurar.
Prato de bom-bocado e de mães-bentas.
De fios de ovos.
De receita dobrada
de grandes pudins,
recendendo a cravo,
nadando em calda.

Era, na verdade, um enlevo.
Tinha seus desenhos
em miniaturas delicadas:
Todo azul-forte,
em fundo claro
num meio – relevo.
Galhadas de árvores e flores
estilizadas.
Um templo enfeitado de lanternas.

Figuras rotundas de entremez.
 Uma ilha. Um quiosque rendilhado.
 Um braço de mar.
 Um pagode e um palácio chinês.
 Uma ponte.
 Um barco com sua coberta de seda.
 Pombos sobrevoando.

Minha bisavó
 traduzia com sentimento sem igual,
 a lenda oriental
 estampada no fundo daquele prato.
 Eu era toda ouvidos.
 Ouvia com os olhos, com o nariz, com a
 boca,
 com todos os sentidos,
 aquela estória da Princesinha Lui,
 lá da China – muito longe de Goiás –
 que tinha fugido do palácio, um dia,
 com um plebeu do seu agrado
 e se refugiado num quiosque muito lindo
 com aquele a quem queria,
 enquanto o velho mandarim – seu pai –
 concertava, com outro mandarim de nobre
 casta,
 detalhes complicados e cerimoniais
 de seu casamento com um príncipe todo-
 poderoso,
 chamado Li.

Então, o velho mandarim,
 que aparecia também no prato,
 de rabicho e de quimono,
 com gestos de espanto e cercado de
 aparato,
 decretou que os criados do palácio
 incendiassem o quiosque
 onde se encontravam os fugitivos
 namorados.

E lá estavam no fundo do prato,
 – oh, encanto de minha meninice! –
 pintadinhos de azul,
 uns atrás dos outros – atravessando a
 ponte,
 com seus chapeuzinhos de batedeira
 e suas japoninhas largas,
 cinco miniaturas de chinês.
 Cada qual com sua tocha acesa
 – na pintura-

para por fogo no quiosque
 – da pintura.

Mas ao largo do mar alto
 balouçava um barco altivo
 com sua coberta de prata,
 levando longe o casal fugitivo.

Havia, como já disse,
 pombos esvoaçando.
 E um deles levava, numa argolinha do pé,
 mensagem da boa ama,
 dando aviso a sua princesa e dama,
 da vingança do velho mandarim.

Os namorados então
 na calada da noite,
 passaram sorrateiros para o barco,
 driblando o velho, como se diz hoje.
 E era aquele barco que balouçava
 no mar alto da velha China,
 no fundo do prato.

Eu era curiosa para saber o final da estória.
 Mas o resto, por muito que pedisse,
 não contava minha bisavó.
 Dali pra frente a estória era omissa.
 Dizia ela – que o resto não estava no prato
 nem constava do relato.
 Do resto, ela não sabia.
 E dava o ponto final recomendado.
 “- Cuidado com esse prato!
 É o último de 92”.

Devo dizer – esclarecendo,
 esses 92 não foram do meu tempo.
 Explicava minha bisavó
 que os outros – quebrados, sumidos,
 talvez roubados –
 traziam outros recados, outras legendas,
 prebendas de um tal Confúcio
 e baladas de um vate
 chamado Hipeng.

Do meu tempo só foi mesmo
 aquele último
 que, em raros dias de cerimônia
 ou festas do Divino,
 figurava na mesa em grande pompa,
 carregado de doces secos, variados,

muito finos,
encimados por uma coroa
alvacentas e macias
de cocadas-de-fita.

Às vezes, ia de empréstimo
à casa da boa tia Nhorita.
E era certo no centro da mesa
de aniversário, com sua montanha
de empadas, bem tostadas.
No dia seguinte, voltava.
conduzido por um portador
que era sempre o Abdênago, preto de
valor,
de alta e mútua confiança.

Voltava com muito-obrigados
e, melhor – cheinho
de doces e salgados.
Tornava a relíquia para o relicário
que no caso era um grande e velho
armário,
alto e bem fechado.
- “Cuidado com o prato azul-pombinho”
dizia minha bisavó,
cada vez que o punha de lado.

Um dia, por azar,
sem se saber, sem se esperar,
artes do salta-caminho,
partes do capeta,
fora do seu lugar, apareceu quebrado,
feito em pedaços – sim senhor-
o prato azul-pombinho.
Foi um espanto. Um torvelinho.
Exclamações. Histeria coletiva.
Um deus nos acuda. Um rebuliço.
Quem foi, quem não foi?...

O pessoal da casa se assanhava.
Cada qual jurava por si.
Achava seus bons álibis.
Punia pelos outros.
Se defendia com energia.
Minha bisavó teve “aquela coisa”
(Ela sempre tinha “aquela coisa” em casos
tais”)
Sobreveio o flato.
Arrotando alto, por fim, até chorou...

Eu (emocionada), vendo o pranto de minha
bisavó,
lembrando só
da princesinha Lui -
que já tinha passado a viver no meu
inconsciente
como ser presente,
comecei a chorar
– que chorona sempre fui.

Foi o bastante para ser apontada e acusada
de ter quebrado o prato.
Chorei mais alto, na maior tristeza,
comprometendo qualquer tentativa de
defesa.
De nada valeu minha fraca negativa.
Fez-se o levantamento de minha vida
pregressa de menina
e a revisão de uns tantos processos
arquivados.
Tinha já quebrado – em tempos alternados,
três pratos, uma compoteira de estimação,
uma tigela, vários pires e a tampa de uma
terrina.

Meus antecedentes, até,
não eram muito bons.
Com relação a coisas quebradas
nada me abonava.
E o processo se fez, à revelia da ré,
e com esta agravante:
tinha colado no meu ser magricela, de
menina,
vários vocativos
adesivos, pejorativos:
inzoneira, buliçosa e malina.

Por indução e conclusão,
era eu mesma que tinha quebrado o prato
azul-pombinho.

Reuniu-se o conselho de família
E veio a condenação à moda do meu
tempo:
uma boa tunda de chineladas.

Aí ponderou minha bisavó
umas tantas atenuantes a meu favor.
E o castigo foi comutado

para outro, bem lembrado, que melhor
servisse a todos
de escarmento e de lição:
trazer no pescoço por tempo
indeterminado,
amarrado de um cordão,
um caco do prato quebrado.

O dito, melhor feito.
Logo se torceu no fuso
um cordão de novelão.
Encerado foi. Amarrou-se a ele um caco,
de bom jeito,
em forma de meia-lua.
E a modo de colar, foi posto em seu lugar,
isto é, no meu pescoço.
Ainda mais
agravada a penalidade:

proibição de chegar na porta da rua.
Era assim, antigamente.

Dizia-se aquele, um castigo atinente,
de ótima procedência. Boa coerência.
Exemplar e de alta moral.

Chorei sozinha minhas mágoas de criança.
Depois, me acostumei com aquilo.
No fim, até brincava com o caco
pendurado
E foi assim que guardei
no armarinho da memória, bem guardado,
e posso contar aos meus leitores,
direitinho,
a estória, tão singela,
do prato azul- pombinho.

O Prato Azul-Pombinho é um texto memorialístico que relata um fato passado, um momento específico da vida da autora. Mais uma vez, o poema é autobiográfico e Cora Coralina começa dando voz a sua bisavó e relatando uma história que ela contava. A poesia do poema mescla memórias pessoais, elementos da cultura popular e reflexões sobre a condição humana. Usando uma linguagem simples, mas profundamente expressiva, busca resgatar a história e as vivências das pessoas comuns.

Vê-se a descrição dos fatos. O passado vai sendo revivido pelo eu-lírico por meio dos relatos. Começa com a bisavó contando aquela história com seus pormenores e de forma sentimental, saudosista de um tempo vivido. O prato falado no poema fazia parte de um antigo aparelho com muitas peças, no entanto, a menina conheceu apenas aquele, único sobrevivente. Relata as lembranças daquele prato, nas festas, nas comemorações, nos momentos importantes, cheios de doces, enfeitados, ou com salgados em algum momento importante. Em tais lembranças, sempre os doces, elementos fundamentais na sua vida.

A descrição se estende por todo o poema e, a partir da sexta estrofe, há um detalhamento de como era o prato, os desenhos, a origem chinesa. Na sétima estrofe, o eu-lírico relata o sentimento da bisavó quando falava da peça e de sua atenção, já que se interessava por aqueles relatos.

Cora Coralina relata sua experiência com aquele utensílio. O prato surgiu quebrado e todos da família encontraram motivos para não serem os culpados. Como ela se emocionou

junto à bisavó, por sua tristeza e, por já ter quebrado outros objetos, foi acusada e castigada. Neste poema, mais uma vez, é possível constatar que a criança não tinha muitas opções na época, só lhe cabendo obedecer à repreensão, sem crédito. Percebe-se sua frustração ao ser humilhada. Por fim, chorou sozinha e se acostumou com o castigo, levando pendurado ao pescoço um pedaço do prato quebrado.

No que diz respeito à linguagem, é possível observar a repetição da conjunção *e* (polissíndeto) em diversos momentos do poema. Na maior parte, essa conjunção aparece no início de um verso, se ligando ao verso anterior como, por exemplo, em *E terminava, invariavelmente; e que deixou em mim; e se refugiado num quiosque muito lindo* na segunda, terceira e sétima estrofes respectivamente. Em todos os casos, há uma adição clássica, uma sequência com ligação semântica ao verso anterior. Na segunda estrofe, há uma antítese representada pelas palavras *presente* e *futuro*. Tal recurso permite perceber as duas etapas da vida por meio do eu-lírico e de sua bisavó. Na sexta estrofe, na descrição do prato, repete-se o artigo indefinido *um/uma* que marca a objetividade da descrição, exatamente do que havia e também criando um paralelismo entre cada elemento, pois a repetição gera um padrão. Na décima primeira estrofe, aparece um recurso pouco utilizado por Cora Coralina, isto é, a rima entre as palavras *ama* e *dama* que, ao mesmo tempo, também podem ser entendidas como antítese, um jogo de palavras que diz muito a respeito da sociedade da época. Na décima segunda estrofe, após a menina ser acusada de quebrar o prato, são atribuídos a ela diversos adjetivos negativos na tentativa de justificar a culpa: *inzoneira, buliçosa e malina*, a adjetivação buscando maior respaldo às acusações.

O poema *O Prato Azul-Pombinho* tem representação histórica para que possamos entender uma determinada época e a cultura de um povo do interior do Brasil naquele momento. Cada detalhe descrito nos permite visualizar a louça e o tratamento às pessoas, em especial às crianças. Além disso, é possível perceber as relações familiares que ali se estabelecem com acusações, xingamentos e castigos. Vê-se também o recorte de um período da história do Brasil e de suas tradições.

Este poema pode ser utilizado em sala de aula como forma de explorar a literatura e a cultura brasileira. Ele apresenta elementos da tradição oral, pois retrata a história contada pela bisavó da narradora. Além disso, aborda temas como memória, tradição familiar, culpa e castigo.

Velho Sobrado

Um montão disforme. Taipas e pedras,
abraçadas a grossas aroeiras,
toscamente esquadriadas.
Folhas de janelas.
Pedaços de batentes.
Almofadados de portas.
Vidraças estilhaçadas.
Ferragens retorcidas.

Abandono. Silêncio. Desordem.
Ausência, sobretudo.
O avanço vegetal acoberta o quadro.
Carrapateiras cacheadas.
São-caetano com seu verde planejamento,
pendurado de frutinhas ouro-rosa.
Uma bucha de cordoalha enfolhada,
berrante de flores amarelas
cingindo tudo.
Dá guarda, perfilado, um pé de mamão-
macho.
No alto, instala-se, dominadora,
uma jovem gameleira, dona do futuro.
Cortina vulgar de decência urbana
defende a nudez dolorosa das ruínas do
sobrado
- um muro.

Fechado. Largado.
O velho sobrado colonial
de cinco sacadas,
de ferro forjado,
cede.

Bem que podia ser conservado,
bem que devia ser retocado,
tão alto, tão nobre-senhorial.
O sobradão dos Vieiras
cai aos pedaços,
abandonado.
Parede hoje. Parede amanhã.
Caliça, telhas e pedras
se amontoando com estrondo.
Famílias alarmadas se mudando.
Assustados - passantes e vizinhos.
Aos poucos, a “fortaleza” desabando.

Quem se lembra?
Quem se esquece?

Padre Vicente José Vieira.
D. Irena Manso Serradourada.
D. Virgínia Vieira
- grande dama de outros tempos.
Flor de distinção e nobreza
na heráldica da cidade.
Benjamim Vieira,
Rodolfo Luz Vieira,
Ludugero,
Ângela,
Débora, Maria...
tão distante a gente do sobrado...

Bailes e saraus antigos.
Cortesias. Sociedade goiana.
Senhoras e cavalheiros...
-tão desusados...

O Passado...

A escadaria de patamares
vai subindo... subindo...
Portas no alto.
À direita. À esquerda.
Se abrindo, familiares.

Salas. Antigos canapés.
Cadeiras em ordem.
Pelas paredes forradas de papel,
desenho de querubins, segurando
cornucópia e laços.
Retratos de antepassados,
solenes, empertigados.
Gente de dantes.

Grandes espelhos de cristal,
emoldurados de veludo negro.
Velhas credências torneadas
sustentando
jarrões pesados.
Antigas flores
de que ninguém mais fala!
Rosa cheirosa de Alexandria.
Sempre-viva. Cravinas.
Damas-entre-verdes .
Jasmim-do-cabo. Resedá.
Um aroma esquecido
- manjerona.

O Passado...

O salão da frente recende a cravo.
Um grupo de gente moça
se reúne ali.
“Clube Literário Goiano”.
Rosa Godinho.
Luzia de Oliveira.
Leodegária de Jesus,
a presidência.

Nós, gente menor,
sentadas, convencidas, formais.
Respondendo à chamada.
Ouvindo atentas a leitura da ata.
Pedindo a palavra.
Levantando ideias geniais.

Encerrada a sessão com seriedade,
passávamos à tertúlia.
O velho harmônio, uma flauta, um
bandolim.
Músicas antigas. Recitativos.
Declamavam-se monólogos.
Dialogávamos em rimas e risos.

D. Virgínia. Benjamim.
Rodolfo. Ludugero.
Veros anfitriões.
Sangrias. Doces. Licor de rosa.
Distinção. Agrado.

O Passado...

Homens sem pressa,
talvez cansados,
descem com leva
madeirões pesados,
lavrados por escravos
em rudes simetrias,
do tempo das acutas.
Inclémência.
Caem pedaços na calçada.
Passantes cautelosos
desviam-se com prudência.

Que importa a eles o sobrado?

Gente que passa indiferente,
olha de longe,
na dobra das esquinas,
as traves que despencam.
- Que vale para eles o sobrado?
Quem vê nas velhas sacadas
de ferro forjado
as sombras debruçadas?
Quem é que está ouvindo
o clamor, o adeus, o chamado?...
Que importa a marca dos retratos na
parede?
Que importam as salas destelhadas,
e o pudor das alcovas devassadas...
Que importam?

E vão fugindo do sobrado,
aos poucos,
os quadros do Passado.

O poema *Velho Sobrado* traz a descrição de um casarão de época que, apesar de passado por vários momentos de glória, no instante narrado no texto, é apenas o reflexo de lembranças de um período anterior, quando vivia em glórias.

Na primeira, na segunda e na terceira estrofes, há uma descrição do sobrado atual, disforme, com vidraças quebradas, as folhas e plantas invadindo os salões, abandonado, silencioso e em desordem. Em nada lembra a construção em seus tempos de prestígio. Cada detalhe do descaso com o local é descrito em seus pormenores e pode-se visualizar o velho sobrado colonial largado e com as marcas do tempo em cada particularidade.

A partir da quarta estrofe, é possível ver um desejo de que aquele sobrado retorne à época de auge, quando a prestigiada família Vieira ali morava, como se vê nos versos: *Bem que podia ser conservado, / bem que devia ser retocado*. Além de não remontar aos momentos gloriosos do passado, a falta de cuidados também provoca medo nos vizinhos atuais, uma vez que a construção cai aos pedaços, por isso também o pedido de conservação.

A quinta estrofe faz questionamentos ao leitor: *Quem se lembra? / Quem se esquece?* A partir da sexta estrofe é possível saber sobre algumas figuras importantes frequentadoras do sobrado, padres e distintos homens e mulheres da alta sociedade. Todos se encontravam naquele local para atividades muito comuns na época, bailes e saraus frequentes e a alta sociedade goiana presente ali. A descrição da oitava estrofe nos remete aos tempos antigos, nos quais o sobrado possuía tanta importância.

Na oitava estrofe, *O Passado...*, percebe-se o saudosismo do eu-lírico ao se lembrar das festividades que já passaram pelo local. A partir da nona estrofe, é possível observar uma descrição do local com grandes escadarias, portas altas e a presença dos familiares. Tudo estava sempre em ordem. Na décima primeira estrofe, vê-se a descrição das paredes forradas de papel com desenhos e retratos de antepassados, tudo muito solene, arrumado e elegante. A décima segunda estrofe descreve os espelhos de cristal com molduras de veludo e especifica os cheiros do local, ornado com flores e com aromas especiais... Realmente o passado do sobrado foi singular, por isso o espanto da situação atual pelos que o conheceram.

A décima terceira estrofe, *O Passado...*, introduz o que virá nas próximas e mais uma vez remonta à saudade dos tempos especiais. A décima quarta trata das pessoas jovens que faziam parte do *Clube Literário Goiano* e que ali se reuniam, como um local especial da história local e, por isso, no poema se pode ver o desejo de que seja reformado. A décima quinta estrofe fala de pessoas que não eram da alta sociedade, mas que também participavam do clube de leitura e que ouviam com atenção o que ali acontecia, pedindo a palavra. Na décima sexta, há também a descrição de algumas sessões musicais que aconteciam no sobrado, além de declamações e diálogos com rimas e risos, tudo muito influenciado pela literatura e pela cultura. Na décima oitava estrofe, uma breve citação do que era consumido ali, aparecendo os doces, tão característicos na obra de Cora Coralina, e também bebidas que certamente animavam os encontros.

A décima nona estrofe, *O Passado...*, encerra as descrições da fase de glória do sobrado e a vigésima volta a falar do momento atual, dos pedaços de sobrado que caem na

calçada e do abandono no qual ele se encontra. Não há importância no sobrado, como se vê na vigésima segunda estrofe: *Gente que passa indiferente*. Para os que não viveram sua época de encantamento e de importância, sua destruição também não chama a atenção. Nenhuma marca do passado importa, o clamor por conservação não é ouvido. Na última estrofe do texto, o eu-lírico afirma que os quadros do passado vão fugindo do sobrado, ou seja, suas histórias, suas marcas, o conhecimento do que ali se passou... as gerações que veem sua destruição, não percebem sua importância e todas as suas histórias.

No que diz respeito à linguagem, na primeira estrofe é possível ver a repetição de fonemas em: *pedras, abraçadas, grossas, aroeiras, esquadrias*. A aliteração também se encontra na terceira estrofe em: *ferro forjado* e na vigésima estrofe em: *pressa, cansados, descem, simetrias, calçada passantes*. Tal recurso ajuda a musicalidade do poema e o torna mais harmônico. No início da segunda estrofe, a pontuação marcada e separando palavra por palavra enumera em sequência a situação do sobrado, destacando o contexto arruinado em que ele se encontra. Apesar de nos poemas de Cora Coralina não haver costume de muitas rimas, neste há algumas que também contribuem para a sua musicalidade como em *fechado* e *largado*, na terceira estrofe e *conservado* e *retocado*, na quarta. Algumas antíteses também estão presentes e ajudam a marcar a diferença entre o sobrado no tempo passado e no presente como, por exemplo, no seguinte verso da quarta estrofe: *Parede hoje. Parede amanhã; lembra e esquece*, na quinta estrofe, e *monólogos* e *dialogávamos*, na décima sexta estrofe. Toda a construção descritiva do texto possibilita refletir sobre como era cada parte daquele sobrado e no que ele havia se transformado. Os cheiros e os espaços são trazidos de forma a levar o leitor àquele local por meio da construção linguística e poética.

Neste poema, a reflexão do texto se dá por meio da passagem do tempo e da falta de cuidado com as memórias e com as histórias do lugar. Ao não cuidar do velho sobrado, o passado é esquecido e não é mais relevante. Mais uma vez é possível associar tal abandono à falta de cuidado que nosso País tem com a história de seu passado, não cuidando para que o futuro possa ser melhorado através das vivências antigas. A presença da vegetação em crescimento desordenado ao redor do sobrado reforça a ideia de que a natureza está gradualmente tomando conta do espaço e as referências às plantas, como carrapateiras, são-caetano e pé de mamão-macho, simbolizam a força e o vigor da natureza em contraste com a fragilidade e a decadência do sobrado.

A imagem do passado contrasta com o presente em ruínas. O sobrado, que poderia ser conservado e retocado, está em colapso, com partes da estrutura caindo e famílias se mudando. Esse processo de deterioração é retratado de forma poética, como o desabamento de uma *fortaleza* e a fuga gradual dos quadros que representam o passado.

Através de imagens intensas e melancólicas, o poema *Velho Sobrado* retrata não apenas a degradação física de uma construção, mas também a perda de conexão com o passado, com a história e com a cultura. O texto nos convida a refletir sobre a importância da preservação do patrimônio histórico e do resgate das memórias que esses lugares carregam, por isso é pertinente seu trabalho em sala de aula.

Oração do Milho - Introdução ao poema do milho

Senhor, nada valho.
 Sou a planta humilde dos quintais pequenos e das lavouras pobres.
 Meu grão, perdido por acaso,
 nasce e cresce na terra descuidada.
 Ponho folhas e haste, e se me ajudardes, Senhor,
 mesmo planta de acaso, solitária,
 dou espigas e devolvo em muitos grãos
 o grão perdido inicial, salvo por milagre,
 que a terra fecundou.
 Sou a planta primária da lavoura.
 Não me pertence a hierarquia tradicional do trigo
 e de mim não se faz o pão alvo universal.
 O Justo não me consagrou Pão de Vida, nem lugar me foi dado nos altares.
 Sou apenas o alimento forte e substancial dos que
 trabalham a terra, onde não vinga o trigo nobre.
 Sou de origem obscura e de ascendência pobre,
 alimento de rústicos e animais do jugo.

Quando os deuses da Hélade corriam pelos bosques,
 coroados de rosas e de espigas,
 quando os hebreus iam em longas caravanas
 buscar na terra do Egito o trigo dos faraós,
 quando Rute respigava cantando nas searas de Booz
 e Jesus abençoava os trigais maduros,
 eu era apenas o bró nativo das tabas ameríndias.
 Fui o angu pesado e constante do escravo na exaustão do eito.
 Sou a broa grosseira e modesta do pequeno sitiante.
 Sou a farinha econômica do proletário.
 Sou a polenta do imigrante e a miga dos que começam a vida em terra estranha.
 Alimento de porcos e do triste mu de carga.
 O que me planta não levanta comércio, nem vantagem dinheiro.
 Sou apenas a fartura generosa e despreocupada dos paióis.

Sou o cocho abastecido donde ruma o gado.
 Sou o canto festivo dos galos na glória do dia que amanhece.
 Sou o cacarejo alegre das poedeiras à volta dos seusinhos.
 Sou a pobreza vegetal agradecida a Vós, Senhor,
 que me fizestes necessário e humilde.
 Sou o milho.

O poema *Oração do Milho* é, como a própria autora afirma no subtítulo, uma introdução ao seu poema seguinte: *Poema do Milho*. No poema, vê-se o próprio milho personificado, isto é, o milho realiza a oração. O texto começa com um vocativo direcionado a Deus, *Senhor, nada valho*. A partir disso, o milho narra suas mazelas e fala o quanto é um grão de menor prestígio, que nasce perdido em terras descuidadas, às vezes, por acaso. O narrador reconhece, no entanto, a ajuda divina ao afirmar que, mesmo sendo uma planta solitária e de acaso, ela produz espigas e devolve muitos grãos, multiplicando-se e cumprindo sua função de alimento.

Posteriormente, se compara ao trigo, afirmando que, diferentemente daquele, não possui tradição, consagração e não é digno do altar como o *Pão da Vida*, feito de trigo. Assim, segue com várias referências bíblicas, sempre lembrando de como o trigo é vital e consagrado, e o milho algo menor, menos importante, como aparece na terceira estrofe em: *e Jesus abençoava os trigais maduros, / eu era apenas bró nativo das tabas ameríndias*.

Da quarta estrofe até o final do poema, há uma série de lamentações do milho, ele se coloca sempre como um alimento desprestigiado, como, por exemplo, nos versos: *Sou a farinha econômica do proletário / Alimento de porcos e do triste mu de carga / Sou o cocho abastecido donde ruma o gado*. Em sua concepção, é apenas alimento dos animais e faz parte de receitas simples que alimentam os mais pobres, no entanto, na última estrofe, apesar de afirmar mais uma vez que ele é a pobreza vegetal, também reconhece sua importância, sua necessidade para alimentar tantos. Finalmente se anuncia de forma objetiva: *Sou o milho*. Diante de tal apresentação, no poema seguinte, seguem as qualidades, a importância e a perseverança do milho para ir do grão à espiga.

O poema escrito em primeira pessoa é um dos poucos em que não se vê a relação autobiográfica com a autora, isso acontece inclusive por causa de sua temática específica. Em cada verso é possível ver a progressão para o nascimento do milho, elemento tão característico das plantações brasileiras. Ele exalta a importância e a simplicidade do milho como alimento básico para diversos grupos sociais ao longo da história e valoriza sua

humildade e sua capacidade de sustentar e alimentar as pessoas, reconhecendo sua relevância mesmo diante de hierarquias estabelecidas por outros alimentos.

O texto aborda temas como humildade, simplicidade, importância da alimentação e valorização do cotidiano. Em sala de aula, os alunos podem discutir esses temas e identificar os símbolos presentes na obra, como o milho representando a modéstia e a utilidade. Além disso, o poema pode abrir espaço para discussões sobre alimentação saudável, sustentabilidade e importância de valorizar os alimentos básicos. Os alunos podem refletir sobre a diversidade do que comem, a produção de alimentos e o impacto das escolhas saudáveis no meio ambiente.

Poema do Milho

Milho...
 Punhado plantado nos quintais.
 Talhões fechados pelas roças.
 Entremeado nas lavouras,
 Baliza marcante nas divisas.
 Milho verde. Milho seco.
 Bem granado, cor de ouro.
 Alvo. Às vezes vareia
 - espiga roxa, vermelha, salpintada.

Milho virado, maduro, onde o feijão
 enrama
 Milho quebrado, debulhado
 na festa das colheitas anuais.
 Bandeira de milho levada para os montes
 largada pelas roças.
 Bandeiras esquecidas na fartura.
 Respiga descuidada
 dos pássaros e dos bichos.

Milho empaioado.
 Abastança tranquila
 do rato,
 do caruncho.
 do cupim.

Palha de milho para o colchão.
 Jogada pelos pastos.
 Mascada pelo gado.

Trançada em fundos de cadeiras.

Queimada nas coivaras.
 Leve mortalha de cigarros.
 Balaio de milho trocado com o vizinho
 no tempo da planta.
 “- Não se planta, nos sítios, semente da
 mesma terra”.

Ventos rondando, redemoinhando.
 Ventos de outubro.

Tempo mudado. Revo de saúva.
 Trovão surdo, tropeiro.
 Na vazante do brejo, no lameiro,
 o sapo-fole, o sapo-ferreiro, o sapo-
 cachorro.
 Acauã de madrugada
 marcando o tempo, chamando chuva.
 Roça nova encoivarada,
 começo de brotação.
 Roça velha destocada.
 Palhada batida, riscada de arado.

Barrufo de chuva.
 Cheiro de terra; cheiro de mato,
 Terra molhada, Terra saroia.
 Noite chuvada, relampeada.

Dia sombrio. Tempo mudado, dando sinais.

Observatório: lua virada. Lua pendida...
 Circo amarelo, distanciado,
 marcando chuva.
 Calendário, Astronomia do lavrador.

Planta de milho na lua-nova.
 Sistema velho colonial.
 Planta de enxada.
 - Seis grãos na cova,
 quatro na regra, dois de quebra.
 Terra arrastada com o pé,
 pisada, incalcada, mode os bichos.

Lanceado certo-cabo-da-enxada.
 Vai, vem... sobe, desce...
 terra molhada, terra saroiá . . .
 - Seis grãos na cova; quatro na regra, dois de quebra.

Sobe. Desce...
 Camisa de riscado, calça de mescla
 Vai, vem...
 golpeando a terra, o plantador.

Na sombra da moita,
 na volta do toco - o ancorote d'água.

Cavador de milho, que está fazendo?
 Há que milênios vem você plantando.
 Capanga de grãos dourados a tiracolo.
 Crente da Terra, Sacerdote da terra.
 Pai da terra.
 Filho da terra.
 Ascendente da terra.
 Descendente da terra.
 Ele, mesmo; terra.

Planta com fé religiosa.
 Planta sozinho, silencioso.
 Cava e planta.
 Gestos pretéritos, imemoriais.
 Oferta remota, patriarcal.
 Liturgia milenária.
 Ritual de paz.

Em qualquer parte da Terra
 um homem estará sempre plantando,
 recriando a Vida.

Recomeçando o Mundo.

Milho plantado; dormindo no chão,
 aconchegados
 seis grãos na cova.
 Quatro na regra, dois de quebra.
 Vida inerte que a terra vai multiplicar

Evém a perseguição:
 o bichinho anônimo que espia, pressente.
 A formiga-cortadeira - quenquém.
 A ratinha do chão, exploradeira.
 A rosca vigilante na rodilha,
 O passo-preto vagabundo, galhofeiro,
 vaiando, sorrindo...
 aos gritos arrancando, mal aponta.
 O cupim clandestino
 roendo, minando,
 só de ruindade.

E o milho realiza o milagre genético de
 nascer:
 Germina. Vence os inimigos,
 Aponta aos milhares.
 - Seis grãos na cova.
 - Quatro na regra, dois de quebra,
 Um canudinho enrolado.
 Amarelo-pálido,
 frágil, dourado, se levanta.
 Cria sustância.
 Passa a verde.
 Liberta-se. Enraíza,
 Abre folhas espaldeiradas.
 Encorpa. Encana. Disciplina,
 com os poderes de Deus.

Jesus e São João
 desceram de noite na roça,
 botaram a bênção no milho,
 E veio com eles
 uma chuva maneira, criadeira, fininha,
 uma chuva velhinha,
 de cabelos brancos,
 abençoando
 a infância do milho.

O mato vem vindo junto,
 Sementeira.

As pragas todas, conluiadas.

Carrapicho. Amargoso. Picão.
 Marianinha. Caruru-de-espinho.
 Pé-de-galinha. Colchão.
 Alcança, não alcança.
 Competição.
 Pac... Pac... Pac...
 a enxada canta.
 Bota o mato abaixo.
 Arrasta uma terrinha para o pé da planta.
 “- Carpa bem feita vale por duas...”
 quando pode. Quando não... sarobeia.
 Chega terra. O milho avoa.

Cresce na vista dos olhos.
 Aumenta de dia. Pula de noite.
 Verde. Entonado, disciplinado, sadio.

Agora...
 A lagarta da folha,
 lagarta rendeira...
 Quem é que vê?
 Faz renda da folha no quieto da noite.
 Dorme de dia no olho da planta,
 Gorda; Barriguda. Cheia.
 Expurgo... Nada... força da lua...
 Chovendo acaba - a Deus querê.

“O mio tá bonito...”
 “- Vai sê bão o tempo pras lavoras todas...”
 “- O mio tá marcando...”
 Condicionando o futuro:
 “- O roçado de seu Féli tá qui fais gosto...
 Um refrigério!”
 “- O mio lá tá verde qui chega a s’tar
 azur...”
 Conversam vizinhos e compadres.

Milho crescendo, garfando,
 esporando nas defesas...
 Milho embandeirado.
 Embalado pelo vento.

“Do chão ao pendão, 60 dias vão”.

Passou aguaceiro, pé de vento.
 “- O milho acamou...” “- Perdido?”...
 Nada...
 Ele arriba com os poderes de Deus”...
 E arribou mesmo, garboso, empertigado,
 vertical.

No cenário vegetal
 um engraçado boneco de frangalhos
 sobreleva, vigilante.
 Alegria verde dos periquitos gritadores...
 Bandos em sequência... Evolução...
 Pousos... retrocesso.

Manobras em conjunto.
 Desfeita formação.
 Roedores grazinando, se fartando,
 foliando, vaiando
 os ingênuos espantalhos.

“Jesus e São João
 andaram de noite passeando na lavoura
 e botaram a bênção no milho”.
 Fala assim gente de roça e fala certo.
 Pois não está lá na taipa do rancho
 o quadro deles, passeando dentro dos
 trigais?
 Analogias... Coerências.

Milho embandeirado
 bonecando em gestação.
 - Senhor!... Como a roça cheira bem!
 Flor de milho, travessa e festiva.
 Flor feminina, esvoaçante, faceira.
 Flor masculina - lúbrica, desgraciosa.

Bonecas de milho túrgidas,
 negaceando, se mostrando vaidosas.
 Túnicas, sobretúnicas...
 saias, sobressaias...
 Anáguas... camisas verdes.
 Cabelos verdes...
 - Cabeleiras soltas, lavadas, despenteadas...
 - O milharal é desfile de beleza vegetal.

Cabeleiras vermelhas, bastas, onduladas.
 Cabelos prateados, verde-gaio.
 Cabelos roxos, lisos, encrespados.
 Destrançados.
 Cabelos compridos, curtos,
 queimados, despenteados...
 Xampu de chuvas...
 Fragrâncias novas no milharal.
 - Senhor, como a roça cheira bem!...

As bandeiras altaneiras

Vão-se abrindo em formação.
Pendões ao vento.
Extravasão da libido vegetal.
Procissão fálica, pagã.
Um sentido genésico domina o milharal.
Flor masculina erótica, libidinosa,
polinizando, fecundando
a florada adolescente das bonecas.

Boneca de milho, vestida de palha...
Sete cenários defendem o grão
Gordas, esguias, delgadas, alongadas.
Cheias, fecundadas.
Cabelos soltos excitantes.
Vestidas de palha.
Sete cenários defendem o grão.
Bonecas verdes, vestidas de noiva.
Afrodisíacas, nupciais...

De permeio algumas virgens loucas...
Descuidadas. Desprovidas.
Espigas falhadas. Fanadas. Macheadas.

Cabelos verdes. Cabelos brancos.
Vermelho-amarelo-rosa, requeimado...
E o pólen dos pendões fertilizando...
Uma fragrância quente, sexual...
Invade num espasmo o milharal.

A boneca fecundada vira espiga.
Amortece a grande exaltação.

Já não importam as verdes cabeleiras
rebeladas.
A espiga cheia salta da haste.
O pendão fálico vira ressecado,
esmorecido,
No sagrado rito da fecundação.

Tons maduros de amarelo.
Tudo se volta para a terra-mãe.
O tronco seco é um suporte, agora,
onde o feijão verde trança, enrama, enflora.

Montes de milho novo, esquecidos,
Marcando claros no verde que domina a
roça.
Bandeiras perdidas na fatura das colheitas.
Bandeiras largadas, restolhadas.
E os bandos de passo-pretos galhofeiros
Gritam e cantam na respiga das palhadas.

“Não andeis a respigar” – diz o preceito
bíblico.

O grão que cai é o direito da terra.
A espiga perdida – pertence às aves
Que têm seus ninhos e filhotes a cuidar.
Basta para ti, lavrador,
O monte alto e a tulha cheia.
Deixa a respiga para os que não plantam
nem colhem.

- O pobrezinho que passa.
- Os bichos da terra e os pássaros do céu.

O texto *Poema do milho* traz uma descrição de como este alimento é plantado e cultivado. Cada detalhe é pormenorizado a fim de que se possa perceber o percurso do grão à nova espiga. O poema descreve detalhadamente as diversas etapas, os elementos naturais envolvidos, as pragas e os desafios enfrentados pelo agricultor. Também aborda a simbologia do milho como fonte de sustento e renovação, e faz referências religiosas e ancestrais relacionadas à terra e à fertilidade.

Na primeira estrofe, vê-se uma descrição de como o milho é plantado, os punhados colocados nos quintais crescem e se multiplicam. Nas roças e nas lavouras, de várias espécies e cores: espigas roxas, vermelhas, salpintadas e cor de ouro, nas palavras da autora. Percebe-

se a sua importância comparado a um metal tão nobre. Assim, Cora Coralina vai descrevendo a beleza do milho e de sua variedade.

Na segunda estrofe, trata-se da colheita, do milho maduro quebrado e debulhado nas festas das colheitas. As bandeiras colocadas outrora nas plantações são esquecidas nos momentos de colher, de retirar os milhos maduros. É o momento mais importante: sua colheita. Após, já no celeiro, a terceira estrofe trata das pragas que podem atacar o alimento: rato, caruncho, cupim. Assim, todo o percurso do milho vai sendo louvado.

Na quarta estrofe, Cora Coralina discorre sobre a função da palha do milho, usada no interior para encher os colchões e também como fundos de cadeiras, revelando uma funcionalidade em alguns artigos da casa. Além disso, jogada nos pastos e mascada pelo gado, nada perdido, tudo era importante e tinha sua funcionalidade. A autora segue descrevendo cada detalhe do milho, são criadas imagens por meio do texto descritivo, apesar de poético. Na quinta estrofe, ela ainda fala sobre o uso da palha utilizada como base para receber o fumo nos cigarros; são muitas as suas funções. Posteriormente, trata da troca de um balaio de milho, isto é, um cesto, com os vizinhos. Percebe-se então a convivência entre as pessoas, a ajuda mútua tão característica do interior do Brasil.

A partir da sexta estrofe, há uma mudança no clima, de estação, fala sobre os ventos de outubro rondando com seus redemoinhos. A chegada dos trovões, das chuvas e o brejo enlameado, os sapos se fazendo presentes naquele ambiente característico de uma nova roça. A nova safra do milho se apresenta, opondo-se à velha palha batida da plantação anterior, o ciclo do milho está formado, assim como o ciclo da vida do homem do campo tão bem retratada por Cora Coralina.

A oitava estrofe começa falando da terra com seu cheiro característico por causa da chuva, o cheiro de mato, a terra molhada, a noite com relâmpagos e chuvas. O dia nublado, como em várias obras literárias, é tratado como sombrio, escuro, mudado... e a noite, observando a lua, é possível entender o momento para cada fase da plantação. Assim, na reflexão do poema, a astronomia do lavrador se dá por meio da observação do tempo, das chuvas, da lua.

A partir da nona estrofe, o plantio do milho é pormenorizado. Na lua nova, o velho jeito colonial de se plantar o grão, ainda com enxada, seis grãos em cada cova, quatro pela regra e dois a mais para o caso de algo acontecer de errado. Depois a terra era arrastada com o

pé e pisoteada para que nenhum animal encontrasse os grãos e os retirasse dali. E assim, de modo quase artesanal, o milho ia sendo plantado por toda a extensão de terra, subindo e descendo os morros da propriedade e repetindo aquele ritual.

Na décima segunda estrofe, a autora apresenta rapidamente o modelo quase de um uniforme do lavrador que planta na roça: *camisa de riscado, calça de mescla*. Desse modo, em trajes de homem do campo, vai trabalhando a terra e plantando seu alimento de geração em geração, como trata a décima quarta estrofe. Nela, é possível ver a descrição da passagem do tempo, o pai na terra e o filho também trabalhando nela, são ascendentes e descendentes sustentando-se por meio do plantio.

Na décima quinta estrofe, vemos uma alusão à fé católica, muito presente principalmente no interior do Brasil na época retratada por Cora Coralina. Então, planta-se com fé, em silêncio, apenas cavando e plantando, seguindo quase uma liturgia, um ritual de paz que faz com que a vida seja recriada e recomece por meio da nova plantação, dos novos grãos. É o que retrata a décima sexta estrofe: em qualquer parte da Terra, um homem estará plantando e recomeçando o processo da vida novamente.

Já na décima oitava estrofe, é possível ver o relato das pragas que acometem a lavoura. Ratos, formigas e cupins a minando e atrapalhando o crescimento, fazendo com que os problemas vão surgindo e a lavoura não seja bem-sucedida. Apesar deles, no entanto, o milho germina e, como por um milagre, nasce, vencendo seus inimigos. Na décima nona estrofe, há o relato do nascimento do milho. É possível ver detalhadamente o surgimento de cada espiga, percebendo que tudo se dá, com os poderes de Deus. Também na vigésima estrofe se observa a presença de símbolos católicos no nascimento do milho. Jesus e São João aparecem com suas bençãos à roça durante a noite e, segundo o poema, por isso o milho brotou com tanta beleza, já que vieram também as chuvas, abençoando a fase inicial de crescimento, sua infância.

Antes do crescimento, porém, precisa passar por diversas pragas, também atraídas pelas chuvas. Na vigésima segunda estrofe, são apresentadas: carrapicho, amargoso, picão etc. Todas impedem o crescimento da lavoura, ao lavrador cabe o uso da enxada para que retire todo o mato que não é bem-vindo e o milho possa florescer desimpedido. Quando a limpeza das pragas é bem-feita, *o milho avoa*, isto é, aparece vigoroso e sadio.

Outra praga que o milho precisa vencer é a lagarta da folha, a lagarta rendeira, que faz renda da folha à noite e dorme escondida durante o dia. A vigésima quarta estrofe relata tal situação e explica que não há o que fazer, as lagartas acabam com a chuva, pela vontade de Deus, que mais uma vez surge como protetor da lavoura. Apenas com a ajuda Dele, o milho é capaz de crescer.

Na vigésima quinta estrofe, vê-se a reprodução de discurso indireto. É a conversa entre moradores de uma região de plantação de milho. É possível perceber várias marcas desse modo de falar interiorano, milho é trocado por *mio*, bom por *bão*, faz por *fais* e assim por diante, em um efeito evocativo. São vizinhos e compadres conversando, é um diálogo informal e com uma temática muito específica: a lavoura de milho. Assim, vemos também o Brasil do interior representado por tal linguagem.

Na vigésima sexta, na vigésima sétima e na vigésima oitava estrofes se narra novamente o crescimento do milho. Em sessenta dias, se vai do milho no chão ao pendão. Podem passar ventanias e o milho ir ao chão, no entanto, com a ajuda divina, mais uma vez se ergue com sua beleza.

Após crescido, um espantalho ajuda a vigiar a lavoura para que os pássaros não sejam os primeiros a colher. A vigésima nona estrofe retrata o uso deste artifício como mais uma forma de proteção da lavoura a fim de que o homem colha o que plantou. São manobras em conjunto para que tudo dê certo.

Jesus e São João mais uma vez aparecem como protetores da lavoura, segundo a trigésima primeira estrofe. Passeiam pela plantação durante a noite protegendo cada grão ali plantado, abençoando.

A partir da trigésima segunda estrofe, trata-se do cheiro da roça, da plantação, das flores do milho, um cheiro bom. As bonecas de milho se mostram vaidosas, surgem belas, são comparadas a saias e camisas, com cabelos soltos e despenteados, uma beleza vegetal singular. Na trigésima quarta estrofe, são apresentados os diversos tipos de cabelos possíveis nas espigas de milho, vermelhos, roxos, lisos, encrespados, curtos e compridos. Há diversidade no milho, as chuvas lavam tudo, limpando. É possível, mais uma vez, ver a descrição perfeita da situação e imaginar o ar saudável do espaço quando, ao se encerrar a estrofe, lê-se: - *Senhor, como a roça cheira bem!...*

Da trigésima quinta à trigésima nona estrofe, são percebidas metáforas que representam o homem e a mulher sexualizados, o *sagrado rito da fecundação* é transposto em um jogo de palavras cujo milho é a representação. Inicia-se pela flor masculina, segundo o texto, erótica e libidinosa, é a *extravaseção da libido vegetal* polinizando e fecundando as floradas das bonecas ainda adolescentes. Após, há uma representação feminina, são bonecas de milho, vestidas com palhas e parecendo noivas. São elas afrodisíacas e nupciais, há misturadas algumas virgens loucas. Todo o cenário é criado para que o imaginário do leitor se volte para questões ligadas à sexualidade. Nos versos *Uma fragrância quente e sexual / invade num espasmo o milharal*, é possível perceber uma alusão ao momento da fecundação e, assim, segundo o texto, a boneca fecundada se torna uma espiga e será capaz de trazer o milho à vida. Todas essas estrofes fazem um relato bastante detalhado da fecundação do milho e da sua origem na percepção sensual.

Após tal descrição, nos versos que encerram o poema, detalha-se a colheita. Os milhos maduros são retirados e levados pelo homem, as bandeiras antes usadas ficam perdidas, tudo se volta para a terra e para a colheita. Os grãos e as espigas que caem servem de alimento aos animais que não podem plantar ou colher e dependem delas para alimentar seus filhotes. Aos homens bastam os montes altos do milho colhido.

No que diz respeito à linguagem, o poema é rico em recursos estilísticos. A aliteração aparece em diversos momentos, como em *punhado plantado* na primeira estrofe; *rondando, redemoinhando* na sexta; *flor, feminina, festiva, faceira* na trigésima segunda. Em todos esses casos, a aliteração traz musicalidade ao texto, o torna mais melódico. Na segunda estrofe, percebe-se o recurso da zeugma na ausência da palavra bandeira nos versos *Bandeira de milho levada para os montes, largada pelas roças*. Tal recurso, bastante utilizado, deixa o texto mais fluido, evitando a repetição de palavras. A antítese também aparece em *roça nova / roça velha* na sétima estrofe; *noite / dia* na oitava; *lua-nova / sistema velho* na nona. Assim, por meio da antítese, é possível analisar diferentes aspectos de uma mesma situação, observando sua oposição, suas contrariedades. Há também personificação no texto em: *uma chuva velhinha / de cabelos brancos* na vigésima estrofe; *a enxada canta* na vigésima segunda estrofe; *bonecas de milho / se mostrando vaidosas* na trigésima. No caso, percebe-se a tentativa de aproximar o milho de características humanas. No verso *Pac... Pac... Pac....* na vigésima segunda estrofe, encontra-se uma onomatopeia que lembra o barulho da enxada batendo na terra. A onomatopeia assemelha-se ao som real, daí seu expressivo emprego.

Diversos são os recursos linguísticos encontrados neste poema. Todo o texto, inclusive, pode ser entendido como uma metáfora da nossa vida. Assim como o milho vence as diversas pragas da lavoura e consegue alcançar seu objetivo final, é necessário também que ultrapassemos os vários obstáculos e as dificuldades em nossas vidas cotidianas para que alcancemos cada vitória almejada. Além disso, há uma reflexão sobre a simplicidade do cultivo da terra associada à profundidade de pensar sobre questões sociais como, por exemplo, a vida do lavrador.

A linguagem utilizada é rica em imagens sensoriais, com metáforas e comparações que enriquecem a descrição do processo de cultivo. O poema explora a relação entre o homem e a terra, destacando a importância do trabalho árduo e da fé na terra como forma de recriar a vida e recomeçar o mundo. Ele aborda também a interação do milho com outros elementos naturais, como os animais, destacando a presença das pragas e a competição pela sobrevivência. Há uma valorização da diversidade da natureza e de sua capacidade de adaptação. Através da descrição das cores, dos cheiros e dos sons presentes no ambiente rural, o eu-lírico transmite ao leitor a atmosfera e a vivacidade desse cenário, além de criar uma sensação de conexão com a natureza.

No final do poema, há uma ênfase nas transformações ocorridas no milharal, desde a formação das espigas até a colheita, simbolizando o ciclo contínuo da vida e a importância de respeitar os processos naturais. O texto retrata de maneira expressiva e detalhada o processo de cultivo do milho e seus diferentes estágios.

Como o poema descreve visualmente as diferentes etapas do milho, desde o plantio até a colheita, e evoca sensações relacionadas ao cheiro da terra molhada, às cores e às formas das espigas, entre outros elementos, os alunos podem discutir, em sala de aula, como essas imagens e sensações contribuem para a experiência poética. O milho é retratado como um símbolo de fertilidade, crescimento e renovação, por isso os alunos podem refletir também o simbolismo do milho, além de estabelecer conexões com outros aspectos da vida humana, como os ciclos naturais e a própria jornada do ser humano. O poema apresenta elementos da cultura rural e da linguagem regional, como expressões populares, termos relacionados à agricultura e referências a práticas culturais.

6 LETRAMENTO LITERÁRIO: UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Entendendo que ensinar a escrever e a aproximar o discente do texto são instrumentos para que compreenda melhor o mundo e seja capaz de fazer parte de uma sociedade com necessidades referentes à leitura e à escrita, a presente pesquisa investigou meios de ampliar o letramento dos educandos de uma turma de nono ano do ensino fundamental de uma escola municipal da cidade do Rio de Janeiro, apresentando a eles uma autora ainda pouco lida no ensino fundamental – Cora Coralina – e um gênero textual que, apesar de bastante trabalhado, mostra resistência dos alunos e provoca neles muitas dificuldades – poema.

Ao discutir letramento, é indispensável notar a diferença entre esse conceito e o conceito de alfabetização. Diversas pessoas acreditam que as escolas são as únicas instituições encarregadas tanto pelo letramento quanto pela alfabetização, no entanto tais definições assumem diferentes formas e diferem também na maneira como existem na vida dos alunos. Para Soares, a alfabetização pode ser definida

(...) como o processo de aquisição da “tecnologia da escrita”, isto é, do conjunto de técnicas – procedimentos, habilidades – necessárias para a prática da leitura e da escrita. [...] Em síntese: alfabetização é o processo pelo qual se adquire o domínio de um código e das habilidades de utilizá-lo para ler e para escrever, ou seja: o domínio da tecnologia – do conjunto de técnicas – para exercer a arte e ciência da escrita. (2003, p. 91).

Segundo a autora, letramento é a capacidade de usar efetivamente essas tecnologias aprendidas, principalmente na escola, porém não somente nela. Isso demonstra que, para se tornar letrado, uma pessoa deve ser proficiente em leitura e escrita e usar esses artefatos socialmente em uma variedade de situações cotidianas. Em relação ao letramento, declara:

Ao exercício efetivo e competente da tecnologia da escrita denomina-se letramento, que implica habilidades várias, tais como: capacidade de ler ou escrever para atingir diferentes objetivos – para informar ou informar-se, para interagir com outros, para imergir no imaginário, no estético, para ampliar conhecimentos, para seduzir ou induzir, para divertir-se, para orientar-se, para apoio à memória, para catarse...; habilidades de interpretar e produzir diferentes tipos e gêneros de textos; habilidades de orientar-se pelos protocolos de leitura que marcam o texto ou de lançar mão desses protocolos, ao escrever; atitudes de inserção efetiva no mundo da escrita, tendo interesse e prazer em ler e escrever, sabendo utilizar a escrita pra encontrar ou fornecer informações e conhecimentos, escrevendo ou lendo de forma diferenciada, segundo as circunstâncias, os objetivos, o interlocutor... (2003, p. 91-92).

As concepções apresentadas são confirmadas por Mollica, que acrescenta, no entanto, o fato de que a compreensão contemporânea de letramento já não é mais exatamente como era

há tempos, época em que se acreditava que letrar era uma atribuição apenas da escola e que os letrados eram os alfabetizados e os não letrados os não alfabetizados. Segundo Mollica, o conceito atual de letramento vai além do conhecimento adquirido na escola e deve abranger todos os momentos da vida cotidiana, pois o letramento é entendido como uma prática social e extrapola os limites da escrita. Para a autora,

A escola é uma das agências de letramento, paralelamente a outros sistemas assentados na experiência de vida, na necessidade da sobrevivência, na profissão dos indivíduos, na atuação dos cidadãos em suas comunidades particulares ou em âmbito mais geral. A relação, tradicionalmente estabelecida, entre escolas, letramento, progresso e civilização já está superada. (2014, p. 16).

É relevante ressaltar que as atividades sugeridas na sequência didática adaptada (Apêndices A, B e C), aplicada nas aulas, visam a ampliar o letramento dos alunos e proporcionar-lhes outros conhecimentos diferentes dos que já possuem, visto que, em geral, estão acostumados a ler poemas, porém não a escrevê-los.

Assim, a sequência didática adaptada para esta Tese cumpriu a seguinte dinâmica: primeiramente foi feita uma apresentação da autora e de suas características biográficas por meio de um material didático preparado pela professora (Apêndice A), desse modo, os alunos puderam então saber quem era Cora Coralina; posteriormente foi pedido a eles, de forma livre, que também se imaginassem como poetas e escrevessem um poema em seus cadernos; na terceira etapa, os alunos puderam conhecer alguns poemas de Cora Coralina que foram levados pela professora, lidos em sala e discutidos com a turma (Apêndice B); na última fase da sequência proposta, os alunos receberam um material didático elaborado pela professora (Apêndice C) no qual puderam ter acesso ao poema *Cora Coralina, Quem é Você?* e a uma pequena contextualização dele, a partir disso, puderam escrever seus próprios poemas dizendo quem eles eram, teve-se, assim, a produção final dos alunos.

Mollica fala sobre a relação dos alunos com sua língua materna e do letramento como base para o uso social da Língua Portuguesa da seguinte forma:

Assim, o nativo de português possui domínio completo do padrão coloquial da língua desde tenra idade e é no processo de letramento formal e em geral institucionalizado que passa a incorporar o padrão culto, os estilos e gêneros formais na fala e na escrita. O letramento supõe a incorporação dos conhecimentos e de práticas de ler e escrever no contexto social, visão abrangente de um processo em que inúmeros fatores são corresponsáveis. Do ponto de vista científico, todas as manifestações linguísticas são legítimas, desde que cumpridas as necessidades de intercomunicação. Contudo, ao considerar-se a adequação dos usos aos inúmeros atos de fala e estilos exigidos por situações contextuais reais de interação linguística, os falantes devem se apropriar de forma consciente das potencialidades linguísticas para eliminar inadequações, restrições e não ficar adstritos a 'espaços

comunicativos' limitados sob pena de serem condenados à imobilidade social. (2014, p. 51).

Mediante as afirmações de Soares e Mollica, pode-se compreender que o letramento vai além da alfabetização, pois o conceito refere-se ao uso da leitura e da escrita na sociedade. É função da escola, por ser crucial agência de letramento, converter o aluno alfabetizado em letrado. No caso desta pesquisa, espera-se que o aluno alcance o letramento literário por meio dos poemas de Cora Coralina e seja capaz de, ao final do processo, escrever um poema, além de ter uma nova percepção quando se deparar com outros poemas ao longo de suas vidas. Importa também para este estudo contribuir para a melhora da escrita dos alunos em processo de letramento.

Não é o suficiente disponibilizar recursos ao discente para que consiga ler e escrever, é necessário expandir seus saberes para que seja, também, letrado. Desse modo, é importante compreender a relevância dos múltiplos letramentos para a formação do educando. Rojo (2009) introduz o conceito de letramento múltiplo explicando que este pode mudar no tempo e no espaço, além de relacionado a convenções sociais. Isso significa que, em vez de um sistema de letramento estático e dominante, precisamos de vários sistemas de letramento diferentes e habilidades que mudam de acordo com o contexto de cada comunidade escolar.

Na concepção da autora, é relevante que a escola saiba balancear e oferecer aos alunos tanto as culturas populares quanto as mais eruditas, isto é, proporcionar a maior quantidade de conhecimento e práticas sociais para que o aprendiz possa escolher e transitar pelos diversos ambientes em seu cotidiano. A respeito das mudanças ocorridas na escola da atualidade, Rojo afirma:

Essas mudanças fazem ver a escola de hoje como um universo onde convivem letramentos múltiplos e muito diferenciados, cotidianos e institucionais, valorizados e não valorizados, locais, globais e universais, vernaculares e autônomos, sempre em contato e em conflito, sendo alguns rejeitados ou ignorados e apagados e outros constantemente enfatizados. (2009, p. 106-107).

Assim, o trabalho da escola é dar possibilidades de conhecimento aos educandos. Um dos principais objetivos da escolarização é possibilitar que os educandos participem de forma ética, crítica e democrática dessas diversas práticas sociais que utilizam o letramento na vida social.

A sociedade brasileira é caracterizada por um grande intercâmbio de culturas, por isso justifica-se a escolha de trabalhar com o gênero poesia de Cora Coralina, que escreve sobre diversas temáticas capazes de criar proximidade com os alunos – infância, escola, família – e

também expandir seus horizontes – Goiás, vida interiorana. As escolas revelam múltiplas realidades e essa é mais uma razão para travar intimidade maior com textos literários.

Compreendendo a importância do letramento na vivência do aluno, também é essencial refletir sobre o letramento literário deles, observando as experiências de que precisam para explorarem diferentes textos ao longo de suas vidas. A literatura leva a outras vivências e permite que se ganhe experiência, e também letramentos, por meio de textos, sem sair do lugar. O letramento literário amplia os conhecimentos dos discentes e proporciona condições que os aproximam do cotidiano. Além disso, conduzem a possibilidades de percepção bem diferentes daquelas a que estão acostumados.

Diante disso, ao ler as obras literárias de Cora Coralina, os leitores podem viajar por mundos imaginários, conhecer diferentes lugares, costumes e pessoas, explorar diferentes culturas e épocas. Deste ponto de vista, não há limitações mentais ou físicas para os que se dedicarem à literatura, porque é repleta de saberes tanto sobre o ser humano quanto sobre o universo, portanto uma excelente fonte para o estudo da vida em todas as épocas. Ensinar alunos no campo da literatura significa fornecer-lhes os mais diversos conhecimentos: desenvolver habilidades de oralidade, permitir uma atitude crítica em relação ao mundo, melhorar a escrita, aumentar a sensibilidade e aperfeiçoar as habilidades de raciocínio. Ao trabalhar com os poemas de Cora Coralina em sala de aula, pretende-se que os alunos alcancem essas diversas habilidades e experiências.

6.1 Leitura e Produção de Texto como Processo de Ensino de Língua Portuguesa

Para a aprendizagem efetiva da Língua Portuguesa, é necessário que o aluno tenha experiências diversas e se comunique a partir de diferentes tipos de linguagem e de textos. A literatura é apenas um dos caminhos para que desenvolva essa capacidade de comunicação. Cosson trata da experiência literária, afirmando sua importância, que também se evidencia em sala de aula. Segundo ele,

A experiência literária não só nos permite saber da vida por meio da experiência do outro, como também vivenciar essa experiência. Ou seja, a ficção feita palavra na narrativa e a palavra feita matéria na poesia são processos formativos tanto da linguagem quanto do leitor e do escritor. Uma e outra permitem que se diga o que

não sabemos expressar e nos falamos de maneira mais precisa o que queremos dizer ao mundo, assim como nos dizemos a nós mesmos. (2014a, p. 17).

Pode-se dizer, portanto, que a experiência literária possibilita ao aluno conhecer a situação vivida por meio da experiência do outro, além de poder vivenciá-la por meio da palavra, ou seja, dos textos escritos. Cosson continua esse debate afirmando que a literatura deve manter seu lugar especial nas escolas porque nos ajuda a dar sentido ao mundo ao transformar sua materialidade em palavras. Além disso, escrever é um exercício e quanto maior a prática, melhor esse processo ocorrerá; então, oferecer aos educandos tais experiências pode mudar a relação deles com a comunicação, escrita ou falada. Nas suas palavras:

É por possuir essa função maior de tornar o mundo compreensível transformando sua materialidade em palavras de cores, odores, sabores e formas intensamente humanas que a literatura tem e precisa manter um lugar especial nas escolas. Todavia, para que a literatura cumpra seu papel humanizador, precisamos mudar os rumos da sua escolarização, [...] promovendo o letramento literário”. (2014a, p. 17).

O problema que devemos enfrentar, todavia, é o da falta de leitura literária entre a população do Brasil em geral, e não apenas entre nosso público-alvo, jovens do ensino fundamental. Cosson fornece as seguintes informações a respeito:

Atualmente, porém, a literatura parece não ter mais lugar no cotidiano das pessoas. Segundo os resultados da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, de 2012, os brasileiros leem em média quatro livros por ano em contraste com 4,7 em pesquisa semelhante realizada em 2007. (...)

Se os brasileiros leem pouco, leem menos ainda literatura. Parte dos livros lidos são obras didáticas, consoante o perfil de aluno da maioria dos leitores, e o livro mais lido é a Bíblia. Quando leem literatura, o texto selecionado é o best-seller do momento, seguido pela leitura indicada pela escola, como se supõe pela presença de obras canônicas e de literatura infantil na lista dos preferidos. Aliás, não é sem razão que o professor é o principal mediador da leitura, ainda que os livros indicados pela escola sejam majoritariamente didáticos. Para completar, quando vai à biblioteca, o leitor o faz basicamente para estudar e apenas 17% da população vê esse espaço como um lugar onde se pode tomar emprestado livros de literatura. (2014b, p. 11-12).

Cosson também explica que, se o brasileiro lê muito pouco, ele lê menos ainda literatura e, no caso, as escolas possuem papel importante para que haja tal incentivo. Outro fator que atualmente desestimula a se ler literatura são os aplicativos de mensagens e as redes sociais, como TikTok, que os adolescentes consideram mais envolventes do que a leitura de textos literários. Reconhecemos, portanto, a importância e a responsabilidade das escolas no letramento, principalmente, o letramento literário. Para Cosson, “se a presença da literatura é apagada da escola, se o texto literário não tem mais lugar na sala de aula, desaparecerá também o espaço da literatura como lócus de conhecimento”. (2014b, p. 15).

Para alcançar os resultados desejados, apresentar novas leituras aos alunos, fazer com que tivessem oportunidade de escrever, e eliminar a distância existente entre o aluno idealizado e o aluno real, foram colocados em novas situações e apresentou-se a eles uma autora – Cora Coralina – e um gênero – poema – com os quais deveriam trabalhar e se preparar para que também se tornassem escritores. Foi proposta uma atividade adaptada a partir da ideia de sequência didática com o objetivo de conduzi-los pelas etapas até serem capazes de escrever seus poemas. A respeito da escrita de textos na escola, Suassuna afirma:

Lendo, escrevendo, relendo e reescrevendo, ele procura cumprir o propósito primeiro de sua escrita, que é a interação/intercompreensão. Trata-se de, quando necessário, alterar as formas de dizer para garantir o próprio dizer, mediante tentativas de dar sentido ao que se escreve, de assegurar que se compreenda aquilo que se diz. Convém ainda destacar que essa análise do dizer e das formas de dizer teria efeitos positivos também na capacidade de leitura do aluno, já que ele, alternando os papéis de escritor e leitor, estaria compreendendo melhor os mecanismos de construção do sentido. (2014, p. 121)

Para apresentar a autora Cora Coralina e seus poemas à turma, utilizou-se uma adaptação do modelo de sequência didática. Ela foi realizada em sala e objetivou pesquisar as particularidades específicas de Cora Coralina e do gênero poema, além de mostrar os aspectos estruturais, estilísticos e funcionais do poema, antes de alcançar a fase final, na qual os discentes precisarão escrever um texto, no gênero trabalhado. Para Dolz, Noverraz e Schneuwly:

Uma sequência didática tem precisamente, a finalidade de ajudar o aluno a dominar melhor um gênero de texto, permitindo-lhe, assim, escrever ou falar de uma maneira mais adequada numa dada situação de comunicação. O trabalho escolar será realizado, evidentemente, sobre gêneros que o aluno não domina ou o faz de maneira insuficiente; sobre aqueles dificilmente acessíveis, espontaneamente, pela maioria dos alunos; e sobre gêneros públicos e não privados (voltaremos à questão da escolha dos gêneros no próximo item). As sequências didáticas servem, portanto, para dar acesso aos alunos a práticas de linguagem novas ou dificilmente domináveis. (2004, p. 83).

A sequência didática adaptada que foi elaborada e desenvolvida com a turma é composta pela seguinte estrutura, inspirada em Dolz, Noverraz e Schneuwly: *Apresentação da situação* (Apêndice A), *produção inicial* (Primeira versão dos poemas dos alunos em seus cadernos), *módulos* (Apêndices B e C) e *produção final* (Anexos). Tal sequência didática pretende fazer com que o educando progrida, gradativamente, na compreensão do estilo de Cora Coralina e do gênero poema e consiga, depois de todo o percurso mostrado na sequência, ter a capacidade de reconhecer e também escrever um poema, usando como base um texto do mesmo gênero de Cora Coralina. Assim, não partirá de um vazio, poderá se inspirar em uma obra da autora estudada e já conhecida.

Desse modo, tal sugestão é importante porque o letramento literário não pode ser ensinado em uma única atividade e concluído. A experiência deve ser construída em sala de aula ao longo do tempo e a partir de obras selecionadas pela escola, mas que gerem interesse e identificação com os alunos. Ler e estudar outra obra literária oferece novas oportunidades de aprimorar ainda mais o letramento literário. Essa pesquisa não tem fim nela mesma e inclusive nós, professores, desenvolvemos nossa competência literária a cada nova obra lida ao longo da vida.

Assim, é essencial entender que os professores são agentes letradores, como explicam Bortoni-Ricardo, Machado e Castanheira e, por meio dessa compreensão, o docente deve, mesmo depois de seu aluno saber ler fluentemente, levá-lo a estratégias de leitura que lhe permitam tornar-se letrado. De acordo com as autoras “ser letrado implica fazer uso competente e frequente da leitura e da escrita no dia a dia. Para tornar-se letrado, é preciso envolver-se nas práticas sociais de leitura e escrita, ou seja, fazer uso dessas habilidades.”. (2010, p. 52).

Então, cabe aos professores desenvolver recursos que facilitem a compreensão dos alunos para que desenvolvam habilidades de oralidade e de escrita. Devem ficar atentos ao nível de comunicação da turma e, principalmente, ao conhecimento da língua oral, que os alunos já possuem para, a partir deste ponto, incentivar o letramento da turma. Para atrair a atenção dos alunos e melhorar a relação deles com a escrita e a leitura, o professor deve pensar na relação entre letramento e leitura. Assim,

[...] formar leitores autônomos significa formar leitores capazes de aprender a partir dos textos. Para isso, quem lê deve ser capaz de interrogar-se sobre sua própria compreensão, estabelecer relações entre o que lê e o que faz parte de seu acervo pessoal, questionar seu conhecimento e modificá-lo, estabelecer generalizações que permitam transferir o que foi aprendido para contextos diferentes. (BORTONI-RICARDO, MACHADO; CASTANHEIRA, 2010, p. 56).

Espera-se que os alunos reconheçam que existem estratégias de leitura que podem ajudá-los a ler uma variedade de obras literárias que encontrarão em suas vidas estudantis e pessoais, como leitores despretensiosos. O estudo do léxico, do estilo da autora e do contexto em que as obras foram escritas não só dará o conhecimento sobre esta obra, mas também ajudará a estudar outras com que entrarão em contato mais tarde. Por isso, a importância de compreender o letramento como um processo contínuo.

O aperfeiçoamento da leitura auxilia para que o educando vá muito além da decodificação de um texto, tornar-se-á capaz de compreender os textos de maneira mais

crítica, mais profunda, analisando, isto é, desenvolvendo sua interpretação de mundo. A este respeito, Cosson afirma:

Aquele que não sabe ler não tem acesso aos diplomas, nem ao poderoso mundo das informações e certamente terá dificuldades de ler os filmes e outros produtos culturais que possibilitam uma formação alternativa à escola. Vive, assim, à margem de nossa sociedade e de tudo aquilo que ela oferece por meio da escrita. Ao contrário do que as reportagens ingênuas sobre os recém-alfabetizados fazem parecer, não é porque conseguirão doravante ler placa de ônibus ou ler a carta do parente que mora distante que um adulto se esforça para aprender a ler. Essas são ações triviais as quais podem ser facilmente supridas de outra maneira que não por meio do processo, muitas vezes custoso, de alfabetização. O que o domínio da escrita lhe permite é uma nova forma de interação com um mundo do qual faz parte, mas do qual não tinha meios para participar plenamente. Saber ler, apropriar-se da escrita, não torna uma pessoa mais inteligente ou mais humana, não lhe concede virtudes ou qualidades, mas lhe dá acesso a uma ferramenta poderosa para construir, negociar e interpretar a vida e o mundo em que vive. (2014b, p. 33).

Desse modo, reiteramos que a relevância dos textos literários para o letramento dos alunos consiste no fato de viabilizarem um conhecimento mais crítico do texto e proporcionarem novas experiências aos leitores. As escolas devem incentivar a diversidade de textos e fornecer aos alunos materiais de leitura que, de outra forma, não estariam expostos. Por esse motivo, é tão importante que os professores façam as melhores escolhas de material com base em cada turma. Também é ingênuo supor que todos os alunos de uma classe façam o mesmo tipo de leitura, com o mesmo nível de proficiência. Cabe ao professor o papel de mediador para que o texto escrito não seja um problema, mas uma fonte de conhecimento e novas experiências.

Dentro e fora da escola, os alunos devem ser valorizados por suas diversas habilidades de letramento, pois contribuem para a compreensão do mundo escrito que permeia todos os ambientes de vida. Principalmente no que diz respeito ao letramento literário, é essencial que a escola seja uma das fontes de conhecimento, no entanto, quanto mais os alunos aprendem sobre literatura fora da escola, mais a escola terá realizado o seu papel de estimular o interesse pelas obras literárias. É exatamente isso que se pretende ao levar os poemas de Cora Coralina aos alunos, ou seja, que a partir desta experiência, sejam capazes de olhar o mundo com maior curiosidade para as questões literárias.

6.2 Apresentação da Proposta de Intervenção

A intervenção preparada para a turma de nono ano do ensino fundamental objetivou apresentar Cora Coralina, seu contexto como escritora e seus poemas. Além disso, a proposta teve como finalidade provocar nos alunos reflexões sobre os temas apresentados e melhorar o processo de sua escrita, já que o objeto final da intervenção é uma produção escrita. As etapas da intervenção podem ser observadas nos Apêndices A, B e C.

O estudo de um gênero textual pelo aluno exige não apenas o conhecimento de sua forma linguística, mas também de sua função comunicativa, sua capacidade de enunciação mais objetiva do que outros gêneros e suas condições de produção. Dominar um determinado gênero de texto requer, portanto, conhecimento das complexidades de sua utilização, principalmente em um contexto de interação. No que diz respeito ao trabalho com o gênero textual poema em sala de aula, é possível afirmar que objetiva fazer com que o aluno expresse sentimentos, emoções ou pensamentos por meio da sua escrita. Além do gênero em si, a produção final da proposta de intervenção, tendo como base o poema *Cora Coralina, Quem É Você?* também exige uma introspecção para que consiga realizar seu texto.

Nesse sentido, uma das tarefas da escola é dar respostas às exigências da sociedade contemporânea e ensinar aos alunos a escrever sem descuidar da relevância do texto para as características comunicativas do comportamento humano, ou seja, o texto deve comunicar. Isso dá a entender que a língua como atividade, como ação de interação, possibilita diversas práticas pedagógicas que provocam o aluno para que escreva com um propósito.

Tradicionalmente, nas escolas, a exigência de que os alunos escrevam um texto costuma estar ligada a um objetivo pedagógico voltado para uma aprendizagem específica, e muitas vezes atrelada ao ensino de gramática. A intenção ao trabalhar com textos escritos é, acima de tudo, atender aos requisitos estabelecidos pelo professor, o que faz com que não haja interesse maior em rever tais obras após a realização de sua escrita e correção do professor. Neste estudo, todavia, não foi pedido um texto para que fossem avaliados; a ideia era que conhecessem Cora Coralina e, posteriormente, fizessem uma reflexão sobre suas próprias vidas para escrever. Acredita-se também que, ao provocar o educando para que escreva a respeito dele mesmo, isso revele mais um ponto de interesse para que se sintam parte daquele aprendizado, tornem-se importantes e escrevam com mais segurança.

6.3 Produções dos Alunos

Uma das preocupações desta Tese é incentivar a leitura de textos literários, no caso, poemas de Cora Coralina, para que o discente melhore sua compreensão do fenômeno literário de modo geral e adquira maior percepção para a leitura e a elaboração de poemas. O trabalho proposto no decorrer da sequência didática adaptada presume não só o resgate da vivência com o gênero poema, mas espera também uma reflexão a respeito das diversas características do poema, tendo como objetivo seguinte a produção, com a utilização dos recursos apreendidos. Além disso, espera-se que o educando elabore um poema autobiográfico a partir de uma análise do seu *eu*. Como entende Garcia, tal texto deve ser entendido do seguinte modo:

É a vida de uma personagem real contada por ela mesma. É o retrato do próprio narrador, um relato dos episódios em que esteve envolvido, uma descrição dos lugares que conheceu e dos costumes de sua época. São recordações, que nos mostram como se fez a sua educação, como se formou o seu caráter, que nos falam das influências que sofreu, que nos revelam os seus conflitos íntimos, as suas crenças políticas e religiosas, os seus interesses, ambições, idiossincrasias, conquistas, derrotas, frustrações, seu anseio de felicidade. (2010, p. 259)

Foram analisados cinco poemas escritos pelos alunos com o objetivo de compreender se os seus textos se adequaram ao gênero poema e à temática proposta na atividade aplicada em sala de aula.

Para apreciar os textos escritos pelos alunos, foram utilizadas como critério quatro categorias: *poeticidade*, *pessoalidade*, *forma* e *rima*². É importante evidenciar que os textos analisados foram escritos por adolescentes em processo de formação escolar e, por isso mesmo, não se pretende encontrar neles formatos perfeitos de poemas, mas analisar a maneira construtiva e valorizar o esforço para que escrevessem um gênero ainda bastante afastado da realidade de sua escrita.

A *poeticidade* foi a primeira categoria a ser analisada; nela foi observada a abordagem poética do tema e a escrita criativa do aluno. Para isso, levou-se em consideração a recriação poética do ambiente concreto, real, por meio da utilização de metáforas, de comparações e das demais figuras de linguagem; foram observados também recursos como a repetição e a aliteração. A complexidade conceitual de poeticidade, objeto de intenso estudo e de posicionamentos diversos no contexto da teoria literária, também não é ignorada quando se

² A divisão em quatro categorias para análise dos textos dos alunos surgiu após a leitura do artigo *Poemas na escola: análise de textos de alunos*, de Maria da Graça Costa Val e Beth Marcuschi. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://www.scielo.br/j/edur/a/CZBXJmNMQ95zVD6HNgn6nhd/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 19 de março de 2023.

trata de superar a dicotomia conteúdo-forma nos textos. No entanto, uma discussão mais minuciosa sobre isso exigiria uma jornada relativamente longa e que sairia do foco da pesquisa.

A *pessoalidade*, segunda categoria analisada, pode ser compreendida como a expressão subjetiva que aponta a escrita autoral e se apresenta na habilidade de surpreender por meio de imagens incomuns, pela escrita crítica, pelo uso do humor, etc.

A *forma* e a *rima* foram as duas últimas categorias analisadas. Nelas serão observadas, respectivamente, se o aluno obedeceu ao aspecto formal do poema – uso de versos e estrofes; e a repetição de sons iguais ou parecidos, principalmente em palavras que fecham os versos, ocorrendo em intervalos determinados e reconhecidos. Salienta-se, no entanto, que as rimas são facultativas e que Cora Coralina não costumava utilizá-las.

A seguir são apresentadas as análises de cinco poemas escritos pelos alunos para que se possam analisar o funcionamento do trabalho com os textos em sala de aula.

Texto I

Aluna A, Quem É Você?

Sou garota, em breve serei mulher
e trago em meu ser
o que muitas lutaram
para ter.

Com uma infância tranquila
me vi sempre me encontrando,
pensando num mundo distante
e acabei nunca o achando.

Pertenço a nova geração de mulheres,
a mesma que tantas morreram
para hoje se realizar.
A geração que pode escolher
com quem se casar.

Com tão poucos planos para o futuro.
Resolvo viver o presente.
E assim tento viver
tranquilamente.

É possível observar que o poema escrito pela aluna **A** cumpre o objetivo proposto pela sequência didática, uma vez que atende aos critérios estabelecidos para a elaboração deste gênero textual. No que diz respeito à *poeticidade*, percebe-se que há poesia na escrita e também criatividade, houve preocupação com a estética do tema já que os jogos de palavras promovem apelo emocional no leitor como, por exemplo, nos versos *Com tão poucos planos para o futuro. / Resolvo viver o presente*, em que a antítese traz uma reflexão a respeito de viver o momento e não apenas uma ideia do que ainda está por vir.

Com relação à *personalidade*, é possível perceber que o texto é autoral, original e fala brevemente de sua infância. Ele surpreende por trazer reflexões mais sérias em um texto escrito por uma adolescente, como em *Sou garota, em breve serei mulher* em que a autora reflete sobre o fato de que em pouco tempo será adulta, terá responsabilidades. Outro trecho relevante é *A geração que pode escolher / com quem se casar*, no qual se entende que está atenta às mudanças do mundo, à evolução da sociedade nos últimos tempos que permitiu um avanço na vida das mulheres para que cada uma possa escolher seu futuro. Sobre a *forma*, é possível perceber que utilizou o formato preestabelecido para o gênero poema, isto é, ele foi escrito por meio de versos e estrofes. Com relação à *rima*, é possível perceber o seu uso em todas as estrofes ajudando a dar melodia, sonoridade, além de ritmo ao poema. As rimas foram *ser / ter, encontrando / achando, realizar / casar e presente / tranquilamente*. Por todos os recursos aqui analisados, é possível afirmar que o texto selecionado atendeu às expectativas e foi escrito com competência, atendendo à atividade proposta.

Texto II

Aluno B, Quem É Você?

Eu sou menino,
como qualquer outro.
Sou novo, tenho apenas
Catorze anos de idade.

Nasci no sertão do Ceará,
entre serras e morros.
Viajei cedo para as favelas
do Rio de Janeiro.

Brinquei a minha infância toda
ao ar livre
e no vídeo game também

acompanhado sempre do meu irmão.

No vídeo game
nunca fui tão bom
mas no ar livre
eu era o melhor.

O poema escrito pelo aluno **B**, revela uma realidade bastante comum do povo brasileiro: a migração do nordeste para o sudeste. No caso dele, mais especificamente, a mudança ocorreu do sertão do Ceará para o Rio de Janeiro, para as favelas cariocas. Apenas esta informação já seria bastante rica para discutirmos a realidade do povo brasileiro, algo tão relevante e complexo, abordado por um adolescente em seu texto.

A respeito da *poeticidade*, o autor abordou o tema de forma poética e criativa. Além da migração, também tratou do tema brincadeiras tecnológicas e tradicionais: *No vídeo game / nunca fui tão bom / mas no ar livre / eu era o melhor*. Assim, percebe-se um texto que traz reflexões aos leitores e inspira contemplação. Sobre a *personalidade*, pelos detalhes já mencionados, é possível afirmar que o texto é original e fruto de uma análise pessoal a respeito de sua trajetória. A *forma* do poema também foi respeitada e utiliza bem versos e estrofes, no entanto, percebem-se pequenas falhas de translineação que prejudicam a leitura mais fluida do texto como acontece na terceira estrofe: *Brinquei a minha infância toda / ao ar livre / e no vídeo game também / acompanhado sempre do meu irmão*. No que diz respeito às *rimas*, o autor não as utilizou, o que pode ter acontecido pelo fato de Cora Coralina também não usar muitas rimas e outros aspectos formais em seus poemas. Pelo que foi visto no poema, o autor abordou bem o tema e conseguiu realizar a proposta de modo satisfatório.

Texto III

Aluno C, Quem É Você?

Sou homem como outro qualquer.
Sou do Século 21
Ou da famosa geração “MIMIMI”.

Não querem trabalhar ou estudar
Só ficam nessa de celular
Tenho muitas opiniões para dar
Mas não posso as expressar.

Quando era pequeno gostava de pular,
Correr brincar e dançar
Hoje disso me falta vontade
Amigos se foram, sonhos se foram.

Hoje moro num lugar dominado por eles
Se é que você me entende
Que antes era um mar de crianças
Hoje é repleto de ódio e ilusão.

O poema escrito pelo aluno C traz uma discussão a respeito dos jovens da atualidade, a pejorativamente chamada *geração mimimi*. Tal geração pode ser entendida como aqueles que, apesar de terem oportunidades maiores do que as gerações anteriores no que diz respeito aos estudos, à aquisição de bens materiais etc., preferem reclamar e focar no que não está dando certo em suas vidas do que direcionarem seus esforços para suas maiores habilidades. Apesar de o autor dizer que faz parte desta geração, quando utiliza a terceira pessoa do plural no primeiro verso da segunda estrofe: *Não querem trabalhar ou estudar / Só ficam nessa de celular*, se distancia das pessoas de sua geração e se coloca em uma posição diferente, de crítico, de quem não faz o mesmo que os demais.

Além disso, nas duas últimas estrofes, o autor trata da violência, assunto muito recorrente na cidade do Rio de Janeiro, principalmente nas comunidades carentes. Afirma ter perdido amigos e viver em local dominado por poderes paralelos, *repleto de ódio e ilusão*. É importante destacar esta realidade, pois ela faz parte da vida da maioria dos alunos da rede municipal de ensino da nossa cidade e isso influencia nos processos de aprendizagem deles. Alguém que está habituado à vivência em local violento, agitado, barulhento... não terá a mesma capacidade de concentração e foco nos estudos que um educando que vive em um local de tranquilidade e protegido de tais conturbações.

Sobre a *poeticidade*, percebe-se que o aluno abordou o tema de forma criativa, falou sobre um assunto pertinente e destacou seu ponto de vista de modo claro, crítico aos jovens do século XXI e se colocando como diferente da maioria das pessoas de sua geração, como se vê nos versos *Tenho muitas opiniões para dar / Mas não posso as expressar*, em que se identifica também o medo ao dar suas opiniões, possivelmente por causa da violência. No quesito *personalidade*, vê-se um texto original e com temas relativos a sua época e a seu contexto particular. O autor respeitou a *forma* e escreveu seu texto utilizando versos e estrofes de modo bastante coerente. Além disso, utilizou *rimas* em alguns momentos com em *estudar /*

celular / dar / expressar. Após analisar o poema, é possível perceber que realizou a tarefa de forma adequada e seu texto reflete a proposta trabalhada em sala.

Texto IV

Quem É Você, Aluno D?

Sou uma mulher jovem.
Estou apenas no começo
Da minha vida, mas trago
Comigo todas as evoluções.

Nasci em uma família nobre
e humilde.
Cresci entre mulheres
Extremamente esforçadas e
Determinadas. Mulheres que sempre
Lutaram pelos seus direitos, e pelos
Seus sonhos.

Pretendo ser assim.
Guerreira como elas, e
Como todas as outras que vieram antes de mim.

Sou assim, com esperança
E com sonhos.
Com medos e com desejos.
E por fim, sou apenas uma
Jovem repleta de sonhos.

O poema escrito pelo aluno **D**, revela uma realidade que existe em muitas famílias brasileiras: a presença feminina marcante e, muitas vezes exclusiva, na criação das crianças. Aqui o que se vê é a valorização da força e da determinação da mulher brasileira na luta diária para desempenhar as diversas funções que lhe são exigidas: mãe, mulher, profissional etc. Assim, o que se percebe no texto é a expressão do orgulho do eu-lírico por fazer parte deste lar organizado por mulheres.

A respeito da *poeticidade*, percebe-se que o autor escreve de forma criativa e expõe o tema de modo claro fazendo conexões entre o passado vivido pelas mulheres de sua família e o presente em que se insere. No trecho *Pretendo ser assim* (no futuro) e *Como todas as outras que vieram antes de mim* (passado), a antítese está presente por meio das ideias de *futuro* e *passado* e mostra essa conexão entre as gerações que convivem naquele ambiente familiar. Sobre a *pessoalidade*, é possível perceber um texto inédito que cria no leitor uma imagem muito próxima da realidade de diversas famílias brasileiras, inclusive é a realidade de muitos

alunos em sala de aula, pois a maioria relata ser criado apenas pela mãe, muitas vezes com a ajuda da avó, mas sem a representação paterna por perto. O autor respeitou a *forma*, escrevendo por meio de versos e estrofes, no entanto há problemas com a translineação em diversos momentos que causam uma leitura mais truncada e menos fluida como se vê claramente na segunda estrofe. As *rimas* não foram utilizadas e também não eram uma obrigação, visto que a inspiração para os textos, Cora Coralina, também não costuma fazê-lo. Apesar de pequenos desvios, o texto cumpriu seu objetivo de provocar no leitor uma reflexão por meio de um poema.

Texto V

Aluno E, Quem É Você?

Sou uma garota de 14 anos.
E tenho comigo muitos problemas
Como ansiedade, dependência emocional,
Muito estresse etc.

Levo uma vida bastante complicada
E isso está me matando por dentro,
Mas sempre tento manter um sorriso
No rosto, mesmo com todas as dores.

Sinto saudades da minha infância
De como eu era feliz e de que eu
Não ligava para o que os outros
Falavam de mim.

Vou confessar que tenho medo,
não da morte do corpo, mas dos sonhos.
Medo de morrer com os olhos vivos numa
Alma presa. Medo de me perder na
Correria e não me encontrar mais em
Meio ao sossego.

É possível perceber que o poema escrito pelo aluno E é também um pedido de socorro com relação às questões emocionais tão presentes no nosso século, principalmente na vida dos adolescentes. Na leitura do poema, entende-se a dor do eu-lírico causada pelo sofrimento emocional ao qual está submetido e no trecho *Como ansiedade, dependência emocional, / Muito estresse etc.* doenças relacionadas às emoções são citadas. Quanto mais jovem, mais os sentimentos superam a razão e a pessoa não consegue encontrar soluções para os seus

problemas, momento em que quem convive com tais jovens precisa estar atento para tentar interferir e evitar situações piores como muito se tem visto atualmente.

Todo o poema revela um ar sombrio e preocupante e se percebe a *poeticidade* nele. Na última estrofe, o autor faz um jogo de palavras entre morte física e morte dos sonhos, a grande preocupação do eu-lírico vivendo em um ambiente conturbado. A saudade também é tema e autor tenta relacionar o passado, a infância, à felicidade já que o presente é triste e preocupante. Sobre a *personalidade*, é possível perceber que o texto é autoral e busca discutir uma questão bastante particular, apesar de comum na adolescência. A *forma* é respeitada e o texto utiliza versos e estrofes de modo satisfatório. Não há utilização de *rimas*.

É importante mencionar que, na época da pesquisa, havia na unidade escolar em questão o Programa Interdisciplinar de Apoio às Unidades Escolares (PROINAPE). O programa é composto por alguns profissionais da Saúde e da Educação da rede municipal do Rio de Janeiro e, no caso, possuía no grupo uma psicóloga. O aluno em questão foi encaminhado à coordenação pedagógica e à psicóloga do PROINAPE para que pudesse ser ouvido e ajudado a respeito de suas angústias.

Diante do exposto, é crível afirmar que os alunos conseguiram cumprir o pedido, realizando a proposta apresentada de modo construtivo e eficaz. Por mais que haja lacunas em muitos dos textos, a escrita é um exercício de reescrita e revisão e, apenas assim, se alcança a melhoria.

6.4 Resultados da Proposta de Intervenção

Por meio da proposta de intervenção aplicada em sala de aula, é possível afirmar que os alunos alcançaram êxito com a oportunidade de estudar uma autora que, apesar de relevante para a Literatura Brasileira, não tem seus textos muito conhecidos em sala de aula. Além disso, experimentaram trabalhar escrevendo um poema, gênero textual muitas vezes explorado em sala de aula, porém tendo o aluno como leitor apenas, e não como escritor.

Como a proposta pedia para que os alunos fizessem um texto autobiográfico, ficou claro nesta amostra também que os alunos trazem peculiaridades inerentes a suas vivências familiares, regionais, de gênero e assim por diante. A respeito, Marcuschi afirma:

Há ainda um aspecto interessante a respeito da ideia de que a língua é uma forma de ação. Não se deve entender isso como se fosse uma ação voluntarista particular, consciente e plenamente individual, como postula a pragmática tradicional dos atos de fala. Sempre estamos inseridos num contexto social e em alguma instituição cujos contratos somos obrigados a seguir sob pena de sermos punidos de alguma forma. As instituições, as ideologias, as crenças etc. são formas de coerção social e política que não permitem ao indivíduo agir como uma entidade plenamente individual. (...) Não se nega a individualidade nem a responsabilidade pessoal, mas se afirma que as formas enunciativas e as possibilidades enunciativas não emanam de um indivíduo isolado e sim de um indivíduo numa sociedade e no contexto de uma instituição. (2008, p. 67)

Assim, se entende que cada poema escrito por um aluno carrega consigo características específicas que dizem respeito ao seu contexto. Valorizar isso em sala de aula assume grande importância pois faz com que se sinta prestigiado e dá confiança para que escreva. Muitos educandos, no momento de escrever um texto, se sentem retraídos por não dominarem a temática. Ao escrever sobre si mesmo, no entanto, essa primeira barreira é ultrapassada e o aluno consegue se permitir, tentar fazer e assim é possível ver alguns exemplos de textos relevantes sendo criados. Foi exatamente isso que se pode observar na proposta de intervenção. Cada aluno com sua experiência foi capaz de escrever seu texto e expor suas individualidades em seu poema.

Essa abordagem de valorizar as características individuais dos alunos e incentivar a expressão de suas experiências pessoais por meio da escrita de poemas é de grande relevância em sala de aula. Ao permitir que cada aluno escreva sobre si, contribui-se para a superação da barreira inicial de desconforto sobre um tema ou falta de domínio sobre ele, já que conhece a si mesmo e, por isso, encontrará mais facilidade em falar sobre sua vida. Quando os alunos se sentem prestigiados e encorajados a escrever sobre suas próprias vivências, ganham confiança e motivação para se expressar de maneira mais efetiva e real. Isso cria um ambiente de aprendizado que o inclui mais e no qual diferentes perspectivas são valorizadas e aceitas, facilitando a compreensão dos educandos.

Além disso, ao escrever sobre suas experiências pessoais, os alunos têm a oportunidade de explorar sua própria identidade, refletir sobre seus sentimentos e pensamentos – como viu-se nos poemas analisados –, e desenvolver habilidades de comunicação e escrita de forma mais significativa. Essa abordagem também pode ajudar a despertar o interesse pela escrita e pela literatura, uma vez que conseguem se envolver mais com os temas que são adequados para eles.

Na proposta de intervenção realizada, foi possível observar a criação de textos relevantes pelos alunos, nos quais eles puderam expor suas individualidades e compartilhar suas experiências por meio dos poemas. Essa conquista é reflexo do ambiente acolhedor e incentivador que foi criado em sala de aula pela sequência didática, na qual cada aluno se sentiu valorizado e encorajado a escrever de maneira autêntica e com liberdade.

Continuar valorizando a expressão individual dos alunos, por meio da escrita e de outras formas de criação, é fundamental para promover um aprendizado significativo e o desenvolvimento integral deles. Assim, ao permitir que os alunos se expressem de maneira autêntica e criativa, faz-se com que sejam capazes de explorar seus interesses, sentimentos e perspectivas únicas.

Além disso, ao estimulá-los, promove-se o pensamento crítico, a capacidade de autoexpressão, a empatia e a tolerância. Os alunos aprendem a respeitar e a apreciar as diferenças, desenvolvendo uma compreensão mais ampla do mundo ao seu redor. O ambiente escolar é fundamental para cultivar um local de aprendizado enriquecedor, no qual cada um pode desenvolver todo o seu potencial e se tornar um cidadão consciente, criativo e crítico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio da análise dos poemas de Cora Coralina selecionados para figurarem nesta Tese, percebeu-se relevância expressiva da autora e suficientes características linguísticas e literárias para abordagem deles com os alunos em sala de aula. Serve-se de quantidade e de variedade de recursos – qualitativamente – para revelar uma estética sensível, *despojada*, mas também consistente e profunda. Tais ocorrências linguísticas constroem cenário peculiar da realidade social na qual Cora Coralina se insere e transita.

Neste estudo, foi possível perceber a importância de Cora Coralina para a literatura em vários aspectos, dentre eles: a representatividade feminina; o resgate cultural e o regionalismo; a poética sensível e a linguagem acessível; a reflexão sobre a condição humana; a valorização da simplicidade e do cotidiano; e o legado literário.

No que diz respeito à representatividade feminina, Cora Coralina foi uma das primeiras mulheres a se destacar na Literatura Brasileira em uma época em que a presença feminina nesse campo era bastante limitada. Sua trajetória e sua obra inspiraram e continuam a inspirar muitas escritoras, abrindo caminho para a participação e o reconhecimento das mulheres na literatura. Em sala de aula, sua representatividade foi muito importante para impulsionar os alunos a escreverem sobre eles mesmos.

Como se pode perceber nas análises dos poemas selecionados, a obra da autora é marcada pela valorização da cultura popular e das raízes regionais. Ela retratou com sensibilidade e autenticidade a vida e as tradições do interior do Brasil, especialmente de Goiás, seu estado natal. Suas histórias, personagens e cenários refletem a realidade e os aspectos culturais dessa região, contribuindo para o resgate e a preservação da identidade brasileira.

A poética sensível e a linguagem acessível foram elementos importantes para que a autora fosse escolhida para a realização da pesquisa em sala de aula. Com sua linguagem, se conecta com os leitores de diferentes idades e formações. Sua escrita possui um caráter intimista, lírico e ao mesmo tempo comprometido com causas importantes, abordando temas como amor, natureza, memória, injustiças sociais e questões existenciais.

A obra de Cora Coralina traz também reflexões profundas sobre a condição humana, a passagem do tempo, a vida e a morte. Seus poemas exploram questões existenciais e

emocionais, revelando uma sensibilidade única para capturar a complexidade da experiência humana. Percebe-se pelos poemas dos alunos que estão presentes nesta Tese que isso pode tê-los influenciado em suas escritas com abordagens emocionais marcantes.

Por tudo isso, seu legado literário é tão importante e transcende gerações, influenciando escritores e leitores ao longo do tempo. Desse modo, a relevância de Cora Coralina para a Literatura Brasileira reside na sua representatividade feminina, no resgate cultural e no regionalismo presente em sua obra, na sua poética sensível e na linguagem acessível, na reflexão profunda sobre a condição humana, na valorização da simplicidade e do cotidiano, além da atemporalidade que se pretendeu expandir em sala de aula para os alunos do ensino fundamental.

Utilizando os instrumentos de coleta de dados, a revisão bibliográfica e a pesquisa com intervenções planejadas com os alunos, foram obtidos resultados proveitosos principalmente no que diz respeito ao progresso em sala de aula. A pesquisa possibilitou que explorassem situações diversas como interação com uma nova autora, leitura mediada e escrita de um novo gênero.

Apesar de a maioria da turma nunca ter elaborado um poema antes, pode-se dizer que se aproximaram do gênero poema e utilizaram suas características, como: colocação de versos e estrofes, formação de rimas, ritmo e busca de sonoridade adequada. A maioria deles utilizou a repetição como recurso, enfatizando as conexões entre os versos e criando relações que privilegiam o ritmo.

Assim, não se objetivou formar escritores e resolver todos os problemas de escrita do nono ano. No estudo, a proposta foi melhorar o letramento dos alunos, fazê-los conhecer mais sobre literatura, sobre Cora Coralina e possibilitar que tivessem mais confiança na própria escrita, já que aprenderam a produzir um poema. A escolha da autora se deu já que os alunos provavelmente não a conheciam, por isso, apresentou-se ela e seus textos. Nesse aspecto, os resultados foram muito satisfatórios, pois além do conhecimento de Língua Portuguesa, puderam ampliar seu conhecimento de mundo por meio da temática trabalhada por Cora Coralina.

Os alunos puderam também exercitar e aperfeiçoar a linguagem escrita, questão tão importante para suas vidas, pois a escrita desempenha um papel fundamental no

desenvolvimento deles em diversas áreas da vida escolar e além dela. É uma forma de comunicação que permite expressar ideias, pensamentos e sentimentos de maneira clara e organizada, o que se pode constatar nos poemas criados por eles. Ademais, ela é essencial para a comunicação em diferentes contextos, como a sala de aula, o local de trabalho e as interações sociais, e quanto mais praticada, mais serão capazes de se comunicar com clareza e serem compreendidos.

Neste estudo, a escrita estimulou ainda o pensamento crítico, pois os alunos precisaram organizar suas ideias, analisar informações, formular argumentos e apresentar pontos de vista fundamentados. Ao escrever os poemas, foram desafiados a refletir sobre o que pensam e a desenvolver habilidades de análise e avaliação, e os resultados foram textos com temáticas diversas e criticidade ampla.

O aprendizado e a retenção de conhecimento também foram aperfeiçoados pela escrita, já que ela envolve o processamento ativo das informações. Ao escrever sobre um assunto, os alunos são incentivados a organizar e a sintetizar aquelas ideias, o que fortalece sua compreensão e memorização de um gênero textual. O poema, por exemplo, que geralmente não estão acostumados a escrever, apenas a ler.

A expressão criativa do aluno por meio da escrita permitiu que explorassem sua imaginação, desenvolvessem sua voz individual e experimentassem diferentes estilos e outros gêneros textuais. Escrever de forma criativa estimulou a originalidade, a autoexpressão e o desenvolvimento da identidade. O texto autobiográfico foi uma importante ferramenta para essa escrita criativa sem tantos julgamentos por parte deles mesmos. Os discentes se sentiram mais seguros com uma temática que dominam, como o caso de suas próprias vidas.

A melhoria da habilidade de redação acontece com a prática constante da escrita pelos alunos. Neste estudo, aprenderam a organizar suas ideias de forma clara, a aprimorar sua gramática, seu vocabulário e sua ortografia, além de desenvolver um estilo de escrita próprio. Também foram convidados a refletir sobre suas próprias experiências, emoções e pensamentos. Assim, a escrita serviu como uma forma de autoconhecimento e desenvolvimento pessoal, permitindo que os alunos explorassem sua própria identidade e compreendessem melhor a si mesmos.

A estilística desempenhou um papel fundamental na análise textual desta pesquisa, pois, por meio dela, a observação foi além das regras gramaticais e se concentrou na forma como os elementos linguísticos foram usados para criar efeitos de sentido específicos. Ao escolher uma abordagem estilística, percebeu-se com mais nitidez aspectos como o tema, o estilo narrativo, as figuras de linguagem, a escolha das palavras e a estrutura textual tanto dos poemas de Cora Coralina quanto dos poemas escritos pelos alunos. Observou-se ainda que o estilo da autora está intimamente ligado à simplicidade, à valorização da cultura popular, ao uso de imagens poéticas, à emotividade, à memória e à sensibilidade para retratar a vida do povo goiano. Sua escrita autêntica e marcante, aliada à sua visão de mundo única, torna sua obra uma contribuição valiosa para a literatura brasileira e se pôde chegar a essas conclusões por meio da abordagem estilística.

É possível afirmar, diante do exposto, que tanto o trabalho de análise dos recursos linguístico-expressivos na obra de Cora Coralina quanto o posterior uso desses poemas em sala de aula foram plenamente satisfatórios e produtivos. Na exploração da obra, foi possível perceber diversos aspectos que comprovam a sua importância para a Literatura Brasileira. O enredo, o tema e a maneira de conduzir a linguagem fazem de Cora Coralina uma autora com recursos e temáticas extremamente ricas para a abordagem linguística. Por outro lado, a sua utilização em sala de aula foi capaz de nos mostrar como uma linguagem produtiva e primorosa pode ser também simples e comunicar mesmo para aqueles ainda em formação. Seus temas foram estudados e discutidos pelos alunos, capazes de compreendê-la e procurar seguir seus passos na escrita de um poema autoral e autobiográfico como boa parte da obra de Cora Coralina. Por todas essas considerações, certamente o saldo desta pesquisa foi extremamente positivo.

REFERÊNCIAS

- AZEREDO, José Carlos de. **Gramática Houaiss da Língua Portuguesa**. São Paulo: Publifolha, 2010.
- AZEREDO, José Carlos de. **Ensino de português: fundamentos, percursos, objetos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 39. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.
- BELO, Ruy. **Na senda da poesia**. Lisboa: União Gráfica, 1969.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris; MACHADO, Veruska Ribeiro; CASTANHEIRA, Salete Flôres. **Formação do professor como agente letrado**. São Paulo: Contexto, 2010.
- BOSI, Alfredo. **História concisa da Literatura Brasileira**. 48. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.
- BOSI, Eclea. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais para 3º e 4º Ciclos do Ensino Fundamental - Língua Portuguesa**. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.
- CÂMARA JUNIOR, Joaquim Mattoso. **Contribuição à estilística portuguesa**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 2004.
- CAMARGO, Goiandira Ortiz de. Cora Coralina: uma poética para todas as vidas. In: CAMARGO, Goiandira Ortiz de; Denófrio, Darcy França (org.). **Cora Coralina: celebração da volta**. Goiânia: Cânone Editorial, 2006.
- CAMARGO, Goiandira Ortiz de. Poesia e memória em Cora Coralina. **Signótica**, Goiânia, v. 14, n. 1, p. 75–86, 2002.
- CIDREIRA, Iraneide de Andrade Fontes; OLIVEIRA, Maria Lilia Simões de; PEREIRA, Maria Teresa Gonçalves. Língua e literatura: interfaces sob a ótica da linguagem. In: HENRIQUES, Cláudio Cezar; SIMÕES, Darcilia (org.). **Língua Portuguesa: reflexões sobre descrição, pesquisa e ensino**. Rio de Janeiro: Ed. Europa, 2005.
- COMPAGNON, Antoine. **Literatura para quê?** Tradução de Laura Taddei Brandini. Belo Horizonte: Editora UFNG, 2009.
- COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria: literatura e senso comum**. Tradução de Cleonice Paes Barreto Mourão, Consuelo Fortes Santiago. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.
- CORALINA, Cora. **Melhores poemas**. Seleção e apresentação Darcy França Denófrio. São Paulo: Global, 2008.

- COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014a.
- COSSON, Rildo. **Círculos de leitura e letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2014b.
- CRESSOT, Marcel. **O Estilo e suas técnicas**. Lisboa: Edições 70, 1947.
- CUNHA, Celso. **Nova gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Lexikon Editora Digital, 2007.
- DANTZIG, Charles. **Dictionnaire égoïste de la littérature française**. Paris: Librairie Générale Française, 2008.
- DENÓFRIO, Darcy França. Cora dos Goiasés. In: CORALINA, Cora. **Melhores poemas**. Seleção e apresentação Darcy França Denófrío. São Paulo: Global, 2008. p. 07-31.
- DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michèle; SCHNEUWLY, Bernard. Sequências Didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. (org.). **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004. p. 81-108.
- FENTRESS, James; WICKHAM, Chris. **Memória social**. Lisboa: Teorema, 1992.
- GARCIA, Othon Moacir. **Comunicação em prosa moderna: aprenda a escrever, aprendendo a pensar**. 27. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2003.
- HENRIQUES, Cláudio Cezar. **Estilística e discurso: estudos produtivos sobre texto e expressividade**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.
- KRAUSE, Gustavo Bernardo Galvão. **Redação inquieta**. Rio de Janeiro: Globo, 1985.
- LAPA, Manuel Rodrigues. **Estilística da língua portuguesa**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet**. Tradução. Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte, UFMG, 2008.
- MARTINS, Nilce Sant'Anna. **Introdução à estilística: a expressividade na língua portuguesa**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.
- MOLLICA, Maria Cecilia. **Fala, letramento e inclusão social**. São Paulo: Contexto, 2014.
- MONTEIRO, José Lemos. **A estilística**. São Paulo: Editora Ática, 1991.
- MOREIRA, Herivelto; CALEFFE, Luiz Gonzaga. **Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.
- MURRY, John Middleton. **O problema do estilo**. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1956.

PEREIRA, Maria Teresa Gonçalves. Ideias e práticas na produção textual. *In*: COELHO, Fábio André; PALOMANES, Roza (org.). **Ensino de produção textual**. São Paulo: Contexto, 2016. p. 57-73.

POSSENTI, Sírio. **Discurso, estilo e subjetividade**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

ROSA, António Ramos. **Poesia, liberdade livre**. Lisboa: Livraria Moraes Editora, 1962.

SOARES, Magda. Letramento e escolarização. *In*: RIBEIRO, Vera Masagão (org.). **Letramento no Brasil**. São Paulo: Global, 2003. p. 89-113.

SUASSUNA, Livia. Avaliação e reescrita de textos escolares: a mediação do professor. *In*: ELIAS, Vanda Maria (org.). **Ensino de língua portuguesa: oralidade, escrita e leitura**. 1.ed. São Paulo: Contexto, 2014. p. 119-134.

TEIXEIRA, Cristiane Pires. A construção da identidade feminina em Vintém de Cobre: meias confissões de Aninha. *In*: CAMARGO, Goiandira Ortiz de; Denófrio, Darcy França (org.). **Cora Coralina: celebração da volta**. Goiânia: Câne Editorial, 2006.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 17 ed. São Paulo: Cortez, 2009. (Coleção temas básicos de pesquisa-ação).

TOSTA, Antônio Luciano de Andrade. Uma in(ter)venção da memória: a universalização do particular na poesia histórica de Cora Coralina. *In*: CAMARGO, Goiandira Ortiz de; Denófrio, Darcy França (org.). **Cora Coralina: celebração da volta**. Goiânia: Câne Editorial, 2006.

ULLMANN, Stephen. **Lenguaje y estilo**. Trad. De Juan Martín Ruiz Werner. Madrid: Aguilar, 1973.

APÊNDICE A – Cora Coralina em sala de aula

Escola Municipal	
Aluno: _____	Turma: _____
Professora: <u>Daiane Brites</u>	

CORA CORALINA

Cora Coralina (1889-1985) foi uma poetisa e contista brasileira. Publicou seu primeiro livro quando tinha setenta e cinco anos e tornou-se uma das vozes femininas mais relevantes da Literatura Brasileira.

Anna Lins dos Guimarães Peixoto Bretas, conhecida como Cora Coralina, nasceu na cidade de Goiás, no Estado de Goiás e cursou apenas até a terceira série do curso primário. Profissionalmente, exerceu o ofício de doceira.

PRIMEIROS ESCRITOS

Cora Coralina começou a escrever poemas e contos quando tinha 14 anos, chegando a publicá-los em 1908, no jornal de poemas *A Rosa*, criado com algumas amigas. Em 1910, seu conto "Tragédia na Roça" foi publicado no *Anuário Histórico Geográfico do Estado de Goiás*, usando o pseudônimo de Cora Coralina.

VIDA PESSOAL

Em 1911, Cora Coralina fugiu com o advogado divorciado Cantídio Tolentino Bretas, indo morar em Jaboticabal, no interior de São Paulo. Em 1922 foi convidada a participar da Semana de Arte Moderna, mas foi impedida pelo marido.

Em 1934, depois da morte do marido, Cora Coralina tornou-se doceira para sustentar os quatro filhos. Viveu por muito tempo de sua produção de doces. Embora continuasse

escrevendo, produzindo poemas ligados à sua história e aos ambientes em que fora criada, se dizia mais doceira do que escritora. Considerava os doces cristalizados de caju, abóbora, figo e laranja, que encantavam os vizinhos e amigos, obras melhores do que os poemas escritos em folhas de caderno.

Já em São Paulo, em 1934, trabalhou como vendedora de livros. Em 1936, muda-se para Andradina, onde começa a escrever para o jornal da cidade. Em 1951 candidatou-se a vereadora. Passados cinco anos, resolveu voltar para sua cidade natal. Em 1959, com 70 anos, decidiu aprender datilografia para preparar suas poesias e entregá-las aos editores.

Carlos Drummond de Andrade teve contato com a obra de Cora Coralina e a apresentou para o Brasil, deu voz à doceira, mostrando para o público seus escritos. A partir daí, começou a ganhar notoriedade e a publicar seus textos, sendo, aos poucos, conhecida nacionalmente como a maior referência linguística do estado de Goiás.

Disponível em: https://www.ebiografia.com/cora_coralina/

Imagine que é um poeta e escreva um poema sobre você em seu caderno.

APÊNDICE B – Apresentação de alguns poemas de Cora Coralina para a turma

Minha Cidade

Goiás, minha cidade...
 Eu sou aquela amorosa
 de tuas ruas estreitas,
 curtas,
 indecisas,
 entrando,
 saindo
 uma das outras.
 Eu sou aquela menina feia da ponte da
 Lapa.
 Eu sou Aninha.

Eu sou aquela mulher
 que ficou velha,
 esquecida,
 nos teus larguinhos e nos teus becos tristes,
 contando histórias,
 fazendo adivinhação.
 Cantando teu passado.
 Cantando teu futuro.

Eu vivo nas tuas igrejas
 e sobrados
 e telhados
 e paredes.

Eu sou aquele teu velho muro
 verde de avencas
 onde se debruça
 um antigo jasmineiro,
 cheiroso
 na ruinha pobre e suja.

Eu sou estas casas
 encostadas
 cochichando umas com as outras.
 Eu sou a ramada
 dessas árvores,
 sem nome e sem valia,
 sem flores e sem frutos,
 de que gostam
 a gente cansada e os pássaros vadios.

Eu sou o caule
 dessas trepadeiras sem classe,

nascidas na frincha das pedras:
 Bravias.
 Renitentes.
 Indomáveis.
 Cortadas.
 Maltratadas.
 Pisadas.
 E renascendo.

Eu sou a dureza desses morros,
 revestidos,
 enflorados,
 lascados a machado,
 lanhados, lacerados.
 Queimados pelo fogo.
 Pastados.
 Calcinados
 e renascidos.
 Minha vida,
 meus sentidos,
 minha estética,
 todas as virações
 de minha sensibilidade de mulher,
 têm, aqui, suas raízes.

Eu sou a menina feia
 da ponte da Lapa.
 Eu sou Aninha.

Nasci Antes do Tempo

Tudo que criei e defendi
 nunca deu certo.
 Nem foi aceito.
 E eu perguntava a mim mesma
 Por quê?

Quando menina,
 ouvia dizer sem entender
 quando coisa boa ou ruim
 acontecia a alguém:
 fulano nasceu antes do tempo.
 Guardei.

Tudo que criei, imaginei e defendi
 nunca foi feito.

E eu dizia como ouvia
a moda de consolo:
nasci antes do tempo.

Alguém me retrucou.
Você nasceria sempre
antes do seu tempo.
Não entendi e disse Amém.

Mestra Silvina

Vesti a memória com meu mandrião balão.
Centrei nas mãos meu vintém de cobre.
Oferta de uma infância pobre,
inconsciente, ingênua,
revivida nestas páginas.

Minha escola primária, fostes meu ponto
de partida,
dei voltas ao mundo.
Criei meus mundos...
Minha escola primária. Minha memória
reverencia minha velha Mestra.
Nas minhas festivas noites de autógrafos,
minhas colunas de jornais
e livros, está sempre presente minha escola
primária.
Eu era menina do banco das mais atrasadas

Minha escola primária...
Eu era um casulo feio, informe,
inexpressivo.
E ela me refez, me desencantou.
Abriu pela paciência e didática da velha
mestra,
cinquantanos mais do que eu, o meu
entendimento ocluso.

A escola da Mestra Silvina...
Tão pobre ela. Tão pobre a escola...
Sua pobreza encerrava uma luz que
ninguém via.
Tantos anos já corridos...
Tantas voltas deu-me a vida...

No brilho de minhas noites de autógrafos,
Luzes, mocidade e flores à minha volta,
bruscamente a mutação se faz.

Cala o microfone, a voz da saudação.
Peça a peça se decompõe a cena,
retirados os painéis, o quadro se refaz,
tão pungente, diferente.

Toda pobreza da minha velha escola
se impõe e a mestra é iluminada de uma
nova dimensão.

Estão presentes nos seus bancos
seus livros desusados, suas lousas que
ninguém mais vê,
meus colegas relembrados.
Queira ou não, vejo-me tão pequena, no
banco das atrasadas.

E volto a ser Aninha,
Aquele em que ninguém
acreditava.

Minha Infância (Freudiana)

Éramos quatro as filhas de minha mãe.
Entre elas ocupei sempre o pior lugar.
Duas me precederam – eram lindas,
mimadas.
Devia ser a última, no entanto,
veio outra que ficou sendo a caçula.

Quando nasci, meu velho Pai agonizava,
logo após morria.
Cresci filha sem pai,
secundária na turma das irmãs.

Eu era triste, nervosa e feia.
Amarela, de rosto empalorado.
De pernas moles, caindo à toa.
Os que assim me viam – diziam:
“- Essa menina é o retrato vivo
do velho pai doente.”

Tinha medo das histórias
que ouvia, então, contar:
assombração, lobisomem, mula-sem-
cabeça.
Almas penadas do outro mundo e do
capeta.

Tinha as pernas moles
e os joelhos sempre machucados,
feridos, esfolados.
De tanto que caía.
Caía à toa.

Caía nos degraus.
Caía no lajedo do terreiro.
Chorava, importunava.
De dentro a casa comandava:
“- Levanta, moleirona.”

Minhas pernas moles desajudavam.
Gritava, gemia.
De dentro a casa respondia:
“- Levanta, pandorga”.

Caía à toa...
nos degraus da escada,
no lajedo do terreiro.
Chorava. Chamava. Reclamava.
De dentro a casa se impacientava:
“- Levanta, perna-mole...”

E a moleirona, pandorga, perna-mole
se levantava com seu próprio esforço.
Meus brinquedos...
Coquilhos de palmeira.
Bonecas de pano.
Caquinhos de louça.
Cavalinhos de forquilha.
Viagens infundáveis...
Meu mundo imaginário
mesclado à realidade.

E a casa me cortava: “menina inzoneira!”
Companhia indesejável – sempre pronta
a sair com minhas irmãs,
era de ver as arrelias
e as tramas que faziam
para saírem juntas
e me deixarem sozinha,
sempre em casa.

A rua... a rua!...
(Atração lúdica, anseio vivo da criança,
mundo sugestivo de maravilhosas
descobertas)
– proibida às meninas do meu tempo.
Rígidos preconceitos familiares,

normas abusivas de educação
– emparedavam.

A rua. A ponte. Gente que passava,
o rio mesmo, correndo debaixo da janela,
eu via por um vidro quebrado, da vidraça
empanada.

Na quietude sepulcral da casa,
era proibida, incomodava, a fala alta,
a risada franca, o grito espontâneo,
a turbulência ativa das crianças.

Contenção... motivação...
Comportamento estreito,
limitando, estreitando exuberâncias,
pisando sensibilidades.
A gesta dentro de mim...
Um mundo heroico, sublimado,
superposto, insuspeitado,
misturado à realidade.

E a casa alheada, sem pressentir a
gestação,
acrimoniosa repisava:
“- Menina inzoneira!”
O sinapismo do ablativo
queimava.

Intimidada, diminuída. Incompreendida.
Atitudes impostas, falsas, contrafeitas.
Repreensões ferinas, humilhantes.
E o medo de falar...
E a certeza de estar sempre errando...
Aprender a ficar calada.
Menina abobada, ouvindo sem responder.

Daí, no fim da minha vida,
esta cinza que me cobre...
Este desejo obscuro, amargo, anárquico
de me esconder,
mudar o ser, não ser,
sumir, desaparecer,
e reaparecer
numa anônima criatura
sem compromisso de classe, de família.

Eu era triste, nervosa e feia.
Chorona.
Amarela de rosto empalamado,

de pernas moles, caindo à toa.
Um velho tio que assim me via
dizia:
“- Esta filha de minha sobrinha é idiota.
Melhor fora não ter nascido!”

Melhor fora não ter nascido...
Feia, medrosa e triste.
Criada à moda antiga,
– ralhos e castigos.
Espezinhada, domada.
Que trabalho imenso dei à casa
para me torcer, retorcer,
medir e desmedir.
E me fazer tão outra,
diferente,

O Prato Azul-Pombinho

Minha bisavó – que Deus a tenha em
glória-
sempre contava e recontava
em sentidas recordações
de outros tempos
a estória de saudade
daquele prato azul-pombinho.

Era uma estória minuciosa.
Comprida, detalhada.
Sentimental.
Puxada em suspiros saudosistas
e ais presentes.
E terminava invariavelmente,
depois do caso esmiuçado:
“- Nem gosto de lembrar disso...”
É que a estória se prendia
aos tempos idos em que vivia
minha bisavó
que fizera deles seu presente e seu futuro.

Voltando ao prato azul- pombinho
que conheci quando menina
e que deixou em mim
lembança imperecível.
Era um prato sozinho,
último remanescente, sobrevivente,
sobra mesmo, de uma coleção,
de um aparelho antigo
de 92 peças.

do que eu deveria ser.
Triste, nervosa e feia.
Amarela de rosto empapuçado.
De pernas moles, caindo à toa.
Retrato vivo de um velho doente.
Indesejável entre as irmãs.

Sem carinho de Mãe.
Sem proteção de Pai...
– melhor fora não ter nascido.

E nunca realizei nada na vida.
Sempre a inferioridade me tolheu.
E foi assim, sem luta, que me acomodei
na mediocridade de meu destino.

Isto contava com emoção, minha bisavó,
que Deus haja.

Era um prato original,
muito grande, fora de tamanho,
um tanto oval.
Prato de centro, de antigas mesas
senhoriais
de família numerosa.
De faustos casamentos e dias de batizado.

Pesado.Com duas asas por onde segurar.
Prato de bom-bocado e de mães-bentas.
De fios de ovos.
De receita dobrada
de grandes pudins,
recendendo a cravo,
nadando em calda.

Era, na verdade, um enlevo.
Tinha seus desenhos
em miniaturas delicadas:
Todo azul-forte,
em fundo claro
num meio – relevo.
Galhadas de árvores e flores
estilizadas.
Um templo enfeitado de lanternas.
Figuras rotundas de entremez.
Uma ilha. Um quiosque rendilhado.
Um braço de mar.
Um pagode e um palácio chinês.
Uma ponte.

Um barco com sua coberta de seda.
Pombos sobrevoando.

Minha bisavó
traduzia com sentimento sem igual,
a lenda oriental
estampada no fundo daquele prato.
Eu era toda ouvidos.
Ouvia com os olhos, com o nariz, com a boca,
com todos os sentidos,
aquela estória da Princesinha Lui,
lá da China – muito longe de Goiás –
que tinha fugido do palácio, um dia,
com um plebeu do seu agrado
e se refugiado num quiosque muito lindo
com aquele a quem queria,
enquanto o velho mandarim – seu pai –
concertava, com outro mandarim de nobre casta,
detalhes complicados e cerimoniosos
de seu casamento com um príncipe todo-poderoso,
chamado Li.

Então, o velho mandarim,
que aparecia também no prato,
de rabicho e de quimono,
com gestos de espanto e cercado de aparato,
decretou que os criados do palácio
incendiassem o quiosque
onde se encontravam os fugitivos
namorados.

E lá estavam no fundo do prato,
– oh, encanto de minha meninice! –
pintadinhos de azul,
uns atrás dos outros – atravessando a ponte,
com seus chapeuzinhos de bateia
e suas japoninhas largas,
cinco miniaturas de chinês.
Cada qual com sua tocha acesa
– na pintura-
para por fogo no quiosque
– da pintura.

Mas ao largo do mar alto
balouçava um barco altivo

com sua coberta de prata,
levando longe o casal fugitivo.

Havia, como já disse,
pombos esvoaçando.
E um deles levava, numa argolinha do pé,
mensagem da boa ama,
dando aviso a sua princesa e dama,
da vingança do velho mandarim.

Os namorados então
na calada da noite,
passaram sorrateiros para o barco,
driblando o velho, como se diz hoje.
E era aquele barco que balouçava
no mar alto da velha China,
no fundo do prato.

Eu era curiosa para saber o final da estória.
Mas o resto, por muito que pedisse,
não contava minha bisavó.
Dali pra frente a estória era omissa.
Dizia ela – que o resto não estava no prato
nem constava do relato.
Do resto, ela não sabia.
E dava o ponto final recomendado.
“- Cuidado com esse prato!
É o último de 92”.

Devo dizer – esclarecendo,
esses 92 não foram do meu tempo.
Explicava minha bisavó
que os outros – quebrados, sumidos,
talvez roubados –
traziam outros recados, outras legendas,
prebendas de um tal Confúcio
e baladas de um vate
chamado Hipeng.

Do meu tempo só foi mesmo
aquele último
que, em raros dias de cerimônia
ou festas do Divino,
figurava na mesa em grande pompa,
carregado de doces secos, variados,
muito finos,
encimados por uma coroa
alvacenta e macia
de cocadas-de-fita.

Às vezes, ia de empréstimo
à casa da boa tia Nhorita.
E era certo no centro da mesa
de aniversário, com sua montanha
de empadas, bem tostadas.
No dia seguinte, voltava.
conduzido por um portador
que era sempre o Abdênago, preto de
valor,
de alta e mútua confiança.

Voltava com muito-obrigados
e, melhor – cheinho
de doces e salgados.
Tornava a relíquia para o relicário
que no caso era um grande e velho
armário,
alto e bem fechado.
- “Cuidado com o prato azul-pombinho”
dizia minha bisavó,
cada vez que o punha de lado.

Um dia, por azar,
sem se saber, sem se esperar,
artes do salta-caminho,
partes do capeta,
fora do seu lugar, apareceu quebrado,
feito em pedaços – sim senhor-
o prato azul-pombinho.
Foi um espanto. Um torvelinho.
Exclamações. Histeria coletiva.
Um deus nos acuda. Um rebuliço.
Quem foi, quem não foi?...

O pessoal da casa se assanhava.
Cada qual jurava por si.
Achava seus bons álibis.
Punia pelos outros.
Se defendia com energia.
Minha bisavó teve “aquela coisa”
(Ela sempre tinha “aquela coisa” em casos
tais”)
Sobreveio o flato.
Arrotando alto, por fim, até chorou...

Eu (emocionada), vendo o pranto de minha
bisavó,
lembrando só
da princesinha Lui -

que já tinha passado a viver no meu
inconsciente
como ser presente,
comecei a chorar
– que chorona sempre fui.

Foi o bastante para ser apontada e acusada
de ter quebrado o prato.
Chorei mais alto, na maior tristeza,
comprometendo qualquer tentativa de
defesa.
De nada valeu minha fraca negativa.
Fez-se o levantamento de minha vida
pregressa de menina
e a revisão de uns tantos processos
arquivados.
Tinha já quebrado – em tempos alternados,
três pratos, uma compoteira de estimação,
uma tigela, vários pires e a tampa de uma
terrina.

Meus antecedente, até,
não eram muito bons.
Com relação a coisas quebradas
nada me abonava.
E o processo se fez, à revelia da ré,
e com esta agravante:
tinha colado no meu ser magricela, de
menina,
vários vocativos
adesivos, pejorativos:
inzoneira, buliçosa e malina.

Por indução e conclusão,
era eu mesma que tinha quebrado o prato
azul-pombinho.

Reuniu-se o conselho de família
E veio a condenação à moda do meu
tempo:
uma boa tunda de chineladas.

Aí ponderou minha bisavó
umas tantas atenuantes a meu favor.
E o castigo foi comutado
para outro, bem lembrado, que melhor
servisse a todos
de escarmento e de lição:
trazer no pescoço por tempo
indeterminado,

amarrado de um cordão,
um caco do prato quebrado.

O dito, melhor feito.
Logo se torceu no fuso
um cordão de novelão.
Encerado foi. Amarrou-se a ele um caco,
de bom jeito,
em forma de meia-lua.
E a modo de colar, foi posto em seu lugar,
isto é, no meu pescoço.
Ainda mais
agravada a penalidade:
proibição de chegar na porta da rua.
Era assim, antigamente.

Poema do Milho

Milho...
Punhado plantado nos quintais.
Talhões fechados pelas roças.
Entremeado nas lavouras,
Baliza marcante nas divisas.
Milho verde. Milho seco.
Bem granado, cor de ouro.
Alvo. Às vezes vareia
- espiga roxa, vermelha, salpintada.

Milho virado, maduro, onde o feijão
enrama
Milho quebrado, debulhado
na festa das colheitas anuais.
Bandeira de milho levada para os montes
largada pelas roças.
Bandeiras esquecidas na fartura.
Respiga descuidada
dos pássaros e dos bichos.

Milho empaiolado.
Abastança tranquila
do rato,
do caruncho.
do cupim.

Palha de milho para o colchão.
Jogada pelos pastos.
Mascada pelo gado.
Trançada em fundos de cadeiras.

Dizia-se aquele, um castigo atinente,
de ótima procedência. Boa coerência.
Exemplar e de alta moral.

Chorei sozinha minhas mágoas de criança.
Depois, me acostumei com aquilo.
No fim, até brincava com o caco
pendurado
E foi assim que guardei
no armarinho da memória, bem guardado,
e posso contar aos meus leitores,
direitinho,
a estória, tão singela,
do prato azul- pombinho.

Queimada nas coivaras.
Leve mortalha de cigarros.
Balaio de milho trocado com o vizinho
no tempo da planta.
“- Não se planta, nos sítios, semente da
mesma terra”.

Ventos rondando, redemoinhando.
Ventos de outubro.

Tempo mudado. Revoo de saúva.
Trovão surdo, tropeiro.
Na vazante do brejo, no lameiro,
o sapo-fole, o sapo-ferreiro, o sapo-
cachorro.
Acauã de madrugada
marcando o tempo, chamando chuva.
Roça nova encoivarada,
começo de brotação.
Roça velha destocada.
Palhada batida, riscada de arado.

Barrufo de chuva.
Cheiro de terra; cheiro de mato,
Terra molhada, Terra saroia.
Noite chuvada, relampeada.
Dia sombrio. Tempo mudado, dando
sinais.
Observatório: lua virada. Lua pendida...

Circo amarelo, distanciado,
marcando chuva.
Calendário, Astronomia do lavrador.

Planta de milho na lua-nova.
Sistema velho colonial.
Planta de enxada.
- Seis grãos na cova,
quatro na regra, dois de quebra.
Terra arrastada com o pé,
pisada, incalcada, mode os bichos.

Lanceado certo-cabo-da-enxada.
Vai, vem... sobe, desce...
terra molhada, terra saroia . . .
- Seis grãos na cova; quatro na regra, dois
de quebra.

Sobe. Desce...
Camisa de riscado, calça de mescla
Vai, vem...
golpeando a terra, o plantador.

Na sombra da moita,
na volta do toco - o ancorote d'água.

Cavador de milho, que está fazendo?
Há que milênios vem você plantando.
Capanga de grãos dourados a tiracolo.
Crente da Terra, Sacerdote da terra.
Pai da terra.
Filho da terra.
Ascendente da terra.
Descendente da terra.
Ele, mesmo; terra.

Planta com fé religiosa.
Planta sozinho, silencioso.
Cava e planta.
Gestos pretéritos, imemoriais.
Oferta remota, patriarcal.
Liturgia milenária.
Ritual de paz.

Em qualquer parte da Terra
um homem estará sempre plantando,
recriando a Vida.
Recomeçando o Mundo.

Milho plantado; dormindo no chão,
aconchegados
seis grãos na cova.
Quatro na regra, dois de quebra.
Vida inerte que a terra vai multiplicar

Evém a perseguição:
o bichinho anônimo que espia, pressente.
A formiga-cortadeira - quenquém.
A ratinha do chão, exploradeira.
A rosca vigilante na rodilha,
O passo-preto vagabundo, galhofeiro,
vaiando, sorrindo...
aos gritos arrancando, mal aponta.
O cupim clandestino
roendo, minando,
só de ruindade.

E o milho realiza o milagre genético de
nascer:
Germina. Vence os inimigos,
Aponta aos milhares.
- Seis grãos na cova.
- Quatro na regra, dois de quebra,
Um canudinho enrolado.
Amarelo-pálido,
frágil, dourado, se levanta.
Cria sustância.
Passa a verde.
Liberta-se. Enraíza,
Abre folhas espaldeiradas.
Encorpa. Encana. Disciplina,
com os poderes de Deus.

Jesus e São João
desceram de noite na roça,
botaram a bênção no milho,
E veio com eles
uma chuva maneira, criadeira, fininha,
uma chuva velhinha,
de cabelos brancos,
abençoando
a infância do milho.

O mato vem vindo junto,
Sementeira.

As pragas todas, conluiadas.
Carrapicho. Amargoso. Picão.
Marianinha. Caruru-de-espinho.

Pé-de-galinha. Colchão.
 Alcança, não alcança.
 Competição.
 Pac... Pac... Pac...
 a enxada canta.
 Bota o mato abaixo.
 Arrasta uma terrinha para o pé da planta.
 “- Carpa bem feita vale por duas...”
 quando pode. Quando não... sarobeia.
 Chega terra. O milho avoa.

Cresce na vista dos olhos.
 Aumenta de dia. Pula de noite.
 Verde. Entonado, disciplinado, sadio.

Agora...
 A lagarta da folha,
 lagarta rendeira...
 Quem é que vê?
 Faz renda da folha no quieto da noite.
 Dorme de dia no olho da planta,
 Gorda; Barriguda. Cheia.
 Expurgo... Nada... força da lua...
 Chovendo acaba - a Deus querê.

“O mio tá bonito...”
 “- Vai sê bão o tempo pras lavoras todas...”
 “- O mio tá marcando...”
 Condicionando o futuro:
 “- O roçado de seu Féli tá qui fais gosto...
 Um refrigério!”
 “- O mio lá tá verde qui chega a s’tar
 azur...”
 Conversam vizinhos e compadres.

Milho crescendo, garfando,
 esporando nas defesas...
 Milho embandeirado.
 Embalado pelo vento.

“Do chão ao pendão, 60 dias vão”.

Passou aguaceiro, pé de vento.
 “- O milho acamou...” “- Perdido?”...
 Nada...
 Ele arriba com os poderes de Deus”...
 E arribou mesmo, garboso, empertigado,
 vertical.

No cenário vegetal

um engraçado boneco de frangalhos
 sobreleva, vigilante.
 Alegria verde dos periquitos gritadores...
 Bandos em sequência... Evolução...
 Pousos... retrocesso.

Manobras em conjunto.
 Desfeita formação.
 Roedores grazinando, se fartando,
 foliando, vaiando
 os ingênuos espantalhos.

“Jesus e São João
 andaram de noite passeando na lavoura
 e botaram a bênção no milho”.
 Fala assim gente de roça e fala certo.
 Pois não está lá na taipa do rancho
 o quadro deles, passeando dentro dos
 trigais?
 Analogias... Coerências.

Milho embandeirado
 bonecando em gestação.
 - Senhor!... Como a roça cheira bem!
 Flor de milho, travessa e festiva.
 Flor feminina, esvoaçante, faceira.
 Flor masculina - lúbrica, desgraciosa.

Bonecas de milho túrgidas,
 negaceando, se mostrando vaidosas.
 Túnicas, sobretúnicas...
 saias, sobressaias...
 Anáguas... camisas verdes.
 Cabelos verdes...
 - Cabeleiras soltas, lavadas, despenteadas...
 - O milharal é desfile de beleza vegetal.

Cabeleiras vermelhas, bastas, onduladas.
 Cabelos prateados, verde-gaio.
 Cabelos roxos, lisos, encrespados.
 Destranchados.
 Cabelos compridos, curtos,
 queimados, despenteados...
 Xampu de chuvas...
 Fragrâncias novas no milharal.
 - Senhor, como a roça cheira bem!...

As bandeiras altaneiras
 Vão-se abrindo em formação.
 Pendões ao vento.

Extravaseio da libido vegetal.
 Procissio flica, paga.
 Um sentido genésico domina o milharal.
 Flor masculina erótica, libidinosa,
 polinizando, fecundando
 a florada adolescente das bonecas.

Boneca de milho, vestida de palha...
 Sete cenários defendem o grão
 Gordas, esguias, delgadas, alongadas.
 Cheias, fecundadas.
 Cabelos soltos excitantes.
 Vestidas de palha.
 Sete cenários defendem o grão.
 Bonecas verdes, vestidas de noiva.
 Afrodisíacas, nupciais...

De permeio algumas virgens loucas...
 Descuidadas. Desprovidas.
 Espigas falhadas. Fanadas. Macheadas.

Cabelos verdes. Cabelos brancos.
 Vermelho-amarelo-rosa, requeimado...
 E o pólen dos pendões fertilizando...
 Uma fragrância quente, sexual...
 Invade num espasmo o milharal.

A boneca fecundada vira espiga.
 Amortece a grande exaltação.
 Já não importam as verdes cabeleiras
 rebeladas.

A espiga cheia salta da haste.
 O pendão flico vira ressecado,
 esmorecido,
 No sagrado rito da fecundação.

Tons maduros de amarelo.
 Tudo se volta para a terra-mãe.
 O tronco seco é um suporte, agora,
 onde o feijão verde trança, enrama, enflora.

Montes de milho novo, esquecidos,
 Marcando claros no verde que domina a
 roça.
 Bandeiras perdidas na fatura das colheitas.
 Bandeiras largadas, restolhadas.
 E os bandos de passo-pretos galhofeiros
 Gritam e cantam na respiga das palhadas.

“Não andeis a respigar” – diz o preceito
 bíblico.

O grão que cai é o direito da terra.
 A espiga perdida – pertence às aves
 Que têm seus ninhos e filhotes a cuidar.
 Basta para ti, lavrador,
 O monte alto e a tulha cheia.
 Deixa a respiga para os que não plantam
 nem colhem.

- O pobrezinho que passa.
 - Os bichos da terra e os pássaros do céu.

APÊNDICE C – Reflexões sobre o poema *Cora Coralina, Quem É Você?* e escrita do texto final pelos alunos

QUEM SOU EU?

O poema a seguir, *Cora Coralina, Quem É Você?*, revela o retrato do contexto histórico e cultural que possibilitou o surgimento da poetisa.

Por meio dele, é possível conhecer seu contexto familiar, suas dificuldades para estudar, sua paixão por ser doceira, etc.

Ao longo dos versos, compreendemos não apenas o trajeto pessoal da autora ao longo dos momentos de sua vida – infância, adolescência, vida adulta e velhice –, também descobrimos hábitos de sua região, no interior do Brasil.

Cora Coralina, Quem É Você?

Sou mulher como outra qualquer.
Venho do século passado
e trago comigo todas as idades.

Nasci numa rebaixa de serra
entre serras e morros.
"Longe de todos os lugares".
Numa cidade de onde levaram
o ouro e deixaram as pedras.

Junto a estas decorreram
a minha infância e adolescência.

Aos meus anseios respondiam
as escarpas agrestes.
E eu fechada dentro da imensa serra
que se azulava na distância
longínqua.

Numa ânsia de vida eu abria
o vôo nas asas impossíveis
do sonho.

Venho do século passado.
Pertencço a uma geração
ponte, entre a libertação
dos escravos e o trabalhador livre.
Entre a monarquia
caída e a república
que se instalava.

Todo o ranço do passado era
presente.
A brutalidade, a incompreensão,
a ignorância, o carrancismo.

Os castigos corporais.
Nas casas. Nas escolas.
Nos quartéis e nas roças.
A criança não tinha vez,
os adultos eram sádicos
aplicavam castigos humilhantes.

Tive uma velha mestra que já

havia ensinado uma geração
antes da minha.

Os métodos de ensino eram
antiquados e aprendi como letras
em livros superados de q
ninguém mais fala.

Nunca os algarismos eu
entraram no entendimento.
De certo pela pobreza que marcaria
para sempre minha vida.
Precisei pouco dos números.

Sendo eu mais doméstica do
que intelectual,
não escrevo jamais de forma
consciente e raciocinada, e sim

impelida por um impulso incontrolável.
Sendo assim, tenho a
Consciente de ser autêntica.

Nasci para escrever, mas o meio,
o tempo, como criaturas e fatores
outros contramarcaram minha vida.

Sou mais doceira e cozinheira
do que escritora, sendo uma culinária
a mais nobre de todas as artes:
objetiva, concreta, jamais abstrata
a que está ligada à vida e
à saúde humana.
[...]

AGORA É A SUA VEZ...

Inspirado no poema *Cora Coralina, Quem É Você?*, faça uma reflexão sobre você e suas particularidades. Leia o poema da autora e, em seguida, crie seu próprio poema mostrando quem é você.

ANEXO A – Texto original da aluna A

, Quem é você?
 Sou garoto, em breve serei mulher
 e trago em mim
 o que muitas lutaram
 para ter.

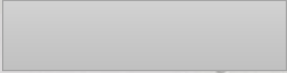
Com uma infância tranquila
 me vi sempre me encontrando
 pensando num mundo distante
 e acabei nunca ~~o~~ ~~achando~~ achando.

Pertinho a nova geração de
 mulheres
 a mesma que tantas morreram
 para hoje se realizar.

A geração que pode escolher
 com quem pode se casar.

Com tão poucos planos para
 o futuro.
 resolvo viver o presente,
 e assim tanto ter ~~sem~~ viver
 tranquilamente.

ANEXO B – Texto original do aluno B

 quem é você?

Eu sou menino,
como qualquer outro.
Sou novo, tenho apenas
catorze anos de idade.

Nasci na Sertão de São,
entre serras e mares.
Viajei cedo para os torões
do Rio de Janeiro.

Brinquei a minha infância toda
as as livre
E na vida gome também,
acompanhado sempre de meu irmão

na vida gome
nunca fui tão bom
mas na as livre
eu era o melhor.

ANEXO C – Texto original do aluno C

Quem é você?

SOU HOMEM COMO OUTRO QUALQUER,
SOU DO SÉCULO 21
OU DA FAMOSA GERAÇÃO "MIMIMI"

NÃO QUEREM TRABALHAR OU ESTUDAR
SÓ FICAM NESSA DE CELULAR
TÊM MUITAS OPINIÕES PARA DAR
MAS NÃO POSSO AS EXPRESSAR

QUANDO ERA PEQUENO GOSTAVA DE PULAR,
CORRER, BRINCAR E DANÇAR
HOJE DISSO ME FALTA VONTADE
AMIGOS SE FORAM, SONHOS SE FORAM.

HOJE MORO NUM LUGAR DOMINADO POR ELES
SE É QUE VOCÊ ME ENTENDE
QUE ANTES ERA UM MAR DE CRIANÇAS
HOJE É REPLETO DE ÓDIO E ILUSÃO

ANEXO D – Texto original do aluno D

Quem é você, [redacted]?

Sou uma mulher jovem.
Estou apenas no começo
da minha vida, mas trago
comigo todas as evoluções.

Nasci em uma família pobre
e humilde.

Cresci entre mulheres
extremamente educadas e
determinadas. Mulheres que sempre
lutaram pelos seus direitos, e pelos
seus homens.

Preferindo ser assim.

Queria ser como elas, e
como todas as outras que ^{vieram} vinham
antes de mim.

Sou assim, com esperança
e com sonhos.

Com medos e com desejos.

E por fim, sou apenas uma
jovem repleta de sonhos.

ANEXO E – Texto original do aluno E

[redacted], Quem é você?

Sou uma garota de 14 anos.
E tenho comigo muitos problemas
como ansiedade, dependência emocional
muito estresse e etc...

Devo uma vida bastante complicada
e isso está me matando por dentro,
mas sempre tento manter um sorriso
no rosto, mesmo com todas as dores...

Sinto saudade da minha infância
de como eu era feliz e de que eu
não ligava para o que as outras
falavam de mim.

Vou confessar que tenho medo.
não da morte do corpo, mas das sombras.
Medo de morrer com as almas ruins numa
alma presa. Medo de me perder na
correria e não me encontrar mais em
mim ao sossego...